FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – FAJE

DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA

CARLOS CÉSAR DE SOUSA

O MESTRE JESUS NO EVANGELHO DE JOÃO

Uma Leitura do Ensino de Jesus como Modelo de Seguimento para a Comunidade Cristã

Dissertação de Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Pe. Johan Konings

BELO HORIZONTE

2007

CARLOS CÉSAR DE SOUSA

O MESTRE JESUS NO EVANGELHO DE JOÃO

Uma Leitura do Ensino de Jesus como Modelo de Seguimento para a Comunidade Cristã

Dissertação apresentada
como parte dos requisitos
para obtenção do grau de
mestre em teologia

Departamento de Teologia
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE
Belo Horizonte, fevereiro de 2007

Agradecimentos

- **À CAPES que financiou esta pesquisa.**
- **Ao Pe. Johan Konings pela dedicação com que orientou este trabalho.**
- **Ao Instituto Religioso Nova Jerusalém, na pessoa do Pe. Caetano, pai e mestre de nossa família religiosa.**
- **À minha mãe e meu pai (*in memoriam)*, meus primeiros mestres.**

RESUMO

A vida de Jesus sempre será uma fonte inesgotável para os seus discípulos de todos os tempos. Sempre trará inspiração àqueles que desejarem segui-lo. Não poderíamos, entretanto, esgotar todo o significado de sua vida e de suas palavras em sua coerência perfeita. Portanto, delimitamos seis perícopes joaninas que evidenciam a práxis de Jesus como ensinamento para a comunidade cristã, como uma tentativa de obedecer a Jesus quando diz "vinde e vede" e, assim, podermos participar do seu caminho, possibilitando com isso um encontro pessoal com este Mestre cuja vida se revela no seguimento efetivado pela sua comunidade. A Igreja como missionária do Mestre Ressuscitado, em contínuo exercício de discipulado, agora faz ecoar no mundo o seu testemunho com a força de quem por aquele Mestre foi enviada. Tal como foi eficaz a palavra e a práxis de Jesus na Igreja nascente, também agora cada batizado, enquanto discípulo cristão, no tempo em que vive, reconhece-se como membro da mesma comunidade de seguidores, que por sua vez tende a viver a mesma práxis do Mestre Jesus.

SOMMARIO

La vita di Gesù sarà sempre una fonte inesauribile per i suoi discepoli di tutti i tempi. Sempre sarà di ispirazione per quelli che desiderano seguirlo. Non sarebbe stato possibile, però, esaurire tutto il significato della sua vita e delle sue parole nelle loro perfetta coerenza. Quindi, abbiamo delimitato sei pericopi giovannee che evidenziano la *praxis* di Gesù come insegnamento per la comunità cristiana, come un tentativo di obbedire a Gesù quando dice "venite e vedete" e, così, poter partecipare al suo cammino, con ciò rendendo possibile un incontro personale con questo Maestro la cui vita si rivela nella sequela vissuta della comunità. La Chiesa come missionaria del Maestro Risorto, in continuo esercizio di discepolato, fa adesso risuonare nel mondo la sua testimonianza con la forza di chi è stato inviato da quel Maestro. Così come sono state efficaci le parole e la *praxis* di Gesù nella Chiesa nascente, così anche ogni battezzato, in quanto discepolo cristiano, nel tempo in cui vive, si riconosce come membro della stessa comunità di seguitori, che a sua volta, tende a vivere la stessa *praxis* del Maestro Gesù.

PALAVRAS-CHAVE

Seguimento, Jesus Mestre, Comunidade, Discípulo, Evangelho de João, Igreja, Ensino, Paráclito, Fidelidade, Missão, Práxis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

1. ESTADO DA QUESTÃO: JESUS E A FIGURA DO MESTRE NO HORIZONTE DA CONTEMPORANEIDADE JOANINA **14**

1.1. Rudolf Schnackenburg: a conduta de Jesus como ensino prático aos seus discípulos **14**

1.1.1. O sentido do discipulado como compromisso e configuração com o mestre **14**
1.1.2. A comunidade como lugar de comunhão e identidade **16**
1.1.3. A perspectiva universal da comunidade dos discípulos **17**

1.2. R.E. Brown: a condução do Paráclito como critério fundamental para o ser mestre **18**

1.3. Léon-Dufour: seguir Jesus é optar por seu exemplo e ensino **21**

1.4. Frédérick Manns: Jesus e a [des] continuidade de uma tradição rabínica **24**

1.5. Outros estudos relevantes **27**

1.5.1. G. Vermès e o discipulado em relação ao Jesus Histórico **27**
1.5.2. Charles H. Dodd: o discípulo sobre o fundo do judaísmo e helenismo **29**
1.5.3. J. Andrew Overmann: o discípulo e o judaísmo formativo **32**

1.6. Síntese **35**

2. JESUS, MESTRE ENSINANTE NO EVANGELHO DE JOÃO **39**

2.1. Mestre, onde moras? (Jo 1,38) **39**

2.2. Jesus e o mestre de Israel, Nicodemos (Jo 3,1-21) 43

2.3. "Ensinados por Deus" (Jo 6,45) 48

2.4. Jesus ensina no Templo (Jo 7) 52

2.5. Jesus e o seu exemplo de Mestre (Jo 13,1-20) 58

2.6. O Mestre Glorificado (Jo 20, 1-18) 63

2.7. Síntese 66

3. JESUS MESTRE E A PRÁTICA ECLESIAL HOJE 69

3.1. A Igreja como escola de discipulado: Mater et Magistra 73

3.2. A prática eclesial como extensão do ensinamento de Jesus 77

***3.2.1. Necessidade da Inculturação* 80**
***3.2.2. Conferências do Episcopado Latino Americano* 82**

3.3. A prática de Jesus como ensinamento: interpretação para o cristão de hoje 85

***3.3.1. A memória de Jesus* 85**
***3.3.2. O cristão como expressão da ação salvífica de Deus no mundo* 88**
***3.3.3. Dimensão sócio-política* 90**
***3.3.4. Dimensão ecológica* 92**

3.4. Síntese 95

CONCLUSÃO 99

BIBLIOGRAFIA 105

SIGLAS E ABREVIATURAS

Bíblias:

LXX	*Septuaginta (tradução dos Setenta)*
TEB	*Tradução Ecumênica da Bíblia*

Documentos da Igreja:

AG	*Ad Gentes*
CA	*Centesimus Annus*
DCE	*Deus Caritas Est*
DV	*Dei Verbum*
EV	*Evangelium Vitae*
GS	*Gaudium et Spes*
LG	*Lumen Gentium*
MM	*Mater et Magistra*
PB	*Puebla*
SD	*Santo Domingo*

Dicionários:

DCFT	*Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*
DCT	*Dicionário Crítico de Teologia*
DTB	*Dicionário de Teologia Bíblica*

Periódicos:

PT	*Perspectiva Teológica*
RBB	*Revista Bíblica Brasileira*
RIBLA	*Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*

Outros:

BAC	*Biblioteca de Autores Cristianos*
CTI	*Comissão Teológica Internacional*
CV II	*Concílio Vaticano II*

INTRODUÇÃO

Ser cristão é ser discípulo. E tal condição, tanto mais for vivida em proximidade, tanto pelo conhecimento como pela experiência de fé, em relação ao seu mestre, mais o seu testemunho será autêntico naquilo a que se propõe. É fundamental que todos os batizados, em constante *retorno* à vida de Jesus, procurem aí a sua escola de vida, onde, vendo o exemplo do Mestre, possam a cada dia nortear o seu testemunho tão necessário nos dias e na realidade em que vivem.

O que se pretende nesta dissertação é lançar o olhar para a vida do Mestre Jesus, com a finalidade de conhecer mais o Mestre para entender e viver melhor o sentido do discipulado e a caminhada cristã. Nesse sentido, o tema escolhido para ser dissertado nesta presente pesquisa, *o Mestre Jesus no evangelho de João,* procurando assim fazer *uma leitura de sua práxis como ensinamento para a comunidade cristã,* não tem como objetivo abarcar todos os aspectos de sua vida e de seus ensinamentos em todo o evangelho joanino. E nem poderíamos fazê-lo. Para tanto, pensamos ser suficiente a consideração de algumas perícopes que nos trariam base para a reflexão aqui pretendida.

Não poderíamos aprofundar esta pesquisa sem contar com a indispensável ajuda de autores renomados na temática, cujas obras literárias significam caminhos abertos para a reflexão. No entanto, foi no próprio evangelho de João que buscamos esta leitura. Não deixa de ser uma ousadia, porém mais ainda uma necessidade, pois nada melhor que a própria fonte onde se pode encontrar aquilo que só ela tem como original. As palavras e ações de Jesus constituem, portanto, para nós, o lugar de encontro com as raízes do seguimento cristão. Fora daí, não se pode compreender o sentido do chamado a segui-lo, muito menos as motivações para a perseverança, se não for pela força de seu exemplo.

O objetivo principal desta dissertação é descrever o perfil de Jesus como Mestre no evangelho de João, ainda que em perícopes escolhidas, a partir de sua pertinência no quadro teológico deste mesmo evangelho. A partir desta descrição e, conseqüentemente,

compreensão do termo, procurar perceber a aplicação pastoral da figura do Mestre e da realidade do ensino na pastoral hoje. O horizonte que temos como perspectiva é o da aplicação do exemplo de Jesus na prática do ensino a partir da própria vida, nos diversos âmbitos cristãos e eclesiais.

Não priorizaremos, por uma questão de método, os pormenores exegéticos da análise textual, mas utilizaremos um método de leitura narrativa, no nível da catequética. É uma pesquisa que tem como perspectiva a explicitação de como o Mestre rabínico influenciou o conceito de Mestre em João e como Jesus viveu o seu magistério como proposta de vida para os seus seguidores até propor uma verdadeira comunhão com aqueles que por ele e por sua causa se decidem.

Sabemos pela própria tradição bíblica que Jesus, em sua condição de mestre, não é o primeiro como tal. Houve muitos mestres antes dele. Mas com o seu jeito, propósito e missão ele inaugura um caminho extremamente novo. Ele é unido aos seus discípulos como a videira e os ramos (cf. Jo 15,5); mais que momentos de convivência, ele *permanece* com aqueles que chamou (cf. Jo 15,4); não somente ensina, mas ama e é capaz de dar a vida pelos seus (cf. Jo 15,12-17). E ainda que seja Mestre e Senhor, se faz escravo e humildemente submisso (cf. Jo 13, 13-15).

Os critérios de "formar escola" do Mestre Jesus não se reduzem aos comuns à sua época. Tudo nasce da vontade do Pai (cf. Jo 14,10-11). Ninguém pode ser seu discípulo se o Pai não atrair (cf. Jo 6,44). E como não é um Mestre entre os demais, diante dele é necessário um posicionamento decisivo: adesão ou recusa. Aí não cabe a indiferença, nem uma terceira opção. Se ele marca o início da plenitude (cf. Gl 4,4), fazendo-se a palavra mais clara e definitiva de Deus (cf. Hb 1,1ss), todos, a partir daí, são responsáveis pela decisão que tomarem.

É isso que procuraremos explicitar no percurso desta nossa pesquisa, como Jesus ensina e, conseqüentemente, o que a comunidade deve aprender e apreender para si como continuadora de sua missão. É uma forma dela auto-compreender-se. E mais, a fidelidade da comunidade naquilo que aprendeu do Mestre é imprescindível para que a humanidade creia no mundo novo e possível que se estrutura no amor oblativo que tem como fonte o próprio Deus. Assim a vontade de Deus realiza-se em Jesus, que a propõe à comunidade dos seus seguidores que, por sua vez, testemunha ao mundo.

Abordaremos nossa temática numa estrutura tríplice. Percorrido o *status quaestionis*, num segundo momento centralizaremos nossa reflexão na análise das perícopes

e, finalmente, procuraremos perceber o fruto do ensino de Jesus na vida eclesial, onde ao mesmo tempo se dão passos de instrução e de discipulado.

No primeiro capítulo, pela importância dos estudos realizados, escolhemos alguns comentários sobre João e estudos sobre Jesus, de valor reconhecido na atualidade. Não foi nossa pretensão esgotar o *status quaestionis* com esses estudos - e nem poderíamos -, porém consideramo-los válidos para o fio condutor que optamos seguir.

Em todo o evangelho de João encontraríamos fundamento para desenvolver este tema da práxis de Jesus para a comunidade cristã. No entanto, diante de uma fonte tão ampla e profunda, seria preciso bem mais que uma dissertação de mestrado para alcançar tal objetivo. Porém, por uma necessidade de delimitação, nos limitamos a seis perícopes, que nos proporcionaram conteúdo suficiente para o que queríamos, ainda que conscientes de não tê-las esgotado. São elas: Jo 1,38 (Jesus e os primeiros discípulos); Jo 3,1-21 (Jesus e Nicodemos); Jo 6,45 ("Todos serão ensinados por Deus"); Jo 7 (o ensino de Jesus no Templo); Jo 13,1-20 (o exemplo do Mestre Jesus) e, finalmente, Jo 20,1-18 (o Mestre glorificado). A centralidade de nossa pesquisa encontra-se neste segundo capítulo.

Ao analisar cada perícope, observando assim o Mestre Jesus, procuramos favorecer a compreensão do verdadeiro discipulado. Porque é diante do mestre, na fidelidade do seguimento que o discípulo constrói e amplia o caminho por ele começado. Entre Mestre e discípulo o *permanecer* tão valorizado pelo Quarto Evangelho deve ser recíproco. O papel dos discípulos em face de cada palavra e atitude de Jesus representa a própria Igreja, sua comunidade presente no mundo, que também se vê na necessidade de ao longo de sua caminhada histórica, não perder a força de suas raízes, estando sempre a beber da água da fonte que também a tornará fonte para a humanidade (cf. Jo 4,14; cf. ainda Jr 2,13; Is 58,11). Daí a necessidade de dedicarmos o terceiro e último capítulo à prática eclesial face à vida e testemunho de seu mestre.

O Mestre de verdade nasce do verdadeiro discípulo. Ao deixar sob os cuidados dos seus discípulos e, portanto, de sua Igreja, a sua missão a ser continuada aqui na terra (cf. Jo 20,21), Jesus constitui os então discípulos agora mestres. Quem outrora aprendera, agora ensina; quem outrora recebera agora entrega pelo testemunho. O valor da experiência com a pessoa de Jesus, em tudo quanto puderam *ver* e *ouvir*, está agora a ser explicitado pela missão própria da Igreja. Sendo que sua condição de mestra não a priva de permanente condição de discípula. Sempre terá o que ouvir, aprender e contemplar do seu mestre.

É na vida da Igreja, em todos os âmbitos em que esteja presente, que o mundo poderá encontrar o sentido que foi, é e será para todos os tempos a vida e mensagem de Jesus.

O conteúdo do seu ensino não tem outro sentido senão estender o que ela mesma ouviu e aprendeu de seu Mestre. Sua prática estende à humanidade inteira os ensinamentos do Senhor que não podem se prender ao tempo cronológico, pois levam força e qualificação de palavra de Deus (cf. Jo 2,22; 6,60; cf. Lc 5,1.5). Em constante atenção à vida de Jesus, a Igreja é chamada a interpretar para os cristãos do seu tempo a verdade e dinâmica do seu ensinamento e assim levá-los também a ser novos discípulos a transformarem o mundo pelo evangelho vivido.

É com a finalidade de uma prática eclesial mais servidora e humilde que tentaremos fixar os olhos e o coração naquele que na sua práxis o soube viver como mestre. O discipulado deve sempre caracterizar a prática da Igreja como mestra em todos os sentidos, de forma que, face a um mundo tão exigente e carente de evangelização, tendo muito o que fazer e para que faça bem o que deve, não o procure de outra forma senão aos pés do Mestre, que, permanecendo em meio aos seus (cf. Jo 20,19), continua a ensinar e enviar.

1. ESTADO DA QUESTÃO: JESUS E A FIGURA DO MESTRE NO HORIZONTE DA CONTEMPORANEIDADE JOANINA

A seleção das seguintes obras para delinear o *status questionis* da presente pesquisa deu-se pelo fato desses autores serem considerados autoridades no tema aqui tratado. Teríamos, certamente, muitos outros que nos proporcionariam aprofundamento nesta temática, porém, com o estudo dessas obras, poderemos nos considerar introduzidos no estado atual da questão.

1.1. Rudolf Schnackenburg: a conduta de Jesus como ensino prático aos seus discípulos

Toda a vida de Jesus foi, sem dúvida, um ensino. Suas palavras, ao ecoar no coração de tantas multidões e, particularmente dos seus discípulos, eram recebidas como ensinamentos extremamente novos. E mais, suas obras, como formas práticas de ensinar, seja em uma cura realizada (cf. Jo 4,46b-54; 5,1-15; 9,1-41), em um perdão concedido (cf. Jo 8,1-11), no acolhimento amoroso a quem sempre se sentiu rejeitado (cf. Jo 4,1-42; 8,1-11). Enfim, por diversas maneiras e em muitas ocasiões, Jesus foi esse Mestre que não cansava de ensinar para tantas vidas necessitadas de seus ensinos novos. Foi, para todos, um vivo exemplo de coerência entre palavra e ação.

1.1.1. O sentido do discipulado como compromisso e configuração com o Mestre

A conduta de Jesus, portanto, consistia na praticidade do seu ensino. Assim, era exigido de todos quantos o ouviam, mais particularmente dos que o seguiam, uma conduta coerente com o que aprendiam dele. A palavra de Jesus como idêntica à Palavra de Deus (cf. Lc 5,1.5) chama a atenção de todos para não permanecerem como meros espectadores ou

ouvintes (cf. Tg 1,22-25), mas comprometidos e, por isso mesmo, seguidores. Sua palavra forma comunidade[1], que por sua vez é formada pela constante escuta da mesma[2]. É esta a idéia da comunidade dos seguidores de Jesus, que é formada, em sua composição e estrutura, pela palavra e exemplo de seu Mestre. Diferenciando-se do mundo no qual está inserida, ainda que não independa dele, pois a este é dirigido o seu testemunho[3].

Numa breve estatística, constatamos que o vocábulo *mathetes* aparece 78 vezes no Quarto Evangelho, ou seja, mais que nos outros evangelhos (Mt apresenta 73 vezes; Mc 46 e Lc 37 vezes). Isto não acontece por acaso. O discipulado e o círculo dos discípulos têm uma grande importância no pensamento e exposição do Quarto Evangelho. Está por trás o seu profundo interesse cristológico, que gira em torno das palavras e sinais de Jesus, a sua automanifestação e seu confronto com o mundo incrédulo[4]. Isto nos leva a perceber que a missão de Jesus, o seu testemunho dizia respeito direto àqueles que por ele fossem chamados e optassem em segui-lo. Por um lado, vemos a valorização dada por Jesus aos seus seguidores, como quem quer ter junto a si os que chama (cf. Jo 17,24); por outro, a responsabilidade dos chamados estarem atentos a cada palavra e sinal de Jesus. Ou seja, o que se aprende durante a convivência com o Mestre servirá para a missão posterior (cf. Jo 20,21).

Para que os discípulos estivessem em constante aprendizado com seu Mestre era preciso que o seguimento fosse assíduo, por isso mesmo encontramos, desde o princípio do Evangelho de João, Jesus rodeado por seus discípulos. Eles o acompanham participando de imediato no seu ministério (bodas de Caná, purificação do Templo, atividade batismal na Judéia)[5]. Era assim que acontecia o aprendizado por parte dos discípulos, quando faziam do seu tempo uma constante companhia atenciosa aos passos de seu Mestre.

Sendo, pois, a vida de Jesus integralmente de amor e doação, a vivência dos discípulos não podia ser diferente. O mandamento do amor e, conseqüentemente, da entrega de si seria o grande imperativo de Jesus a quem o seguisse. Neste imperativo é que a

---

[1] A dimensão comunitária da formação de Jesus substitui a provisoriedade das escolas de discipulado de seu tempo presentes no judaísmo. Bem mais que comunhão de idéias ou doutrinas, Jesus propõe para os seus discípulos uma comunhão de vida consigo enquanto Mestre (Jo13,14ss; 15,1ss) e entre eles mesmos. Portanto, seriam mais que alunos de uma mesma escola, e sim irmãos de uma mesma fraternidade. Sobre esta dimensão comunitária dos seguidores de Jesus, ver o capítulo (3) acerca da Igreja, como continuadora de sua missão.

[2] Essa escuta já pode até ser considerada como um exercício desses seguidores que procederam do judaísmo. O *Shemá* já era uma realidade na vida de fé do povo de Deus. Este era um povo constantemente chamado à escuta da Palavra de seu Deus (Dt 6,4ss). Para quem já fazia essa experiência, encontrando em Jesus a Palavra de Deus (Jo 1,1ss), pode reconhecer que se chegou ao cumprimento deste mandamento do *Shemá.*

[3] Cf. SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según Juan.* Exégesis y excursus complementarios, *t.* III: Barcelona: Ed. Herder, 1980 a 1987, p. 252.

[4] Idem, p. 254.

[5] Ibidem.

comunidade cristã seria conduzida diante dos perigos e posições contrárias a essa conduta que ofuscassem a vivência de uma fé plena e autêntica. O Evangelho de João nada afirma a respeito de exigências morais aos discípulos, fora do novo mandamento do amor fraterno (cf. 13, 34ss; 15,12.17)[6]. Jesus amou até às últimas conseqüências e o discípulo fiel, tanto mais o seria, na medida em que vivesse na prática esse mandamento, como identidade própria. Isso possibilitaria o reconhecimento de alguém como discípulo seu (cf. Jo 13,35).

O exemplo de Jesus foi, para os seus discípulos, uma proposta de continuidade. Em sua missão é comum encontrarmos diversas reações por parte dos ouvintes, desde indiferença e perseguição até aqueles que, vendo nas palavras e gestos daquele homem uma nova forma de vida, apostaram em *permanecer*[7] em sua palavra, guardando-a fielmente. O próprio evangelista explicita isso: *se permaneceis na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos* (Jo 8,31). Ser discípulo de Jesus significa mais que ouvir sua palavra, ainda que seja este o primeiro passo para a acolhida; faz-se necessário guardá-la, o que, conforme a Escritura, tem o mesmo sentido de observar, obedecer, praticar.

Ora, se a característica mais marcante de Jesus apresentada como ensino prático foi o amor, o sinal do discipulado também não deveria ser outra particularidade qualquer, senão o amor mútuo[8]. Para que, no entanto, esse amor ensinado por Jesus não ficasse como abstração, mas ao contrário, implicasse no testemunho e procedimento éticos, a comunidade seria o primeiro lugar e a partir do qual aconteceria essa concretude.

1.1.2. A comunidade como lugar de comunhão e identidade

Ainda que a vocação ou o chamado seja fundamentalmente individual ou pessoal, a sua vivência implicará a indispensável dimensão comunitária[9]. A imagem comunitária e/ou eclesial expressará o lugar concreto onde se forma e de onde se expande o discipulado. O Evangelho de João terá sempre, em seu horizonte, a orientação para a comunhão dos crentes. O que deve tirar a impressão enganosa de um possível retrocesso individualista frente à idéia da comunidade, a qual é necessária para os que optam por Jesus e por seu projeto de vida.

---

[6] Idem, 256.
[7] Cf. KONINGS, J., *Evangelho segundo João.* Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 394. Aqui o autor apresenta um breve esclarecimento sobre o verbo *permanecer,* característico da linguagem joanina.
[8] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op.cit.* p. 257.
[9] A respeito da dimensão comunitária da fé cristã, deixaremos para tratar no último capítulo no qual este tema será abordado de forma mais específica.

Tanto para o cristianismo joanino, quanto para o cristianismo primitivo como tal, só se poderia pensar na realização existencial cristã dentro da comunidade e nunca fora dela[10].

Todavia, a comunidade não pode se tornar um gueto[11], considerando que para além dos limites da mesma, havia muitos que necessitavam encontrar na vida dos cristãos a vivência de tudo o que estes aprenderam do Mestre. Isso porque, nem sempre Jesus estaria fisicamente entre eles, o que os levaria a ser uma comunidade aberta, acolhedora e misericordiosa como assim viveu e ensinou o seu Fundador.

Nesta vida comunitária existe uma estreita ligação entre o Pai que envia o Filho, que por sua vez chama os discípulos, que fazem da comunidade um grande rebanho de Deus. O rebanho começa (cf. Jo 10), mas o seguimento voluntário dos crentes esconde algo mais: a concepção do rebanho, que o Pai confiou ao Filho e que o Filho deve congregar e guardar conforme o desejo do Pai[12]. É isso que deve ser continuado pelos discípulos; tal como foram arrebanhados pelo Senhor, a partir de então deverão chamar as outras ovelhas que ainda não são deste redil (cf. Jo 10,16).

Para a vivência desta verdadeira comunidade é necessária uma comunhão profunda com o seu Senhor, conforme nos ensina Jo 15, quando fala da videira verdadeira. Disto depende a produção dos frutos. Como Cristo se identifica com a sua comunidade, esta por sua vez deve também viver assim, idêntica e unida à sua raiz, o Cristo.

Não se pode conceber o Cristo pastor sem o seu rebanho, que é o rebanho de Deus; não se pode entender o guia salvador sem a comunidade dos salvos. Neste sentido, Cristo não só comunica a vida de Deus a cada um dos que acolhem a sua palavra e guardam, mas a todos os que recebem esses homens na comunidade dos crentes que se lhe atribuiu e confiou[13]. É o próprio Senhor que chega a todos os lugares por meio dos seus escolhidos (cf. Mt 10,40).

---

[10] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op.cit.* p. 258.
[11] Também Léon-Dufour, insiste nesta necessidade da abertura da comunidade em vista da missão. Cf. LÉON – DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João.* São Paulo: Loyola, 1996 [Col. Bíblica Loyola 13]. V. 3, p. 138.
[12] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op.cit.* p. 259.
[13] Ibid., p. 260.

1.1.3. A perspectiva universal da comunidade dos discípulos

Considerando as diversas opiniões de que João pensa em uma Igreja como a dos "eleitos" ou "filhos" de Deus, composta por aqueles tirados do mundo, o que interessa a Schnackenburg, como questão fundamental, é se o pensamento eclesiástico de João está aberto a um horizonte universal e se o cristianismo joanino poderia integrar-se na grande Igreja que está se desenvolvendo[14]. Tal questionamento se faz pertinente pelo fato de que a comunidade, em sua razão de ser, pretende chegar ao testemunho de fé a todos quantos precisam. Os não cristãos são ainda considerados dispersos, os cristãos são chamados a reuni-los na mesma fé e na mesma comunidade dos seguidores de Jesus.

A sentença sobre a congregação dos filhos dispersos de Deus condiz com a profecia da *morte.* Esta reunificação só será possível porque a morte de Jesus possui uma força salvífica e universal[15]. Dizendo isso, afirmamos aquilo que tratávamos antes a respeito do compromisso dos discípulos com o seu Senhor[16], o que implica o seu mistério salvífico diz respeito à sua comunidade, ou seja, o aspecto universal da morte redentora de Cristo agora passa necessariamente pela comunidade em seu testemunho de fé.

Para Schnackenburg, no Quarto Evangelho se supõe uma existência, uma vida e um determinado conceito de comunidade. Dirá ele que "se o Evangelho de João não é antes de tudo um escrito missional e propagandístico, senão uma obra escrita para a comunidade e centrada em sua fé cristã, se compreenderá facilmente que "a Igreja" não seja o tema dominante, mas sim uma perspectiva constante"[17]. Uma perspectiva que deve perpassar com a mesma constância no itinerário do seguimento e aprendizado daqueles que Jesus escolheu.

1.2. R.E. Brown*:* a condução do Paráclito como critério fundamental para o ser mestre

Enquanto os discípulos tiveram a presença física de Jesus, podendo assim ver, ouvir, contemplar e tocar com as próprias mãos o Verbo da vida (cf. 1 Jo 1,1), aprenderam diretamente dele a sua orientação de como deveriam proceder como eleitos e escolhidos de Deus e como continuadores de sua missão. No entanto, convinha que Jesus voltasse para o

[14] Ibid., p. 263.
[15] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op.cit.* p. 265.
[16] Cf. p. 15-16, acima citadas: *A comunidade como lugar de comunhão e identidade.*
[17] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op.cit.* p. 267.

Pai, de onde mandaria para os seus o *Paráclito* que, a partir de então, os conduziria na missão (cf. Jo 16,5ss).

No Novo Testamento encontramos a palavra *Paráclito* como que exclusiva dos escritos joaninos. Em algumas perícopes (cf. Jo 14,15-17.26; 15,26-27; 16,7-14) é atribuído o título de *Paráclito* a alguém que é distinto de Jesus, a quem a tradição cristã identifica com o Espírito Santo[18].

Jesus, o Mestre por excelência, foi plenamente envolvido e conduzido pelo *Paráclito* como dom escatológico. Enquanto João batizava com água, Jesus batizava com o Espírito Santo, pois sobre ele havia descido e permanecido, conforme a pregação do Batista (cf. Jo 1,33; cf. ainda Mt 3,13-17; Lc 3,21-22; Mc 1,9-11). Se a missão de Jesus foi toda ela conduzida pela ação do *Paráclito*, deverá ser também assim a missão dos seus discípulos, de sua comunidade. Convinha que esta experiência no Espírito vivida por Jesus fosse transbordada para a vida missionária dos seus. As obras, pois, realizadas após sua volta para o Pai, seriam graças ao dom derramado por Jesus, quando glorificado na morte de cruz (cf. Jo 7,39; 19,30)[19].

A missão do *Paráclito* na vida da comunidade[20] não seria especificamente ensinar novidades, senão lembrar o que os discípulos já haviam aprendido de Jesus. Não viria trazer nenhum ensino novo, mas fazer sempre presente no coração da comunidade aquilo que o Mestre havia dito. Quanto à função do *Paráclito* em relação aos discípulos, podemos perceber que estará e permanecerá com eles e que, portanto, o reconhecem (cf. Jo 14,17); lhes ensinará todas as coisas (cf. Jo 14,26); os guiará à verdade plena (cf. Jo 16,13); lhes comunicará o que receber de Jesus (cf. Jo 16,14); dará testemunho dele e levará os discípulos a fazerem o mesmo (cf. Jo 15,26-27). A insistência do Quarto Evangelho na presença do *Paráclito* se dá pelo fato de Jesus não querer deixá-los órfãos (cf. Jo 14,18), e por meio do *Paráclito* permanecer em sua comunidade.

Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio (Jo 20,21b). Com esta palavra podemos entender que a missão dos discípulos será continuadora da missão de Jesus. Com Jesus aprenderam a ser discípulos; com o *Paráclito* aprenderão a ser mestres como o seu Mestre. A partir de então, a comunidade precisaria da maturidade do que aprenderam; era a isso que o *Paráclito* os conduziria. O dom do Espírito na vida dos discípulos significa a

[18] Cf. BROWN, R. E., *El Evangelio según Juan.* Madrid: Cristandad, 1979, p. 1520.
[19] Cf. KONINGS, J., *op.cit.* p. 57.
[20] Sobre "A Comunidade e sua experiência do Espírito", ver ainda: SCHNACKENBURG, R. *op. cit.*, p. 252 .

capacidade recebida de Deus para interpretar e entender sua ação e palavra por meio de seu Filho.

Se o conteúdo da pregação dos discípulos consistia no que aprenderam de Jesus, seria necessário que tivessem uma profunda docilidade à ação do *Paráclito* que seria agora a presença do Jesus ausente. Só se ensina o que se aprende e, para que não caíssem no esquecimento do que aprenderam, a comunhão que tiveram com Jesus durante sua escola de discipulado seria indispensável agora em relação ao *Paráclito,* pois, se Jesus os instruiu na forma de como deveriam ser discípulos, o *Paráclito* os levaria a partir de então a ser verdadeiros mestres em nome de Jesus.

É importante, no entanto, enfatizar que o interesse de João não coincide com a teologia trinitária posterior, na qual o interesse principal consistia em mostrar que Jesus e o Espírito são distintos; o que interessa na verdade para João, em seu objetivo teológico, é a semelhança existente entre ambos[21]. Em outras palavras, como o *Paráclito* comunicaria interpretando, nada mais nada menos, as palavras e os ensinamentos de Jesus.

Esta presença e/ou auxílio do *Paráclito* era de suma importância porque aos cristãos do primeiro século parecia cada vez mais difícil o distanciamento das gerações futuras do evento Cristo. É como se houvesse um corte entre a Igreja nascente e as testemunhas oculares. Isso causava um impacto muito grande porque aos poucos se via desaparecer a primeira geração[22]. É neste contexto que vemos a preocupação, no Quarto Evangelho, na ênfase do *Paráclito/Espírito* como uma resposta a este problema.

> Se as testemunhas presentes haviam guiado a Igreja e se o discípulo amado havia dado testemunho de Jesus na comunidade joanina, ele não ocorreu primeiramente à causa da memória que pessoalmente conservavam de Jesus. Depois de tudo, eles haviam visto a Jesus, mas não lhe haviam compreendido (14,9). Só o dom do Espírito lhes ensinou depois da ressurreição qual era o significado de tudo o que haviam visto (2,22; 12,16). Seu testemunho foi o testemunho do *Paráclito* que através deles falava; a profunda reinterpretação do ministério e das palavras de Jesus levada a cabo sob a condução do discípulo amado e recolhida agora no quarto evangelho foi obra do *Paráclito*[23].

Para o Quarto Evangelho, a presença de Jesus por meio do *Paráclito* é muito clara. Tanto é que, quando se fala da parusia, ele não se preocupa com a demora da segunda vinda e nem perde a fé em relação a ela. O evangelista inclusive insiste em muitos dos elementos da segunda vinda já na realidade cristã, a saber, o juízo, a filiação divina, a vida eterna. É nesta realidade que age o *Paráclito*, fazendo sempre muito presente tanto o que Jesus ensinou como

[21] Cf. BROWN, *op.cit*. p. 1527.
[22] Ibid., p. 1528.
[23] Ibidem.

estas realidades citadas que são próprias da consumação dos séculos, mostrando assim uma escatologia já realizada.

Testemunhar e ensinar ao mundo a mensagem de Jesus e com isso ser um mestre continuador de sua missão supunha uma experiência profunda e contínua com aquele que seria o encarregado da esclarecê-los, o *Paráclito.* Para João, a capacidade de ensinar, de ser mestre não se limitaria ao conhecimento da *Torá*, especificidade dos judeus, mas implicaria o reconhecimento e adesão à pessoa de Jesus, à sua mensagem e proposta, e ainda a condução do *Paráclito*. Portanto, quanto mais unido ao seu Senhor (cf. Jo 15), em espírito e verdade (cf. Jo 4,23), como prova de verdadeira comunhão, mais abundante seriam os frutos da missão cristã.

O discípulo fiel de Jesus é sempre aquele que procura configurar sua vida com a dele, firmando com ele uma comunhão recíproca. O *Paráclito* é quem favorece esta comunhão; mais que isso, é a expressão da permanência de Jesus na vida de sua comunidade.

1.3. Léon-Dufour*:* seguir Jesus é optar por seu exemplo e ensino

Podemos entender um discípulo como aquela pessoa que voluntariamente entra para a escola de um mestre e passa a partilhar de suas idéias. Portanto, é importante que este discípulo volte sua atenção e se interesse pelos ensinamentos de seu mestre, porque nisto consiste a sua preparação como tal e, porque não dizer, a condição de possibilidade para que também ele venha a ser um outro mestre.

Para falar sobre discipulado, o Antigo Testamento traz exemplos como o de Elizeu que seguiu a Elias (cf. 1 Rs 19,19ss); Isaías que é rodeado por um grupo de fervorosos discípulos, que recebem o seu testemunho e sua revelação (cf. Is 8,16ss); e ainda os sábios que também têm seus discípulos a quem chamam de filhos e a quem transmitem os ensinamentos tradicionais (cf. Pr 1,8.10; 2,1; 3,1). A Palavra divina é para o povo de Deus a fonte de toda sabedoria, por isso é que, mais do que se tornar um mestre humano, o ideal seria tornar-se um discípulo de Deus. Sobre isso encontramos referências fortes a respeito dos oráculos escatológicos que pelos profetas é dito que "todos serão discípulos de YHWH" (cf. Is 54,13); Deus mesmo será o Mestre dos corações, ninguém mais precisará de mestres para ensiná-los (cf. Jr 31,31-34)[24].

[24] Cf. LÉON – DUFOUR, X., *Vocabulário de Teologia Bíblica.* Petrópolis: Vozes, 1972, p. 241.

Na plenitude dos tempos ou no tempo da plenitude, conforme a linguagem paulina (cf. Gl 4,4), encontramos a realização desta palavra de Jeremias referida anteriormente: *Deus mesmo ensinará aos corações!* Em Jesus, Deus comunica de uma forma plena a sua palavra; Jesus mesmo é a Palavra de Deus dita de uma forma direta, que pode ser ouvida, contemplada, apalpada (cf. Jo 1,1ss; 1 Jo 1,1ss; Hb 1,1ss).

Optar por Jesus é, neste sentido, pautar a vida conforme os critérios de suas palavras que são palavras duras, por serem comprometedoras, no entanto, que não se escutam da boca de outro mestre, pois só ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6, 60-66). E ainda porque a vida de Jesus foi sempre a concretização de suas palavras, havendo assim um profunda coerência entre o dizer (cf. Jo 7,14-18) e o fazer (cf. Jo 7,21-24). O seu seguidor deveria assim identificar sua vida com a dele e ser enriquecido com a própria presença e convivência do divino Mestre.

A atenção ao ser de Jesus é algo fundamental. Já no relato das primeiras vocações (cf. Jo 1,35ss), percebemos, em virtude do verbo *emblepsas*, que o olhar que o Batista pousa agora em Jesus implica uma intensidade maior que o "ver" (*blepei)* mencionado em 1,29: é um olhar que tenta penetrar o mistério do ser. Isso mostra, pela diferença dos termos, como se João quisesse que seu olhar se tornasse o de seus discípulos, como quem diz: àquele, sim, vocês devem seguir agora![25] Fazendo assim do seu ministério uma preparação que indicaria o Mestre mais esperado, o qual estava ali diante dos seus olhos.

Considerando a vocação dos discípulos na narração joanina, vemos que aqui é Deus, que dá a seu Filho seus primeiros discípulos: "aqueles que Tu me deste", dirá a seu Pai (cf. Jo 17,6; 6,37.39.65). Há um aprofundamento por parte do Quarto Evangelho, no que diz respeito à vocação dos discípulos na tradição sinótica[26]: a ordem da vocação aqui está no Pai, realizando-se ao mesmo tempo através do "Vinde" dirigido por Jesus aos dois discípulos de João e através do "Segue-me" que Filipe ouvirá[27]. Abre-se então aos discípulos de Jesus o horizonte do seguimento a partir do seu mandamento, que é ao mesmo tempo um convite. Este que, por sua vez, os levará a não limitar seu discipulado ao aprendizado de doutrinas, leis ou preceitos, mas assumir concretamente a opção e destino do Mestre.

Jesus, em sua "escola", não procura pessoas para um período de formação na vida, mas aquelas que queiram a vida em formação. Por isso quando pergunta: "Que buscais?" visa

---

[25] Cf. LÉON – DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João.* São Paulo: Loyola, 1996 [Col. Bíblica Loyola 13]. V. 1, p. 147.
[26] Cf. Mc 1,16-20; Lc 5,1-11; Mt 4,18-22.
[27] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho,* p. 147.

elevar o objeto da busca, ou seja, o discípulo é chamado a participar da relação que o une com o Pai. É desejo dele que o seu discípulo participe de sua vida e do seu sentido de ser (cf. Jo 12,26) [28].

Léon-Dufour reafirma o sentido da adesão dos primeiros discípulos a Jesus quando descreve que, ao ouvirem o convite "Vinde e vereis"[29], percebem a diferença e, mais que isso, a novidade que Jesus lhes traz. Explicitará isso nas seguintes palavras:

> Aqueles israelitas vão a Jesus, que o Batista havia designado e, se não retomam seus anúncios sobre o que Jesus há de fazer (obter o perdão de Deus para o mundo, batizar no Espírito Santo), eles se assenhoreiam daquilo que o Mestre disse em relação à sua própria pessoa e o reproduzem na sua linguagem pessoal, reconhecendo em Jesus o Messias, a realização da Lei e dos Profetas, o Filho de Deus, o rei de Israel. Nessa sucessão de títulos, fica resumida a espera de Israel e reenfatizado o elo entre os dois Testamentos. De modo particular, por intermédio do personagem de Natanael, é o Israel autêntico, sem rebuços, que está disposto a dar sua fé a Jesus, ao contrário dos "mentirosos" que Jesus irá estigmatizar mais tarde (Jo 8,4.55). Pelo conjunto deste trecho, o evangelista insiste na afirmação da messianidade de Jesus, respondendo a uma preocupação da comunidade cristã, enfrentada na Sinagoga que questionava sua fé no homem de Nazaré[30].

O reconhecimento dos discípulos a Jesus faz com que entendam passo a passo que sua autoridade surpreende e até mesmo escandaliza as autoridades de então[31]. Para os judeus o ensinamento no Templo era o ensinamento da Lei, tendo em vista a instrução e a exortação à prática da vida do povo, o que era reservado somente aos escribas e doutores. Também porque ninguém poderia assumir esta função sem antes ter passado por uma escola de discipulado onde aprendesse o conhecimento das Escrituras, a Tradição autêntica dos pais[32]. Jesus, contudo, ensina aquilo que aprendeu do Pai que o enviou (cf. 7,16; 8,26-28). A sua comunhão com o Pai é a sua fonte inesgotável de tudo o que transborda para todos quantos o escutam e seguem, seja na palavra ou na ação.

E porque o servo não é maior que o senhor (cf. Jo 15,20b), ao afirmarmos a opção por Jesus como uma forma de comunhão de vida com ele, há de se esperar que os frutos da missão não excluam a possibilidade de possíveis perseguições. Foi assim que o Mestre viveu, seja assim a vida de quem o segue. Para a tradição sinótica teria o sentido da expressão "Se me perseguiram, eles também vos perseguirão!" (cf. Mt 10,24ss; 24,9).

---

[28] Ibid., 149.
[29] Na linguagem de João, "vir" (a Jesus) significa em geral "acreditar nele".
[30] Cf. LÉON – DUFOUR, X., *op. cit*. p. 157-158. Trataremos um pouco mais da relação entre a comunidade cristã e as Sinagogas judias, no ítem seguinte com o estudo de Frédéric Manns.
[31] Também a missão de Pedro e João, exemplos fiéis de continuadores da missão de Jesus, é marcada pelo escândalo por parte das autoridades do Sinédrio, quando, sabendo que eram homens sem instrução, falava, com tanta convicção, a ponto de surpreendê-los. Não era pra menos tal admiração, reconheceram que eram companheiros de Jesus (At 4,13).
[32] Cf. LÉON – DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João.* São Paulo: Loyola, 1996 [Col. Bíblica Loyola 14]. V. 2 , p. 158.

Disse Jesus: *Se guardaram a minha a palavra, guardarão também a vossa* (Jo 15,20c). A fidelidade do discípulo normalmente se mede pela observância (guardar) dos ensinamentos que apreendeu do mestre. Diante disso, o discípulo de Jesus, assim como ele, tanto seria uma "provocação" para os seus ouvintes (cf. Jo 6,22ss; 5,16-18) como uma possibilidade de mudança e transformação de vida (cf. Jo 3,1-21; 4,1-42; 5,1-14; 8,1-11 etc.). A vida dos discípulos na comunidade deverá, portanto, ser uma explicitação do que Jesus propôs. Para isso será necessariamente importante viver como ele ensinou, sobretudo no que diz respeito à comunhão com o Pai (cf. Jo 7,16.29; 8,26-28; 14,5-11; 17), no amor fraterno (cf. Jo 13,35; 15,12-17) e condução do Espírito Santo (cf. 14,15ss; 15,26-27; 16,5-15).

Como vimos, a diferença marcante dos discípulos de Jesus de outra escola comum é que aqui se pretende a dar a vida pelo que se crê e por Aquele em quem se crê. Guardar os mandamentos de Jesus e a eles ser fiéis é a maior prova de constância e permanência no seu amor para toda a vida, da mesma forma que ele foi constante no amor do Pai (cf. Jo 15,9-11). A comunhão com ele faz sempre mais eficaz o testemunho de uma comunidade que mostra dia após dia, na concretude de cada situação, que o Mestre está em seu meio.

1.4. Frédérick Manns*:* Jesus e a [des] continuidade de uma tradição rabínica

Nesta parte de nossa pesquisa voltaremos o olhar para a situação da comunidade joanina, mais especificamente no conflito em que os cristãos (judeus seguidores do Nazareno) tiveram sua expulsão das sinagogas dos judeus que não aceitaram Jesus como Messias. Tudo isso aconteceu na primeira fase da vida comunidade joanina[33] quando percebemos as origens da comunidade e suas relações com o judaísmo. O motivo desta expulsão foi basicamente a profissão de fé em Jesus como Cristo (cf. Jo 9,22; 16,2).

Contextualmente notamos que o centro de ensino do judaísmo era em Jâmnia, não tão mais pluralístico como antes do ano 70, e, portanto, predominantemente fariseu. É provável que o fato desta expulsão esteja ligado à reformulação de uma das dezoito bênçãos[34] (*Shemoneh Esreh)*, que eram recitadas nas sinagogas. A décima segunda bênção, reformulada,

[33] Esta primeira fase, também denominada de período pré-evangélico da história joanina consciente, compreende desde a metade dos anos 50 até os anos 80 d.C. A respeito das quatro fases como chave de leitura para uma compreensão das origens da comunidade joanina, ver BROWN, R. E. *A Comunidade do Discípulo amado.* São Paulo: Paulinas, 1983, p. 20-23.
[34] Aproximadamente por volta do ano 85 d.C.

envolvia uma maldição sobre os *minîm*[35]. A reflexão a seguir, a partir do comentário de Frédéric Manns[36], tomará o capítulo 21 de João para apresentar uma resposta a Jâmnia.

Até antes da destruição do Templo, os judeus que acreditavam na messianidade de Jesus continuavam a freqüentar o Templo, o que era costume dos apóstolos (cf. At 3,1). Foi após a destruição do Templo que os judeus mais "ortodoxos" decidiram dar um fim aos judeus seguidores do Nazareno que queriam lhes convencer da messianidade de Jesus a partir das Escrituras[37]. Este fato da expulsão dos cristãos da sinagoga foi tão marcante para a comunidade que por três vezes João o menciona em seu Evangelho (cf. Jo 9,22. 35; 12,42; 16,2).

Ora, com essa decisão, a narração evangélica joanina, visto que a ruptura entre a Igreja e a Sinagoga está consumada, não mais se admirará ao ver o Quarto Evangelho apresentar Jesus não mais como judeu, mas como um adversário dos judeus. Basta olhar para os capítulos 8,17; 10,34 e 15,25 para encontrarmos expressões como "vossa Lei", "na Lei dele"; ou ainda uma expressão chocante como a de 6,58 para "vossos pais", como que renegando sua origem judia[38]. Tal realidade nos mostra uma nova perspectiva que significa a situação da comunidade cristã após a destruição do Templo.

Temos, diante dos nossos olhos, um contexto de explícita ruptura ou descontinuidade religiosa e cultural de pessoas que, até então enraizadas no judaísmo, agora precisam desenraizar de suas tradições por causa de sua fé em Jesus. O que agora distingue judeus de judeus-cristãos é a fé em Jesus. Ainda que por muito tempo permaneçam com resquícios de seus antigos costumes judaicos, sua identidade própria agora será a fé em Jesus, em sua palavra. E, como entre os judeus, para que a palavra de alguém seja considerada como verdadeira são necessárias duas testemunhas, Jesus terá como testemunhas os seus discípulos com o seu Espírito *Paráclito*[39].

A ação do Espírito não consistirá simplesmente em trazer à memória dos discípulos a palavra de Jesus, mas fazê-los compreender todas as implicações atuais do seu

---

[35] Termo, segundo Brown, usado para designar os que tinham se desviado, entre os quais, tudo indica, estavam incluídos os judeus-cristãos. Frédéric MANNS, já fala de dois grupos diferentes: os *minîm,* que para ele são judeus que não mais obedecem ao farisaísmo; e os *nosrim***,** judeus cristãos que aceitam o messianismo de Jesus, cf. MANNS, F., *L'Evangile de Jean à la lumière du Judaisme.* [Analecta 33]. Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1991, p. 487.
[36] Cf. MANNS, *L'Evangile*, p. 469-509.
[37] Ibid., p. 486.
[38] Ibid., p. 489. Vemos aí que há um reconhecimento por parte do evangelista que Jesus ensinou nas Sinagogas (cf. 6,59; 18,20).
[39] Ibid., p.492.

ensinamento[40]. O movimento do Espírito na vida da comunidade terá uma imprescindível importância, porque será pela sua força atuante que a geração pós-pascal viverá à luz do que aprendeu do Mestre.

O fato da exclusão da Sinagoga marcou a descontinuidade das tradições judaicas. Jâmnia foi o grande marco. A partir dali, os judeus começaram a recolher e apresentar de maneira sistemática a lei oral que deveria explicar e completar a lei escrita. Também já vimos que João apresenta Jesus como que desligado de "sua" lei. A comunidade joanina rejeita a lei oral, mas fica fiel à lei escrita. A tradição joanina não descarta a importância da lei, mas a forma com que está sendo interpretada, e assim não poder ver nela Jesus como o seu cumprimento. É o que João vai referir mais claramente: que não se pode abolir a Escritura (cf. Jo 10,35).

Já o aspecto da continuidade, que vemos em João, também o encontramos em Mateus em linguagem de plenificação (cf. Mt 5,17-18). Falar de continuidade aqui não se quer afirmar uma mera repetição de tradições já vividas pelos judeus, e muito menos na forma interpretada pelos fariseus de Jâmnia. É, no entanto, uma forma de explicitar que Jesus é o seu termo; nele a Escritura toma o seu sentido pleno. Sobre isso, Jesus é apresentado por João que afirma que o próprio Abraão, que os judeus têm por pai, exultou com o seu dia (cf. Jo 8,56).

A verdade é que, para a comunidade joanina, a Lei não é mais a Lei oral, mas é fazer a vontade do Pai, é guardar a Palavra, é fazer suas obras[41]. Com todo o valor que se tenha pela Lei, a condução da vida dos seguidores de Jesus tomam um novo rumo: a vida, a palavra e a missão de Jesus é seu novo e definitivo itinerário, nada lhes pode tirar esta convicção, mesmo as mais duras perseguições.

Jesus é agora para os cristãos o novo Templo (cf. Jo 2,13ss). Mesmo a oposição entre Moisés e Jesus tomaria uma nova dimensão: "A Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade foram dadas por Jesus". Isso mostra para a comunidade que Jesus é o verdadeiro profeta. É nessa convicção que caminhará a Igreja.

> João e sua comunidade não podem ficar de braços cruzados diante dos ataques dos quais são objetos. Ele faria lembrar aos judeus que os judeu-cristãos seriam filhos de Abraão e que Jesus teria realizado o Êxodo definitivo em sua Páscoa. Ele seria o novo Moisés. Frente às dezoito decisões de Jâmnia, João afirmará dezoito títulos de Jesus: Verbo, Unigênito, Cordeiro de Deus, Eleito de Deus, Messias, Filho de José, Filho de Deus, Salvador do mundo, Rei de Israel,

[40] Ibid., p. 493.
[41] MANNS, *op. cit.* p. 495.

> Filho do Homem, o Filho, Senhor, o Profeta, Rabi, Deus, o Homem, o Santo de Deus, Raboni[42].

A vida da comunidade aberta para a evangelização deveria manter sempre firme a sua missão de escolhida por Deus e enviada pelo seu Filho, tendo como via as trilhas do Mestre que com ela permanecerá por meio do seu Espírito. Visto que Jesus foi enviado pelo Pai, agora envia os seus discípulos. Estes, que vindo de uma tradição religiosa, cultural e histórica, sendo por ela bastante influenciados, vivem, a partir de então, levados pelo novo mandamento ensinado por Jesus.

1.5. Outros estudos relevantes

1.5.1. G. Vermès e o discipulado em relação ao Jesus Histórico

De forma um tanto quanto sintética Vermès apresenta um percurso a respeito da vida de Jesus em seu contexto histórico-cultural. Intitula sua reflexão como *Jesus, o judeu*[43]. A partir das informações tiradas dos evangelhos de uma forma geral, não delimitando sua reflexão a partir de um só, o autor explicitará traços da pessoa de Jesus e sua contextualização, mostrando assim a maneira deste judeu ultrapassar sua própria "judaicidade", sendo pela palavra e ação portador de uma novidade que ultrapassaria os muros de sua realidade religiosa e histórico-cultural.

Para algumas informações peculiares, Vermès começa pelos seus antecedentes familiares. O nome de seu pai só aparece em Lucas e em uma variante em Mateus: "*Por acaso não é ele o filho de José?"* (Lc 4,22); *"Por acaso não é ele o filho do carpinteiro [José]?* (Mt 13,55). Também na mesma passagem encontra-se o nome de sua mãe, Maria, os nomes de seus quatro irmãos Jacó, José, Judas e Simão, assim como a menção de suas irmãs (cf. Mc 6,3; Mt 13,55-56)[44].

Quanto à profissão civil de Jesus, permanece incerta. Ainda que a tradição pretenda que ele tenha assumido a profissão do pai, o fundamento de tal afirmação se mostra frágil pelo fato da admiração das pessoas perante o seu sermão da sinagoga de Nazaré: "*onde o carpinteiro"* (cf. Mc 6,3) ou o "*filho do carpinteiro"* (cf. Mt 13,55) adquiriu uma sabedoria

---

[42] Ibid., p. 509.
[43] VERMÈS, G., *Jesus, o judeu*: uma leitura dos evangelhos feita por um historiador. São Paulo: Loyola, 1990, p. 19-43.
[44] VERMÈS, *Jesus, o Judeu.* p. 20.

tão grande? Como então entender que um simples filho de carpinteiro pudesse falar com tanta sabedoria, a ponto de provocar a admiração de seus ouvintes?

Na realidade, estas expressões *"carpinteiro"* ou *"filho de carpinteiro"* já eram conhecidas na linguagem da época e nos escritos judaicos. O termo carpinteiro ou artesão (*nagar)* é empregado nas sentenças talmúdicas, para designar um "sábio" ou um "homem instruído". "*É algo que nenhum carpinteiro, filho de carpinteiro, consegue explicar"* (Talmude de Jerusalém)*; "Não há carpinteiro, nem filho de carpinteiro, que consiga explicar isto"* (Talmude da Babilônia) [grifos do autor][45].

Jesus apresenta em seu ministério características como exorcista, operador de curas e mestre. Os seus contemporâneos ficavam impressionados com o seu poder sobre os demônios[46], sobre as doenças[47], bem como a autoridade com que pregava.

Sabendo que o período pós-pascal foi um tempo em que a comunidade muito intensamente fez memória das palavras de Jesus, e que por isso colocava para a sua realidade a aplicação das mesmas, não nos caberia aqui tratar de distinguir o que é autêntico do que não é no que diz respeito às palavras do Senhor[48], mas determinar que tipo de Mestre foi Jesus, segundo os evangelhos, sua forma de pregação e o impacto causado aos seus ouvintes[49].

Ao mesmo tempo em que a pregação de Jesus se diferencia da dos essênios[50], porque reservavam sua instrução para os iniciados de uma forma exclusiva, Jesus, parecido com João Batista, se dirigia a todos aqueles que o ouviam. Tinha, no entanto, uma ênfase às ovelhas perdidas da casa de Israel (cf. Mt 15,24; 10,6; Mc 7,27). Contudo, mesmo entre os israelitas havia uma preferência para com os ignorantes, pecadores e excluídos da sociedade (cf. Mc 2,15-17; Mt 9,9-13; Lc 5, 27-32)[51]. Daí, podemos perceber a diferença de como este Mestre diferente aparece com seu novo jeito de pregar uma nova e plena possibilidade de se fazer a vontade de Deus.

---

[45] Ibid., p. 22.
[46] Cf. Lc 13,32; Mc 1,32-34; Mt 4,24; 8,16-17; Lc 4,41; Mc 5,1-20; Mt 8,28-34; Lc 8,26-39; Mc 1,23-26; Lc 4,33-35; Mc 9,25.
[47] Curas de cegueira (Mc 10,46-52; Mt 20, 29-34; Lc 18,35-43; Mc 8,22-26; Mt 9,27-31); curas da lepra (Mc 1,40-45; Mt 8,1-4; Lc 5,12-16; Lc 17,11-19); febre (Mt 8,14-15; Mc 1,29-31; Lc 4,38-39); surdo-mudo (Mc 7,31-37; Mt 15,29-31); paralisia (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10); claudicação (Lc 13,10-17) e a hidropisia (Lc 14,1-6).
[48] A respeito da Fonte sobre os Ditos Jesus (Q), ver: KONINGS, J., *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q".* São Paulo: Loyola, 2005; MINETTE de TILLESSE, G., "A Teologia do Novo Testamento RBB 13/1-4 (1996), p. 386-430. 622; Idem. "O Problema Sinótico", RBB 5/1 (1988).
[49] Cf. VERMÈS, *op. cit*. p. 27.
[50] Cf. VERMÈS, G., *The Dead Sea Scrolls in English,* Harmondsworth-Baltimore, 1968 (apud VERMÈS, G. *Jesus, o judeu.* p. 27).
[51] Ibidem.

Um outro aspecto da especificidade da pregação de Jesus é que, enquanto era própria do método judaico a pregação comentando a Bíblia, e se Jesus era antes de tudo um Mestre em matéria de moral, inevitavelmente era de se esperar que desse preferência às fórmulas breves, vigorosas e coloridas de que estão cheias as *Sentenças dos Padres* na *Mishnah*[52]. Contudo, porque Jesus não era um especialista da Lei judaica, é mais provável que as pessoas vissem nos exorcismos e nas curas uma confirmação do seu ensinamento, assim vemos quando por um assombro é dito dele quando vêem-no expulsar um demônio (cf. Mc 1,27; Lc 4,36).

E, como tudo o que é novo geralmente causa um impacto, sobretudo no que diz respeito a este judeu chamado Jesus, que traz em si uma conduta que põe em questionamento toda uma tradição histórico-cultural-religiosa, também seria normal diversas reações diante de si. Entre elas, a dos representantes da autoridade em matéria de doutrina ou questão político-religiosa[53]. Mas é claro que não foi somente perseguição à reação percebida. No decorrer da narração evangélica, encontramos muitos exemplos de valorização da palavra de Jesus e crédito no seu ministério, basta ver desde as pessoas curadas, perdoadas e de volta à sua dignidade humana e social até os seus fiéis seguidores que deixaram tudo para seguí-lo (cf. Mt 19,27).

Finalmente, depois de tratar da prisão e execução de Jesus como conseqüência de sua missão e vida que muito incomodaram o *statu quo,* Vermès fala da ressurreição perpassando desde os relatos evangélicos até noções a respeito deste tema presentes na Galiléia[54]. Concluindo que, diante da atitude das mulheres que haviam ido prestar a última homenagem a Jesus e, consternadas descobrem não um corpo, mas um túmulo vazio, a opinião do ortodoxo, do liberal e do crítico agnóstico e quem sabe, mesmo a dos discípulos de Jesus, são diversas interpretações deste único fato desconcertante[55].

1.5.2. Charles H. Dodd: o discípulo sobre o fundo do judaísmo e do helenismo

Com o auxílio de Charles H. Dodd[56] buscaremos lançar o olhar para o aspecto do conhecimento de Deus presente no Evangelho de João. Para João, o verdadeiro conhecimento

---

[52] Cf. VERMÈS, G., *Jesus, o judeu.* p. 28.
[53] Cf. VERMÈS, G., *Jesus, o judeu.* p. 36-37. Temos aqui algumas observações a respeito da identidade dos adversários (cf. Mc 3,6; Mt 12,14; Lc 6,7).
[54] Ibid., p. 37-43.
[55] Ibid., p. 43.
[56] Cf. DODD, C. H., *A interpretação do Quarto Evangelho.* São Paulo: Editora Teológica – Paulus, 2003, p. 205-228.

de Deus passa necessariamente pelo reconhecimento de Jesus como sua revelação plena (cf. Jo 14,9).

A pergunta pelo que se entende por conhecimento de Deus no Quarto Evangelho se dá por Dodd depois de uma reflexão sobre o que diz a respeito deste mesmo tema *Fílon, os hermetistas e o gnosticismo*[57].

Para os gregos, o processo do conhecimento é análogo ao da visão; o objeto é exteriorizado, contemplado à distância, verificado em suas qualidades essenciais, a fim de ser apreendido e dominado (*katalabein)* em sua realidade (*aletheia).* O sujeito e o objeto encontram-se um diante do outro. Já para os hebreus, conhecer consiste na *experiência* do objeto em sua relação com sujeito. O termo *Iada* implica uma percepção imediata de alguma coisa como afetando a gente[58]. O grego considera o conhecimento de Deus como a contemplação da realidade última, *to ontos on,* em sua essência última. Enquanto que, para os hebreus, conhecer a Deus é reconhecê-lo em suas obras e responder aos seus apelos[59].

Como a intenção de Dodd não é simplesmente fazer um paralelo da compreensão de conhecimento de Deus entre gregos e hebreus, ainda que isso nos sirva como base histórico-contextual, caminhamos da concepção grega em direção à hebraica, de pura contemplação à experiência, uma experiência na qual Deus e o homem estão em relacionamento ativo. E mais, tendo como base a visão hebréia, sabendo que, neste relacionamento ativo, Deus já se manifestou plenamente em seu Filho Jesus.

Neste relacionamento de Deus com o homem, este conhecimento só é possível porque a iniciativa é de Deus de se deixar encontrar (cf. Is 55,6), enquanto que o homem responde conhecendo ou conhece respondendo a esta iniciativa de Deus. Esta revelação ativa de Deus mostra que Ele leva em conta, interessa-se por seus servos, que por sua vez, ouve-lhe sua palavra, acolhe-a e presta-lhe obediência[60]. João irá mostrar que este acolhimento ou reconhecimento de Deus em Jesus implica algo bem maior que a mera apreensão intelectual, mas uma comunhão de vida e condução de toda ela pelo Espírito de Deus (cf. Jo 3,1ss). Através do *Logos* ou do seu Filho, Deus está presente e revelado no mundo; mas, como o critério para a aceitação desta revelação independe da intelectualidade unicamente - ainda que importante -, o que é mais urgente é a docilidade à ação de Deus por meio de seu Espírito.

---

[57] Ibid. p. 205-296. O autor aqui expõe a concepção do conhecimento de Deus, ainda que de forma breve, destas respectivas correntes.
[58] Como exemplos podemos citar aqui a doença (Is 53,3), a perda dos filhos (Is 47,8), o castigo divino (Ez 25,14) etc.
[59] Cf. DODD, *op. cit.* 206-297.
[60] Ibid., p. 209-210.

Talvez seja por isso que o mundo tenha recusado a oferta do conhecimento de Deus (cf. Jo 1,11).

O *Logos eterno,* o mediador da vida e da luz que pertence ao próprio Ser de Deus, oferece-se a si mesmo como vida e luz dos homens. Recusar Jesus, tal como assim é apresentado, é permanecer na ignorância do que é mais necessário de conhecimento na teologia joanina. Ao contrário, a adesão a este reconhecimento é compromisso com suas palavras (cf. Jo 7,16-17) e com tudo o que sua vida significa (cf. Jo 7,38; 8,12; 10,9; 11,25.27 etc).

Em acordo à opinião de Dodd, dizemos que é fácil citar textos com fatos da experiência que descrevem o que significa *não* conhecer Deus[61] (cf. Is 1; Jr 9); difícil mesmo é encontrar textos que, da mesma forma, com fatos da experiência, mostrem o que significa conhecer a Deus; isso porque o conhecimento humano de Deus é experimental e incerto[62]. Contudo, é nesta incerteza, própria de todas as pessoas, que estas podem encontrar a Deus, pois Ele revela-se gratuitamente!. No entanto, nunca poderão abarcá-Lo, ainda que esta "fuga" seja mais um incentivo à constante procura que uma rejeição daqueles que buscam conhecê-Lo (cf. Ct 5,2-6; 6,1).

Para João, o conhecimento de Deus é o conhecimento de Cristo[63]. Os discípulos, como quem vive na contínua companhia do Mestre, são os mais chamados ao exercício deste conhecimento. E ainda que o Quarto Evangelho contenha promessas semelhantes para o futuro (cf. 8,28.32; 10,38), é bem mais significativo que ele também afirme que os discípulos já possuem o conhecimento de Cristo e do Pai. O conhecimento mútuo do Pai e do Filho e o mútuo conhecimento de Cristo e seu rebanho são da mesma forma expressos pelo verbo *gnoskein* no tempo presente[64]. Isso, leva-nos a perceber como Jesus deseja que a sua comunidade viva em comunhão com ele, a partir do conhecimento que leva à adesão, a exemplo da sua comunhão com o Pai, e, mais ainda, que a própria comunidade entre si viva nesta mesma comunhão por meio da fraternidade (cf. 1 Jo 4,20).

---

[61] Dodd fala do não-conhecimento de Deus como alguma falha no plano ético, quando parece por parte dos judeus uma obstinada rejeição de Deus e o repúdio de sua justiça (cf. Jo 8,40.44). "É com todo este sistema de pensamento à nossa frente, que voltamos a [Jo] 8,54-55: *legete oti theos emon estin, kai ouk egnokate auton.* Reitera a linguagem dos profetas e, como eles, considera um conhecimento de Deus que é reconhecimento de sua justa vontade em ato, e também inclui a idéia do conhecimento como pura apreensão da verdade, ou realidade, como poder libertador, e como participação na natureza divina; idéia que propriamente não é hebraica, mas pertence antes à tendência principal da religião helenística". Ibid. p. 216.
[62] Ibid., p. 216-217.
[63] Ibid., p. 217.
[64] Ibid., p. 222.

O que Dodd tem afirmado até agora é que o conhecimento de Cristo remete o conhecimento do Pai. Tanto que, em Jo 14, 7, vemos que até então os discípulos não conheciam Cristo e, conseqüentemente, o Pai. No entanto, este conhecimento desde ali já é possível porque agora o vêem. A presença de Jesus na vida dos discípulos dissipa as trevas da ignorância; por vê-lo, agora o conhecem, assim como ao próprio Deus que o enviou. Acrescentamos aqui a presença do Paráclito, cuja visão e conhecimento são equivalentes à do Pai e do Filho (cf. Jo 14,17)[65]. Este aspecto do conhecimento em relação à revelação trinitária de Deus remete-nos ao que profetizou Jeremias (cf. Jr 31,31ss): "*Todos me conhecerão!"* É isso que a Igreja crê: Deus (Pai) revela-se em seu Filho (Jesus), por meio do Paráclito (Espírito Santo). Nunca, na história humana, Deus revelou-se de tal forma, próxima e acessível.

Ao mesmo tempo em que o judaísmo ortodoxo admitia que a visão de Deus era impossível aos homens nesta vida, sendo reservada como uma bênção somente para a Era vindoura, o Quarto Evangelho fala dos homens como quem pode conhecer e ver a Deus, ainda que não contradiga as verdades fundamentais do judaísmo. Isso porque para ele já é pressuposto de toda a sua visão religiosa que esta mesma Era vindoura já veio: a vida eterna já está aqui[66]. O fato de se crer em Jesus Cristo, o enviado de Deus, já garante a vida eterna (cf. Jo 3,15-18.36).

Para João, o conhecimento consiste, primeiro, em apreensão ou experiência do que seja chamar Deus de *Kyrios* e*,* segundo, da unidade do Pai e do Filho na divindade. Se para os profetas, o ápice do conhecimento religioso é conhecer por experiência a majestade única de Deus como Senhor, no Quarto Evangelho esta experiência dá-se pelo reconhecimento de Jesus Cristo como revelação de Deus; é alguém que é um com Deus inseparavelmente[67]. A experiência, portanto, com a pessoa de Jesus, ao ouvir suas palavras e reconhecer suas obras ou sinais, implica, em sua intensidade, um processo de contínuo conhecimento de Deus que neste Homem se revela plena e definitivamente.

[65] Ibid., p. 223.
[66] Ibid., p. 225.
[67] Ibid., p. 227-228.

1.5.3. J. Andrew Overmann: o discípulo e o judaísmo formativo

A escolha da visão de Overmann para o estado da questão aqui pretendido, ainda que venha nesta abordagem restringir sua reflexão a partir do Evangelho de Mateus[68], é que o fio condutor perpassa a temática do mestre e dos discípulos que são, em linhas gerais, o que também tratamos no decorrer desta pesquisa. Esta escolha se justifica também pela relativa analogia da situação eclesial das comunidades e de João em relação ao judaísmo, sem que se desconheça as diferenças.

Em torno do imperativo presente em Mateus "não vos façais chamar de mestres" (cf. Mt 23,8), percebemos a preocupação na comunidade quanto ao uso e aplicação deste mesmo título, representando a mesma função, considerando aqui que, em seu contexto, havia a presença de instituições da mesma comunidade que se aproximam desses títulos e reivindicações, o que certamente criaria competições e ressentimentos e levaria à seguinte pergunta: quem são os verdadeiros mestres?[69]. Ao mesmo tempo em que critica, esta pergunta vem a ser necessária pelo fato de serem exigentes os critérios sobre os quais deve se formar o mestre na comunidade, para não vir a ser um como no judaísmo formativo.

Mateus enfatizará bastante a respeito da humildade como critério fundamental para o ser mestre. A irmandade e o serviço ao próximo devem marcar a vida comunitária. Lançando o olhar sobre o capítulo 23, Overmann observa que se a exortação de seguir Jesus (v.8) vem logo após a descrição negativa daqueles que gostam de serem chamados de mestres (v.7), é para sugerir que há na comunidade de Mateus pessoas tentando manter-se em pé de igualdade com a liderança judaica em posição e prestígio[70]. No entanto, tal atitude é rejeitada pelo evangelista, quando lembra que a humildade, o serviço, a igualdade e a irmandade são traços imprescindíveis dos ensinamentos de Jesus.

É verdade que para a sobrevivência da comunidade de Mateus, papéis e funções institucionais desenvolveram-se aí. E, de certa forma, foram até necessários, primeiro, para a sobrevivência da comunidade e, segundo, pela postura que se devia frente à luta da comunidade com o judaísmo formativo. Porém, essa luta com o judaísmo formativo também afetou um aspecto importante do Evangelho de Mateus, a saber, a forma com que os discípulos seriam apresentados[71].

---

[68] Cf. OVERMANN, J. A., *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo.* O mundo social da comunidade de Mateus. São Paulo: Loyola, 1997[Col. Bíblica Loyola, 20], p. 124-148.
[69] Cf. OVERMANN, idem, p. 125.
[70] Ibidem.
[71] Ibid., p. 126.

A idéia que Mateus tinha de discipulado, bem como sua apresentação, é bastante reveladora de questões que confrontavam a comunidade e o ambiente do Evangelho e ainda sobre as prioridades e valores de sua comunidade e o desenvolvimento de sua estrutura social[72]. Tal apresentação dos discípulos por parte de Mateus é de fundamental importância porque tanto o ambiente quanto a situação de sua comunidade influenciaram de forma contundente o conteúdo do seu Evangelho. O que também nos ajuda a entender como a Escritura é contextualizada, ou seja, vai tomando o seu sentido na realidade histórica, fora da qual não se pode pensar sua eficácia.

Quanto ao ministério dos discípulos em Mateus, Overmann faz uma outra observação importante. Aqui os discípulos não se aventuram por sua própria conta como em Marcos (cf. Mc 6,1)[73]. Passam a estar com Jesus a fim de que sejam instruídos corretamente sobre o que deveriam anunciar ao serem definitivamente enviados pelo Mestre, o que acontecerá somente após a ressurreição, quando, pelo envio, são também instituídos como mestres para todas as nações. Basta ver o imperativo de Jesus: *Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos (...) ensinando-as a guardar tudo o que vos ordenei (...)* (Mt 28,19-20).

Percebendo a ênfase que Mateus dá a Jesus como Mestre autorizado e efetivo, bem mais que nos outros evangelhos, entendemos porque coloca o ministério de ensino para os discípulos de forma prefigurada ao modo de como ela apresenta Jesus. Numa palavra, o "Mestre autorizado" é uma característica extensamente desenvolvida por Mateus acerca do ministério de Jesus, que marcará também o ministério dos discípulos que a herdam e perpetuam[74].

Em se tratando da autoridade dos discípulos, pensamos que "perdoar os pecados" seja a maior expressão dela (cf. Mt 6,15; 9,8; 16,19; 18,18). Já em Marcos e Lucas esta autoridade é reservada exclusivamente a Jesus (cf. Mc 2,1-12; Lc 5,17-25). Certamente a ênfase de Mateus se dá para que assim fique claro que a autoridade de Jesus também é comunicada aos discípulos, e daí o término da perícope da cura (e perdão!) do paralítico: *Vendo isto, as multidões foram tomadas de temor e deram glória a Deus que dá tamanha autoridade aos homens.* (Mt 9,8), na qual Mateus é diferente de Marcos que não menciona a autoridade dada aos discípulos (cf. Mc 2,12).

Ainda acerca desta autoridade, a comunidade de Mateus entende-se, em certos aspectos, como que o reflexo e materialização do Reino que está nos céus. É como perceber

---

[72] Ibid., p. 127.
[73] Ibid., p. 129.
[74] Ibidem.

aí uma espécie de paralelismo entre o comportamento e a vontade da comunidade de Mateus e a vontade de Deus no Reino dos Céus. Podemos até ver como que em forma de um resumo desta reivindicação exclusiva de Mateus a expressão "na terra como nos céus". Encontramos isso na oração do Pai nosso (cf. Mt 6,10); no poder de ligar e desligar dado à comunidade (cf. Mt 18,18) e a Pedro (cf. Mt 16,19); e, além disso, o comportamento da comunidade que deve acontecer à luz do Pai que está nos céus (cf. Mt 5,48)[75].

Em Mateus, dirá Overmann, os discípulos são basicamente mestres. Porque receberam amplos ensinamentos de Jesus, compreenderam-no assim como aos mistérios do reino; agora são encarregados de instruir a outros, sobretudo aquilo que aprenderam de Jesus e sobre o testemunho e a vida da comunidade. Por isso mesmo é que a comunidade, como um corpo formado pelo próprio Jesus, deve agora também ela empenhar-se na missão de produzir discípulos e comunicar a todas as pessoas o que Jesus ordenou[76]. O que é apresentado no evangelho como missão dada aos discípulos, é a comunidade toda que é incumbida de praticar.

O que temos visto até agora a respeito do "aprender" e "ensinar", falando de mestre e discípulo na comunidade de Mateus, nos leva à constatação de que a comunidade de Mateus construiu normas e valores e, essencialmente, organizou a sua vida em resposta e em oposição a seus rivais, descritos por Mateus como *os escribas* e *os fariseus* (cf. Mt 5,20)[77]. Encontramos várias menções desses rivais, quando, no confronto com Jesus, são apresentados como assassinos (cf. Mt 23,29-39), hipócritas (cf. Mt 23,13.14.15.23.25.27.29) e guias cegos e insensatos (cf. Mt 23,16.24), que por dentro são corruptos e iníquos (23,28). A postura de Jesus reflete a postura da comunidade.

Para Mateus, a comunidade dos discípulos de Jesus é o povo "que produzirá frutos" (Mt 21,42); é um povo que escutará o seu chamado e fará a sua vontade (Mt 22,10)[78]. Para isso precisaria, mediante o aprendizado com o Mestre, tornar-se mais que um grupo de líderes em oposição a outros. Deveriam ser mestres ou ensinantes pelo testemunho da humildade, igualdade, e acolhimento e todo o mais vivido por Jesus, afinal, *ao discípulo, basta-lhe ser como o seu Mestre* (Mt 10,25a).

---

[75] Ibid., p. 132-133.
[76] Ibid., p. 134-136.
[77] Ibid., p. 141.
[78] Ibid., p. 148.

1.6. Síntese

Jesus é o Mestre por excelência. Sua coerência entre o dizer e o fazer faz-nos olhar para ele e ver na sua vida a expressão real de sua mensagem, sua proposta. Sua conduta consiste na praticidade do seu ensino. E ainda que no decorrer do seu ministério chame alguns, sua palavra ultrapassa qualquer limite cultural e religioso. Com ele, seus discípulos são chamados ao compromisso e identificação.

João, não por acaso, menciona por setenta e oito vezes o vocábulo *mathetés*. Há aí um profundo interesse cristológico. Desde o início, no Quarto Evangelho, Jesus está rodeado de seus discípulos, aos quais chama a participar do seu ministério desde lá. Já aí os discípulos começam a perceber a que forma de vida são chamados a viver. O exemplo de Jesus foi uma proposta de continuidade, seus seguidores precisavam *permanecer* em sua palavra.

O chamado de Jesus em relação aos seus discípulos é pessoal, no entanto para uma vida de comunhão com ele e com os demais. A comunidade é o lugar concreto da vivência do aprendizado e o ponto de partida do testemunho de fé. É assim que o cristianismo joanino (e primitivo!) entende-se, na comunidade e nunca fora dela. Por isso, longe de ser um gueto, a comunidade é impelida ao testemunho da missão. É tirada do mundo, mas formada para a salvação do mesmo. Há nela uma perspectiva universal.

O discípulo de Jesus é aquele que aprende para ensinar. É chamado a ser mestre em seu nome. Ora, se a comunidade foi enviada assim como Jesus o foi, seria o mesmo Espírito de Jesus que a conduziria. Todavia, a ação do *Paráclito* na vida da comunidade não seria de ensinar novidades, mas tornar presente e claro tudo aquilo que Jesus havia ensinado. O dom do Espírito significava para os discípulos a capacidade recebida de Deus para interpretar e entender sua ação e palavra por meio de seu Filho. Se com Jesus aprenderam a ser discípulos, agora com o *Paráclito* serão levados a ser mestres em seu nome.

Será, portanto, o *Paráclito* que levará os discípulos a não perderem a comunhão contínua com o seu Mestre. Ser conduzidos pelo Espírito para a missão é viver na convicção de que o Senhor continua em meio aos que escolheu e não os abandona jamais. A condução do Espírito na vida da comunidade expressa a presença do Jesus ausente. Na verdade ele está presente, mas de outra forma. Também porque a missão continuava e os seus discípulos não poderiam ficar órfãos e sem condução.

Essa continuidade da missão de Jesus por parte dos seus só seria possível por meio de uma convicta adesão à sua mensagem e, muito mais, à sua pessoa. Diferente dos mestres de Israel, Jesus não ensina aos seus somente doutrinas ou idéias, mas a sua pessoa

como expressão da mais plena novidade de Deus já revelada. Jesus é a comunicação plena da palavra de Deus, em sua pessoa está a possibilidade de todos ouvirem, contemplarem e "apalparem" o Verbo de Deus (cf. Jo 1,1ss; 1 Jo 1,1ss). A vida, o destino, a opção do Mestre deveriam estar no horizonte do fiel seguimento. Por isso, como Jesus vem a ser um Mestre diferente e incondicional no ensino, também assim deve ser o discípulo no aprendizado e na adesão.

O convite de Jesus está para além de ensino teórico; tem implicações éticas. Ele deseja que os seus discípulos participem de sua comunhão com o Pai. Por isso é que todos eles deveriam ter a preocupação de poder significar para o mundo o que para eles significou a pessoa de Jesus. A comunhão vivida por Jesus com o Pai e com Jesus no tempo de seu ministério deverá fluir na comunidade, na concretude do cotidiano nos diversos aspectos: na comunhão com o Pai (cf. Jo 7,16.29; 8,26-28; 14,5-11; 17), no amor fraterno (cf. Jo 13,35; 15,12-17) e na condução do Espírito Santo (cf. Jo 14,15ss; 15,26-27; 16,5-15).

Mas, como a opção por Jesus acarretaria mesmo rupturas necessárias, aquele elo de ligação entre cristianismo e sinagogas chegou a ser quebrado. Se ao Mestre perseguiram, desconheceram e até crucificaram, como não entender a ruptura entre a comunidade cristã e as raízes judaicas, com tantas perseguições conseqüentes? Se desta forma trataram o Mestre, não tratarão diferente aos seus discípulos.

Para João é tão chocante essa ruptura que por três vezes chega a mencioná-la (cf. Jo 9,22.35; 12,42; 16,2). O evangelista apresenta Jesus inclusive não mais como judeu, mas como tido como adversário deles (cf. Jo 8,17; 10,34; 15,25; 6,58). É assim que se encontra a comunidade dos seus. Vive concretamente o destino e a opção próprios do Mestre. A fé em Jesus é o que agora distingue judeus de judeu-cristãos. Tudo a partir disso são conseqüências. O fato da exclusão da Sinagoga marcou a descontinuidade das tradições judaicas.

Mas, em meio a isso encontramos uma continuidade com esta tradição uma vez que para a fé cristã Jesus vem cumprir as Escrituras. Jesus não veio abolir a Lei, mas plenificá-la (Jo 10,35). Ele é, para os cristãos, o ápice da profecia judaica. Nele a Escritura toma o seu sentido pleno. Ele é o novo Templo (cf. Jo 2,13ss). É por isso que o evangelista afirma que *se a Lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*" (Jo 1,17).

Foram, portanto, necessárias a descontinuidade e, ao mesmo tempo, a continuidade. A primeira em relação à interpretação das tradições judaicas, que se fechou ao reconhecimento de Jesus como o Messias que viria a cumprir a Escritura; e a segunda, em relação à real compreensão do que dizia a profecia, na primeira Aliança. Houve, por parte dos

judeu-cristãos, uma consideração do seu contexto histórico e uma certeza de que foi dali que brotou a salvação do mundo. O Verbo se fez carne nesta história vivida por eles.

A consciência dos discípulos é de que sua missão é de perpetuar a missão de Jesus; ele é o Mestre autorizado por Deus que comunica a sua autoridade aos seus discípulos. A postura dos discípulos de Jesus não deveria jamais repetir a postura dos mestres e doutores de então; era critério do discipulado o ensinamento pelo testemunho da humildade, igualdade e acolhimento de todos sem acepção de pessoas.

Encontrar um sentido para a própria vida em uma pessoa e por ela dar a vida é, no mínimo, saber que esta pessoa não é qualquer uma, senão a manifestação do próprio Deus. Para isso, sem um verdadeiro conhecimento não se teria uma verdadeira convicção. Olhar, portanto, para Jesus é voltar o olhar e a vida para Deus mesmo. É ele a revelação plena de Deus (cf. Jo 14,9).

Este conhecimento, porém, só é possível pela iniciativa de Deus (Is 55,6). Para João, o reconhecimento e, por isso, o acolhimento de Deus em Jesus implica algo bem maior que uma mera apreensão intelectual, mas uma abertura do coração e uma comunhão de vida sob a condução do Espírito Santo (Jo 3,1ss). Ao passo que a recusa de Jesus, de sua palavra, é o mesmo que permanecer na ignorância do que mais é necessário na teologia joanina. O verdadeiro conhecimento leva à adesão ao compromisso com Jesus, suas palavras (cf. Jo 7,16-17), sua vida e tudo o que ela vem a significar (cf. Jo 7,38; 8,12; 10,9; 11,25.27).

Para João, o conhecimento de Deus é o conhecimento de Cristo e de Deus nele. É para os discípulos uma experiência, primeiramente do chamar Deus de *Kyrios* e, segundo, da unidade do Pai e do Filho na divindade. Eis no que consiste o ápice do conhecimento religioso para João: a experiência de Jesus Cristo como revelação de Deus, de alguém que é um com Deus inseparavelmente.

Conhecer assim a Jesus leva o discípulo a uma entrega incondicional com o seu Mestre; a uma adesão ao que ele é e significa, fazendo assim de sua vida uma com tantas outras na comunhão e na missão de uma comunidade conduzida pelo mesmo envio do seu Mestre.

2. JESUS, MESTRE ENSINANTE NO EVANGELHO DE JOÃO

As perícopes que seguem pretendem explicitar a atividade de Jesus como quem ensina por meio de palavras e ações. Sua vida foi sempre uma formação viva. Suas obras sempre condizentes com suas palavras e vice-versa. Por meio dos testemunhos das pessoas que conviveram com Jesus, podemos intuir a diferença entre o seu agir e a atuação dos mestres do seu tempo. A sua novidade, originalidade e autoridade fizeram com que as pessoas, mediante uma admiração, se posicionassem diante dele. Seu ensino convocava a uma tomada de posição.

2.1. Mestre, onde moras? (Jo 1,38)

> Então Jesus se voltou e vendo que eles se tinham posto a segui-lo, disse-lhes: Que procurais? Eles responderam: Rabi — que significa Mestre —, onde moras?

A partir das narrações dos evangelhos sinóticos, podemos notar o encontro de Jesus com os primeiros discípulos como uma narração vocacional. Jesus chama e, de forma muito objetiva e decidida, é seguido. Não há muita descrição do momento em si como, por exemplo, certa curiosidade por parte dos discípulos em relação àquele que os chama (cf. Mt 4,18-22; Mc 1, 16-20; Lc 5,1-11). João já faz diferente. Mais do que um relato vocacional, encontramos uma descoberta do mistério de Jesus por parte dos discípulos, basta considerar a predominância do verbo *ver* na perícope[1]. Para João, a experiência do discipulado se dá quando este acolhe o testemunho do Mestre, quando o segue, vai, vê, permanece e, conseqüentemente, se torna uma testemunha (cf. Jo 20,20).

[1] Cf. FABRIS, R. – MAGGIONI, B., *Os Evangelhos,* II. Tradição e Comentários. [Col. Bíblica Loyola 2] São Paulo: Loyola, 1992, p. 297.

Jesus é chamado de Mestre. Na verdade, João não hesita em dar a Jesus este título[2]. Porém, conforme mostrará a teologia joanina, ele será um mestre diferente (cf. 3,10; 3,26). Do contrário, os discípulos de João não teriam deixado de seguir o precursor para seguir a Jesus, se nele – palavra e pessoa – não houvesse uma novidade radical. Seu ensino não consiste em um conjunto de doutrinas já dadas ou uma mera interpretação das mesmas. Ainda que sejam próprias de seu tempo e de sua religião judaica, a proposta de Jesus é uma comunhão de vida e experiência de eternidade já nesta história, neste chão (cf. 3,15). Jesus é apresentado por João como um mestre divino; ensina o que aprende do Pai e revela as coisas celestes[3]. Já neste relato do seguimento dos primeiros discípulos, João procura evidenciar quem é Jesus. O que vai ganhando forças no decorrer de todo o Evangelho.

O fato de os primeiros discípulos de Jesus terem sido do grupo de João Batista anteriormente mostra que, ao optarem por Jesus, nele vêem a plenitude do Antigo Testamento, a chegada do Reino de Deus. É como quem reconhece a importância da profecia hebraica que agora chega ao seu termo. Optar por Jesus é escolher a finalidade e/ou sentido de todo o Antigo Testamento. Jesus, sendo a sabedoria de Deus, é procurado/encontrado por estes discípulos da mesma forma que o era a Sabedoria no Antigo Testamento em relação aos que a procuravam desejando-a[4]. Jesus, revelação da sabedoria de Deus, se deixa encontrar. Já aqui podemos ver sua vida como espelho do Pai (cf. Jo 14,8-10 // Is 55,6).

Após a indicação, que tem teor de reconhecimento, feita pelo Batista, os discípulos dele seguem a Jesus. Ora, como para o Evangelho de João, este seguimento implica no verdadeiro conhecimento[5] do Mestre, por quem se opta — e o seguidor deve ter claro a quem está fazendo a entrega da própria vida — Jesus lhes pergunta: "O que estais procurando?". Esta pergunta de Jesus revela, por sua vez, o desejo de perceber nos discípulos a consistência da real motivação que os leva a segui-lo. Ainda que a palavra do Batista fosse indicativa para o futuro dos seus discípulos, o determinante aí seria a maturidade da própria opção deles. Se podemos falar de uma identidade com o que se procura, é necessário que os discípulos saibam o que buscam a fim de que o exercício do seguimento os leve à comunhão

---

[2] Cf. Jo 1,49; 3,2. 26; 4,31; 6,25; 9,2; 11,8; 20,16; cf. também MANNS, F., *op. cit,* p. 71.

[3] Cf. MANNS, F., *op. cit,* p. 72. O autor também fala aqui da abrangência do discipulado no Quarto Evangelho, p. 72, nota 9. Jesus, como o filho de José, plenamente homem é o revelador por excelência do amor do Pai. Cf. VANCELLS, T. J. *O testemunho do Quarto Evangelho.* Introdução ao estudo do quarto Evangelho. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 82-83.

[4] Cf. KONINGS, J., *op. cit,* p. 94. (cf. Pr 1,20ss; 7,1-5; 8,12ss. 32-36).

[5] Cf. LORENZEN, T., *Resurrección y discipulado – Modelos interpretativos, reflexiones bíblicas y conseqüências teológicas.* Santander: Sal Terrae, 1999 [Col. Presencia Teológica], p. 251-307. Aqui o autor falará da dialética do conhecimento cristão, abordando alguns elementos desta temática.

com o Mestre[6]. Na realidade, o que Jesus pretende é transformar o seguimento em comunhão, o serviço em amizade (cf. Jo 15,14ss).

Na pergunta de Jesus a respeito do que procuram, é possível perceber a elevação do objeto da busca, o qual consiste na participação do discípulo naquela relação que Jesus tem com o Pai. O discípulo seja encontrado onde o Mestre estiver (cf. Jo 12,26), pois também o seguidor é conduzido pela cruz à glória em conseqüência da total entrega e vivência fiel, tal como foi a vida de Jesus[7]. A verdadeira busca do discípulo a Jesus está para além daquela que é própria da multidão equivocada, que o procurava para fazê-lo rei (cf. Jo 2,23-25; 6). Algo é assumido com decisão quando se sabe o que se busca, e tem-se a certeza daquilo pelo que se opta. Isto significa que o discípulo assume como sendo sua a missão do Mestre.

A reação dos discípulos face à pergunta de Jesus se manifesta em outra pergunta: "Mestre, onde estás permanecendo?" (cf. Jo 1,38)[8]. Dada a importância do verbo *permanecer* no Quarto Evangelho[9], mais que o lugar físico da morada de Jesus, os discípulos procuram pelo sentido e modo da vida do Mestre, a fim de que com este conhecimento, também eles ali permaneçam. Em um primeiro momento, dirigem-se a Jesus com o tratamento comum aos mestres de então (cf. em relação a João – 3,26; em relação a Jesus – 4,31; 9,2; 11,8), mas será a permanência na união com Jesus que os revelará que este não é um mestre como os outros[10]. Quem deveras segue a Jesus, em decisão firme, pode reconhecê-lo bem mais que um mestre que somente interpreta, e não somente isso, chega à convicção que ele é o Messias prometido nas Escrituras (cf. Jo 1,49)[11]. Os discípulos desejam conhecer a Jesus no ato de segui-lo. Também porque somente no seguimento é que se vai poder saber quem é Jesus e, desta forma, mantendo a perseverança, transformar em resposta de amor o que para eles foi também o chamado.

---

[6] Ainda que Jesus tivesse algumas semelhanças em sua condição de mestre com os mestres do seu tempo, pelo contexto cultural, o seu desejo não era de manter seus discípulos distantes de si, como era comum no seu tempo. Quando os discípulos seguiam o seu mestre, por exemplo, mantinham uma certa distância em sinal de reverência. Jesus, no entanto, procurava mantê-los próximo a fim de que presenciassem o quanto mais possível de suas palavras e ações que fluíam em cada instante e por onde passava, pois ele era um mestre ambulante (cf. Lc 9, 57-62; Mt 8, 19-22). E mais, acima de qualquer formalismo em sua escola de discipulado, ele pretendia comunhão e amizade com os seus discípulos (cf. Jo 15, 12-17). Sobre o *Seguimento,* ver. BLANK, Josef, "Seguimento" *in* DCFT. São Paulo: Paulus, 1993, p. 819-822. E para uma compreensão da relação mestre-discípulo nas tradições judaica e cristã, ver: BRITO, Jacil Rodrigues de. "A relação mestre-discípulo nas tradições judaica e cristã", RIBLA 40 (2001) 147-160; KREDEL, E.M., "Seguimento", *in* BAUER, J.B (org.) DTB, I, São Paulo: Loyola, 1973, p. 306-311.

[7] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op. cit,* p. 149.

[8] A tradução do verbo *menein* como *permanecer* é melhor que como "morar". Tem significado mais rico. Seria como perguntar: "Qual é a tua vida, teu modo de existir, o mistério de tua pessoa?" Cf. SEGALLA. G., *San Giovanni,* Fossano, Esperienze, 1972, p. 165.

[9] Sobre isso já mencionamos algo que pode ser conferido na nota 7 do cap. I.

[10] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op. cit,* p. 345.

[11] Ibid, p. 346.

Essa dimensão da permanência dos discípulos com Jesus é mais significativa que o aprendizado de muitas informações doutrinais, que podem ficar somente no nível do conceito. Na permanência, aprenderão dele o seu modo de vida. É aí, na comunhão com Jesus, que se reconhecerão a eles próprios no decorrer do seguimento fiel, e ainda poderão participar da comunhão trinitária, onde, em plenitude, Jesus permanece[12]. A totalidade da vida de Jesus, como expressão do verdadeiro amor oblativo, é o ponto de chegada da realização para os seus discípulos, que se identificam como tais pela vivência deste mesmo amor no seio da comunidade (cf. Jo 13,35).

Qualquer busca, no entanto, sem a iniciativa de Jesus seria vã. Porque, a exemplo do Pai, Jesus se deixa encontrar e, neste caso, se deixa escolher pelos discípulos de João Batista, que não procuram ou buscam em vão. Mas convém destacar que o próprio Jesus motiva o real sentido da busca. A consciência e a fé dos discípulos precisavam sair do equívoco das multidões e partir para a opção comprometedora. Fazê-lo rei seria muito fácil sem, no entanto, comprometer-se. Difícil e desafiante – porém necessário - seria escolhê-lo como Servo de Deus, cujo poder e força estão na humildade (cf. Jo 13).

Jesus impele os discípulos a estarem diante de algo que a multidão não poderia reconhecer. O Messias esperado pelos judeus, mas não do jeito que eles esperavam. Por isso é que, mais adiante (cf. Jo 1,39), os convida: "Vinde e vêde!". A certeza aí brotaria não de informações de terceiros, mas da experiência vivida, comprovada. É como quem diz: "Venham, experimentem, vocês mesmos!". É esta a proposta de Jesus. A novidade percebida em Jesus é tamanha que a atitude dos dois discípulos, aqui chamados por ele, fala por si mesma da experiência de João Batista como um passo provisório, ainda que importante, para chegar até aquele a quem deveriam seguir definitivamente.

Uma outra dimensão deste relato é que ainda que o chamado de Jesus seja profundamente pessoal nada tem a ver com individualismo. Por mais que haja um grande toque na subjetividade do chamado, isso não vem apontar para o subjetivismo. O lugar de Jesus é fundamentalmente comunitário, o que nos é mostrado pelo Quarto Evangelho pelas inúmeras menções ao Pai e ao Espírito Santo (textos que inspiram a doutrina da Trindade); pelo ensino da videira verdadeira, que nos mostra a vivacidade dos ramos pela ligação com o tronco da mesma videira (cf. Jo 15); e ainda pelo exemplo do rebanho que sendo único, é composto de uma diversidade de ovelhas (cf. Jo 10). Comunidade esta do Messias/Mestre que

[12] Cf. MANNS, F., *op. cit,* p. 73.

se abre para os que a encontram[13]. É para esta nova perspectiva de vida que os primeiros discípulos de Jesus chegam, vêem, comprovam, e, porque aí encontram o que buscavam, permanecem (cf. Jo 1,39b).

2.2. Jesus e o mestre de Israel, Nicodemos (Jo 3,1-21)

Tendo Jesus dialogado com dois homens, com uma experiência de discipulado no grupo de João Batista (cf. Jo 1,35), e que, por sua vez, descobrem o sentido real e pleno do discipulado ao segui-lo, vemos agora, diante de Jesus, alguém com experiência de mestre, que também, em diálogo com Jesus, tem a possibilidade de tornar-se mais que um mestre da Lei de Israel, um mestre do Reino.

A perícope se desenvolve após uma introdução que situa o episódio (cf. Jo 2, 23-25) no esquema de três revelações de Jesus (cf. v. 3; 5-8; 11-21) face à pergunta/interpelação de Nicodemos.

Consideremos aqui o importante início das palavras de Jesus pelo seu "Amém, Amém"[14]. Já a partir desta fórmula nas palavras de Jesus, podemos encontrar a explicitação de que a revelação de Jesus a Nicodemos não será tanto para falar das obras (sinais) que ele realizava e por meio das quais muitos creram nele, inclusive o próprio Nicodemos. Neste relato, porém, também há um propósito por parte de Jesus, o qual é, na verdade, uma proposta a Nicodemos para que este perceba que toda a sua formação ou capacitação humana, sem a experiência da plenitude de Deus revelada em Jesus, é insuficiente para sua inteireza, na condição de mestre, dentro dos critérios do Reino. Não lhe faltava apenas algo mais, e sim o essencial.

Nicodemos é apresentado como um fariseu, um dos notáveis judeus (v.1)[15]. Não é um anônimo, desconhecido, mas sua identidade é clara e sua posição é colocada em ênfase. Porém, ainda que este tenha vindo a Jesus, como quem busca o encontro, é Jesus o principal protagonista do diálogo. Um detalhe importante do encontro é o momento em que este

---

[13] Cf. MATEOS, J. – BARRETO, J., *O Evangelho de São João* – análise lingüística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 105. Uma outra reflexão sobre a eclesiologia joanina é feita por GIBLET, J., *et al. in* JONGE, M. de. *L'Evangile de Jean.* Sources, rédaction, théologie. Leuven : University Press/Presses Universitaires de Louvain, 1987, p. 51-52.

[14] Cf. FABRIS, R. – MAGGIONI, B., *op. cit.,* p. 308. É própria de João essa expressão do "Amém" dobrado como introdução às revelações de Jesus (1,51; 3,3. 5-11; 5,19. 24.25; 6,26. 32.47.53; 8,34.51.58; 10,1-7; 12,24; 13,16.20.21.38; 14,12; 16,20.23.; 21,18).

[15] A tradução utilizada aqui é a da TEB.

acontece: é noite[16]. Ora, como é típico de João o tema da luz em oposição às trevas[17], Jesus como luz do mundo (cf. Jo 9,5), naquele momento, já se fazia luz para Nicodemos por meio de suas palavras. Foi uma experiência necessária e esclarecedora para o velho mestre de Israel que, como Paulo (cf. Fl 3,4-6), tem que reconhecer a necessidade de abrir mão de todas as vantagens terrenas em vista da novidade encontrada em Jesus. Nicodemos - notável entre os judeus – que certamente muito já havia aprendido e também muito ensinado, agora iluminado pelo encontro com Jesus, pode perceber como são diferentes os critérios de Deus e dos homens na formação de um mestre. Pensando o ser humano em suas esferas quanto ao ser (*sarx* e *pneuma*), na primeira dimensão, é certo que Nicodemos já tinha experiência como pessoa e como mestre, mas seria na segunda que ele necessitava ingressar, caso contrário, permaneceria sem acesso às realidades divinas e/ou celestiais ofertadas por Jesus (*eis ten basiléian tou theou*). Ele precisava da experiência no Espírito para entender as palavras de Jesus (cf. Jo 6,63).

Nesta cena, Nicodemos é apresentado como uma figura representativa[18], o que fica claro quando usa o verbo *saber* na 1ª pessoa do plural (sabemos). Neste sentido é que podemos, com Schnackenburg, afirmar que o diálogo adquire com ele um matiz de vigência universal (v.11) e os leitores poderiam muito bem pensar em debates contemporâneos entre cristãos e judeus versados na Lei[19]. O que, portanto, encontramos como palavra/revelação de Jesus para Nicodemos – enquanto figura representativa – deve ser entendido também aos que por ele são representados, quer "os muitos que viram seus sinais" (cf. Jo 2,23), quer aos demais notáveis, entre os quais Nicodemos se encontrava (cf. 3,1).

O mestre de Israel não vê em Jesus um mestre comum. Nicodemos o considera um rabi[20]. Ele vem da parte de Deus, realizando sinais, que somente alguém com Deus pode realizar; sinais estes que são para Nicodemos credenciais de Jesus como enviado de Deus[21]. Para Nicodemos, a missão de Jesus vem de Deus, que apóia seu proceder e confirma esta mesma missão por meio de sinais incomuns. É neste contexto que, mediante o reconhecimento de Nicodemos, Jesus vê por trás a questão que preocupa a todos os judeus:

---

[16] Sobre esse detalhe da *noite* neste relato são válidas algumas interpretações como a de FABRIS, p. 309; SCHNACKENBURG, J. *op. cit,* p. 417; KONINGS, J., *op. cit,* p. 113; MATEOS, J. – BARRETO, J., *op. cit.* p. 167; LÉON-DUFOUR, X., *op. cit,* p. 221.
[17] Cf. Jo 1, 4. 5. 7. 8. 9; 3, 19. 20. 21; 5, 35; 8,12; 9,5; 11,9. 10; 12,35. 36.
[18] Cf. MAGGIONI, Bruno, *op. cit,* p. 309; MATEOS, J. – BARRETO, J., *op. cit.*, p. 167; KONINGS, J., *op. cit,* p. 113.
[19] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op. cit,* p. 418.
[20] Título honorífico (Excelência), usado comumente para dirigir-se aos letrados ou doutores da Lei. MATEOS, J. – BARRETO, J., *op. cit.*, p. 167.
[21] Ibidem.

"Que fazer para ter participação no mundo vindouro?"[22]. Ao que Jesus responde afirmando a necessidade do novo nascimento (*anothen*)[23].

A incompreensão de Nicodemos o faz trocar *anothen* (do alto) pelo *deuteron* (de novo)[24]. Jesus procura mostrar que a Lei — na qual Nicodemos é mestre — é insuficiente para fazê-lo entrar ou participar do Reino de Deus. Com toda a importância dada pelos judeus à Lei[25], esta seria insuficiente como meio para alcançar o Reino. Por isso é que, ainda que tenha a Lei no conhecimento, Nicodemos precisava do toque de Jesus em seu coração.

Este novo nascimento proposto aqui por Jesus a Nicodemos não deve ser entendido como uma simples repetição da existência ou história pessoal. A compreensão do nascimento do alto está para além da possibilidade humana e de sua força em si mesma. Todavia, se cada pessoa, em caminho existencial, não experimentar este nascimento através de uma radical decisão, este não será possível. Numa palavra, o novo nascimento é obra do Espírito Santo. O esforço humano por si não é capaz de realizar; sem ele, porém, a iniciativa de Deus ficará sem retorno.

É preciso nascer do Espírito Santo (v.5) para ver (=experiência) o Reino de Deus[26]. Tal experiência é, por assim dizer, a participação do homem na vida eterna. Visto que Deus assume a humanidade pelo mistério da Encarnação (cf. Jo 1,1-18), agora é a vez dos seres humanos assumirem a esfera divina em sua vida, pela experiência do Espírito ou do novo nascimento. Ora, se na Encarnação, Deus, em seu Filho, vive a vida humana, o seu Espírito agora nos poderá conduzir a viver a vida divina (cf. Gl 2,20). É a plenitude da história humana revelada em Jesus (cf. Gl 4,4) que em sua vida dá-nos a acolher a eternidade em transitoriedade humana. Essa experiência é um contínuo exercício de afeiçoamento às coisas do alto, como somos chamados a viver por meio do apóstolo (cf. Fl 2,3). É a ação divina que torna-nos filhos no único Filho[27]. Nicodemos dera bem o primeiro passo,

---

[22] Cf. Mt 19,16-29 e paralelos.

[23] *Anothen:* advérbio que tanto pode significar "do alto" como "de novo". Convém aqui traduzir como "do alto", tendo em vista a seqüência do texto, ainda que o contexto permita a escolha. Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit*. p. 222.

[24] *De novo* é um outro sentido para *anothen*. João utiliza às vezes palavras de dupla compreensão, a fim de continuar e aprofundar um diálogo. LÉON-DUFOUR, X., *op. cit.*, p. 222; MANNS, F., *op. cit.* p. 289-306.

[25] Cf. MATEOS, J. – BARRETO, J., *op. cit.*, p 168. "Para o grupo dos fariseus, a Lei é o caminho para Deus, sua observância é vida, e toda esperança de melhoria centra-se em torno do conhecimento e fidelidade à Lei. Ela, como norma, é a educadora do homem e é ela que possibilita chegar a ser o que Deus espera dele. O renascimento da nação e sua prosperidade tinham que vir de sua aplicação escrupulosa, por refletir ela a vontade de Deus. Nela está o futuro de Israel".

[26] João emprega aqui (vv. 3 e 5), únicas vezes no seu evangelho, a expressão "Reino de Deus", que é freqüente nos sinóticos. Prefere, para expressar a mesma realidade, a expressão "vida eterna", que é bastante comum no Quarto Evangelho (cf. 3,16. 36; 4,14. 36; 5,24. 39; 6,27. 40. 47. 54. 68; 10,28; 12,25. 50; 17,2.3).

[27] Cf. Rm 8,1-17; Gl 4,4-7. Também faz uma reflexão a esse respeito LÉON-DUFOUR, X. *op. cit*., p. 223.

reconhecendo Jesus como um mestre diferente, vindo da parte de Deus; convinha, a partir daquele momento, deixar-se conduzir pela vida qualitativamente nova oferecida por Jesus.

No seu comentário, Mateos e Barreto observam muito bem que

> O Reino de Deus pressupõe nova qualidade humana. Nicodemos reconhece Jesus como Messias-Mestre que interpretaria a Lei e asseguraria sua observância, estabelecendo assim o Reino de Deus. Jesus, porém, afirma que o plano de Deus consiste em levar ao acabamento o próprio ser humano, infundindo-lhe nova qualidade de vida (nascer do alto)[28].

O que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é espírito (v. 6). O primeiro é terrestre, fraco, passageiro, limitado, enquanto que o segundo basta dizer que para sempre viverá a vida de Deus (cf. Jo 3,16). O nascimento por obra do Espírito, mais que dizer respeito ao comportamento, toca a totalidade do ser daquele que o escolhe. É a graça da realização humana em toda a sua estrutura agora oferecida como dom por Jesus, o que nenhum sábio de Israel poderia experimentar, e muito menos ensinar, pelo conhecimento puro e simples da Lei, ainda com toda notabilidade como no caso de Nicodemos.

Nesse sentido faz-se necessário lembrarmos que, para o leitor cristão já experiente ou instruído, esta geração pela água e pelo Espírito (v. 5) faz referência ao batismo cristão[29] e à vida na comunidade dos que crêem em Jesus[30]. É óbvio que Nicodemos não conhece o "ponto de vista pascal", próprio de João, que escreve seu Evangelho já em fins do primeiro século. Mas a explicação dada ao mestre de Israel servirá para os cristãos que ainda não entendem a radicalidade do batismo cristão[31]. A exigência mostrada a Nicodemos sobre o que significa fazer parte do Reino de Deus é reafirmação para o leitor cristão do que deve ser uma vivência comunitária eclesial. É o próprio Espírito, força de Deus, que conduz a comunidade nesta prática. Ele é o verdadeiro ator, força misteriosa que, invisível como o vento, atua na aparência visível do batismo[32].

Se o Reino de Deus, como o temos referido, é o lugar teológico onde a comunicação/revelação de Deus é possível, e se os conceitos de Lei, Templo, Verdade, Vida

---

[28] Cf. MATEOS, J. – BARRETO, J., *op. cit.*, p. 169.
[29] MINETTE de TILLESSE, G., RBB 18 (2003) 275. Há aqui uma grande ênfase na afirmação de que neste encontro de Jesus com Nicodemos, a vida nova do cristão jorra do batismo, fazendo dele um homem novo segundo o Espírito (compare-se com 1 Cor 15,45). Para o autor, nesta experiência de Nicodemos encontra-se um dos textos mais claros do Novo Testamento para explicar o que é o Evangelho, sendo toda a experiência mística da Igreja, brotando do batismo.
[30] Cf. KONINGS, J., *op. cit.* 114.
[31] Ibidem.
[32] Cf. MAGGIONI, B., *op. cit.*p. 311.

se encerram em Jesus, então, Jesus mesmo é o espaço onde os nascidos de novo entram e permanecem; logo, também nele se encerra o conceito de Reino[33]. Isso para deixar claro que Jesus, como a revelação plena de Deus, significa sentido para a vida humana, tanto em sua palavra como em sua pessoa. Assim é que podemos aplicar aqui o provérbio que diz: "identificamo-nos com o que procuramos", ou seja, a adesão à pessoa de Jesus é propósito de identificação com ele. Isso implica para a vida do crente uma total liberdade – sobretudo diante das amarras da Lei. "O vento sopra onde quer" (v. 8) e direciona a vida do cristão, levando-o a proceder como um questionamento vivo perante o mundo, que não pode entender de onde vem a sua força, nem para onde tende sua atividade[34].

O seguimento e adesão a Jesus é isto: entrega incondicional sem medida de esforços diante do que pode impelir o Espírito de Deus (cf. At 20,2-24). Numa total liberdade, vivem neste mundo na busca de transformação do mesmo na condição de cidadãos do Reino de Deus[35]. Se para o Espírito não há limitações[36] – pois sopra onde quer! -, isso vale também para os que por ele são guiados.

Segue-se então o relato (vv.13-21) explicitando a situação nova do homem. Aceitar é a condição para crer (cf. Jo 1,11). A fé no Filho é condicionada pela atitude fundamental de cada um diante da revelação divina (cf. Jo 3,19-21). Para João, como já notamos, Jesus é o lugar onde se faz a revelação de Deus entre os homens[37]. Somente o Filho do Homem, porque pertence ao céu, pode falar das coisas do céu, pois desce de junto de Deus, de sua intimidade (cf. Jo 1,1. 18; 17,5)[38]. Aceitar a Jesus é abrir-se ao mais profundo da relação com Deus; é abraçar ao que Deus pode oferecer e falar em plenitude.

O que temos visto até agora é a seriedade e compromisso de se encontrar diante de Deus e sua oferta; no que implica a adesão ou recusa de tal dom. Se por um lado acontece a

---

[33] Cf. MATEOS, J. – BARRETO, J., *op. cit.*, p. 171. Diante do que aqui estes autores afirmam categoricamente, é válido que consideremos a opinião de Leon-Dufour: "Supondo, portanto, que *Reino de Deus* equivaleria aqui a Jesus Cristo, o sentido seria: Ele não pode *me* ver, isto é, ele não pode saber quem eu sou. Nesse caso o encadeamento da resposta de Jesus com aquilo que Nicodemos disse (v. 2) seria direto. Todavia, esta leitura não pode se impor: a identificação do reino de Deus com a pessoa Jesus é posterior ao século II na tradição cristã; além disso, e sobretudo a expressão *entrar no reino de Deus* dificilmente é aplicável ao próprio Jesus. LÉON-DUFOUR, X., *op. cit.*, p. 223.

[34] LÉON-DUFOUR, X., *op. cit* p. 227.

[35] O cristão é chamado a viver sua historicidade engajando-se sempre mais nas realidades do seu tempo, comprometendo-se com seu testemunho a dar sentido e gosto à própria história, por isso é "sal da terra", porém sempre lembrando que, em meio à efemeridade de todo o criado, caminha para uma plenitude que não se esgota neste chão (cf. 1 Cor 7,29-31; Fl 3,20; Hb 11,10. 14-16; 13, 14).

[36] É válido que esclareçamos que não se trata aqui de um princípio de desordem. O Reino de Deus é um lugar de ordem; a harmonia é expressão do Reino de Deus. Trata-se sim da independência em relação à Lei e tradições, que, ao invés, de garantir a liberdade, aprisiona os seus observantes (cf. Mt 23,1-39; Mc 12,38ss; Lc 11,37-54; 20,45ss).

[37] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op. cit* p. 231.

[38] Cf. KONINGS, J., *op. cit* p. 116.

oferta gratuita do amor e salvação de Deus ao que aderi-la, por outro, a recusa implica na condenação, porque se recusou ou desprezou o que de mais caro Deus oferecera, o seu Filho unigênito. A sentença aqui é muito clara:

> Deus, com efeito, amou tanto o mundo que deu o seu Filho, o seu único, para que todo homem que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo não para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem crê nele não é julgado; quem não crê já está julgado, porque não creu no nome do Filho único de Deus (3,16-18).

Eis em que consiste o juízo: a postura humana diante do dom de Deus. Daquele que quer salvar. Mas, entre a vontade divina de salvar e o interlocutor se deixar envolver por esta salvação, deve haver a reciprocidade que deve unir ambos os lados. A fé/aceitação é elemento determinante para a realização do homem. Este, em meio a todo o criado, é o único ser capaz de responder livre e conscientemente sim ou não. Interessa, contudo, que se posicione diante de Deus. O encontro com Jesus já abre a possibilidade de se possuir a vida eterna. Crer ou não crer: eis a decisão. Enquanto no prólogo de João se acentuava mais a natureza da Palavra e sua missão do que a atividade do homem, aqui, no diálogo de Jesus com Nicodemos, o acento cairá no papel do homem e na sua resposta.

Nesse encontro com Nicodemos, vimos que Jesus ensinou; a proposta foi lançada; o mestre de Israel é chamado a responder. O decorrer do Evangelho (cf. Jo 7,50; 19,39) aponta para o crescimento gradual de sua fé em Jesus[39]. Já envolvido pelo diálogo com Jesus, tendo aprendido muito do Mestre do Reino, suas atitudes, diante do que relata o evangelista, agora expressam que, de um mestre de Israel, também ele se fez um mestre do Reino, entre os do seu grupo de notáveis como um enviado da parte de Deus (Filho).

2.3. “Ensinados por Deus” (Jo 6,45)

Depois de ter instruído a Nicodemos, a partir de uma experiência pessoal, Jesus mostra-se agora interessado em dar instrução a um público mais amplo. Convém que cada pessoa tenha um momento único como experiência de Deus, por meio de Jesus, mas que esta não seja uma experiência/privilégio de alguns somente. Todos são destinatários do ensino novo desse Mestre que chega a todos indo a cada um com a proposta de Deus.

[39] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op. cit,* p. 417.

A palavra de Jesus bem como sua postura permeadas de novidade costumavam apresentar-se como inquietantes e exigentes de uma reação por parte de seus ouvintes ou seguidores que, por sua vez, agem como quem admira ou recusa. O destinatário de sua palavra não pode ser o mesmo após ouvi-la; de uma forma ou de outra a palavra de Jesus, que é palavra de Deus[40], sempre deixará sua marca (cf. Is 55,11).

Chegando ao capítulo 6 do Evangelho de João, um mini-evangelho, assim como já foi chamado[41], deparamo-nos com a mensagem essencial de Jesus a respeito dele mesmo. É um capítulo iniciado pelo costumeiro "depois disso", que inicia a multiplicação dos pães e a caminhada de Jesus sobre as águas (cf. 6,1-21). À semelhança do capítulo 5, o relato do sinal provoca uma reação conflitante com os adversários (cf. 6,22-58) e culminará com a reação dos ouvintes, a necessária opção diante da proposta de Jesus (cf. Jo 6, 59-71)[42]. Jo 6 mostra que a adesão à proposta de Jesus, por meio da maturidade da fé, manifesta sérias implicações, quer na radicalidade da proposta como tal, quer na compreensão da mesma. Com um sim ou com um não, é preciso decidir; a indiferença não cabe mais onde há o conhecimento.

Nesta exposição joanina do grande banquete[43], ou discurso sobre o Pão da vida, já são assinalados todos os aspectos que aparecem depois na palavra reveladora de Jesus e, conseqüentemente, na conduta ou reação dos judeus[44], assim como de parte de seus discípulos. A objetividade percebida em Jesus (vv.10.12) mostra sua determinação para auto-revelar-se por meio de sinais. Encontramos aí a presença de tipologia como a do maná, ao saciar a multidão pouco antes da festa da páscoa (v.4); Moisés é lembrado pela menção do monte (vv.3.15), e ainda pela expressão "profeta que deveria vir ao mundo" (vv. 33.51)[45], enfim. A partir daí vemos que o que era próprio e restrito à tradição e conhecimento dos judeus, agora é demonstrado em cumprimento ou plenitude a todos quanto o escutarem.

A abrangência ou alcance do que Deus quer ensinar em seu Filho vai para além dos limites judaicos, dando assim possibilidade de todos poderem não só conhecer, mas aderir. É o que nos diz claramente o v. 45:

---

[40] Cf. Lc 5, .5; Jo 1,41-47; 6,63.68; 14,10-11.21.
[41] Cf. KONINGS, J., *op. cit* p. 147.
[42] Ibidem.
[43] Em poucas palavras, Schnackenburg aponta as linhas mestras deste discurso do capítulo 6 de João quando afirma que "o sinal do grande banquete no ponto culminante da atividade de Jesus na Galiléia, é apoiada pela aparição do Mestre aos discípulos no mar, se abre em seu sentido teológico mediante um discurso de revelação; mas também motiva a uma decisão de fé, descobre a incredulidade judia, e conduz a uma crise no círculo dos discípulos e a confissão de fé de Simão Pedro em nome dos doze". SCHNACKENBURG, R., *op. cit.,* p. 32; MINETTE de TILLESSE, G., RBB 13 (1996) 743-746.
[44] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op. cit,* p. 30.
[45] Ibidem.

> "Nos profetas está escrito: 'Todos serão instruídos e ensinados por Deus. Todo o que ouvir aquele que vem do Pai e recebe o seu ensinamento vem a mim".

Ora, depois que Jesus faz o discurso, no qual ele mesmo diz ser o Pão da vida (vv.22-59), os judeus passaram a se posicionar diante de tal afirmação. A palavra de Jesus que afirma ser ele o Pão do céu é para os judeus um absurdo, simplesmente inaceitável; o que os levou a uma atitude de murmuração[46], palavra esta tão desconcertante que chega atingir até mesmo alguns do seu grupo de seguidores (vv. 60-61). É tal a postura que Jesus encontra neles, quando na verdade intenciona alcançar-lhes a fé. O grande equívoco dos que sabiam quem era Jesus levou os judeus a recusarem sua palavra, pois pensavam que já sabiam muito sobre ele, fechando-se assim ao mais importante de sua pessoa, a revelação de Deus e sua inseparabilidade com o Deus que eles também julgavam conhecer por meio de suas tradições. No entanto, a proposta de revelação de Jesus, em sua unidade com Deus, extrapola os critérios de conhecimento e relacionamento com Deus, assumido pelos judeus.

A extensão da aliança[47] que Deus quer fazer por meio de seu Filho agora alcançaria o "além-muros" do judaísmo, que talvez pudesse se achar detentor desse privilégio. Todos agora podem conhecê-lo pelo fato de aceitar o seu enviado. E Jesus livremente retomará o tema do ensinamento por Deus da profecia hebraica[48], só que agora não mais restringindo à casa de Israel, mas com teor de universalidade. A expressão "todos" usada por Jesus tira a restrição à casa de Israel como encontramos no livro de Isaías[49]. Qualquer proximidade, portanto, à revelação de Jesus será inútil sem a força da graça do próprio Deus que realiza. Da mesma forma será em vão querer compreender a revelação de Deus fechando o coração à revelação do Filho.

Enquanto para o judeu nada era mais caro e nobre que a Torah, o que consistia na instrução e caminho para a fidelidade a Deus, para a comunidade cristã Jesus é a própria sabedoria de Deus (cf. 1 Cor 1,24). O que vem a ser expresso bem mais que por sua palavra, como pelo seu modo de viver, como um ensinamento prático. A Palavra, a Torah viva é o

---

[46] Foi a mesma atitude que seus pais tiveram no deserto (cf. Ex 15,24; 16,2-7.12). Conduta essa que os LXX descreveram com as mesmas palavras que em João (*gongyzein* ou o reforçado *diagongyzein*) era considerada no Antigo Testamento como incredibilidade (cf. Sl 106,24s; Nm 14,2-3).

[47] Jesus não se revela como mais uma aliança para os judeus, mas como a aliança nova e definitiva para toda a humanidade destinatária de sua missão salvífico-redentora (cf. 1 Cor 11,23-25; Mc 14, 22-25; Lc 22,15-20; Mt 26,26-29). Há a hipótese de 5 alianças na vida do povo de Israel, situadas em momentos decisivos de sua história. Sobre isso, ver: MINETTE de TILLESSE, G., RBB 19 (2002) 110-129.

[48] Cf. Is 54,13; Jr 31,31-34.

[49] Isaías: *todos os teus filhos;* João: *todos.* Vemos, portanto, que a abrangência mencionada por João vai além dos filhos de Israel, conforme encontramos e Isaías (cf. Is 54,13).

próprio Jesus[50]. Direcionar-se a ele é chegar até Deus. Ser discípulo de Deus, cumprindo na própria vida esta profecia, é optar por Jesus, reconhecendo-o Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6) e vendo nele mesmo a imagem plena de Deus (cf. Jo 14,8-11), sua palavra última e definitiva.

Jesus fala aos seus ouvintes como quem revela o assunto mais importante do ensinamento de Deus. Ouvindo a Jesus, ouve-se a Palavra de Deus (cf. Lc 5,1.5). É o próprio Deus que conduz a todos à escuta de seu Filho (Mt 4, 13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; cf. Jo 1,19-34). A insistência de Jesus na palavra *pantes* considera Israel como destinatário de sua revelação, mas com uma perspectiva de universalização para a comunidade dos seus seguidores, os que virão a ser mais que uma continuação de Israel, estando aberta a todos quantos escutarem e aprenderem do Pai (cf. Jo 11,52; 10,16)[51]. O que se via por parte dos judeus em busca de Deus, de forma mais específica no Templo, agora se vê o seu acesso na vida e no coração de todos os que se entregam à verdadeira adoração e fidelidade (cf. Jo 4,23-24). É o próprio Deus que reúne e forma a comunidade de seu Filho. Só chega ao Filho aquele a quem o Pai atrai e conduz.

O tempo inaugurado pelo evento Cristo é o tempo da plenitude (cf. Gl 4,4); Deus extrapola as limitadas percepções do ser humano. Este, aqui representado pelo povo judeu, precisa entender que a revelação divina não se prende à limitada maneira humana de percebê-la. Deus sempre escapa de toda espécie de esquema fechado ante as novas possibilidades. Dizendo isso, afirmamos que não está em jogo um aspecto messiânico, simplesmente, mas toda uma teologia, ou o modo de "conhecer" Deus, sua manifestação e possibilidade de inserção na história[52], de uma forma tão singular que faz dela seu meio de revelação. É uma verdadeira "historicização" de Deus. Abrir-se ao Cristo é acolher a plena revelação de Deus, como quem sabe que Deus entrando na história humana não só permite-nos, mas convoca-nos a ingressar na "sua história". Fechar-se ao Filho é recusar a definitiva palavra de Deus, que nunca soou tão clara à vida e coração da humanidade, ou seja, o seu *Logos.*

Se depois de ter, por muitas vezes e de muitos modos, Deus falado ao seu povo por meio dos profetas, agora fala por meio de seu Filho[53], que é para todos a palavra decisiva e irrevogável de Deus. É bem verdade que Deus conhece a fragilidade dos seus chamados, porém se estes tiverem a possibilidade de conhecer, não dá mais pra ficar indiferente. O meio

---

[50] Cf. KONINGS, J., *op. cit*., p. 159.
[51] Cf. MATEOS, J. – BARRETO, J., *op. cit.* p. 316.
[52] Cf. MAGGIONI, B., *op. cit.* p. 547.
[53] Cf. Hb 1,1-4.

termo aqui não deve existir mais. É como vemos em Jo 3,18: "quem crê nele não é julgado, mas quem não crê já está julgado, por não crer no nome do Filho único de Deus"[54]. Ser discípulo de Deus ou ensinado por ele é o mesmo que abraçar com tudo o que se é, limitações e capacidades, a boa nova como plena revelação que somente em Jesus é possível encontrar; do contrário, o próprio Deus não tomaria tal condução em direção ao seu Filho quanto aos discípulos, assim como João Batista o fez (cf. 1, 36-37)[55].

O evangelista trabalha com um movimento recíproco entre Jesus e o Pai. Ser discípulo de Deus é possível por meio do revelador, único que o viu (cf. Jo 1,18; 6,46). Jesus o conhece e pode dá-lo a conhecer (3,14)[56], ao mesmo tempo em que afirma que ninguém pode ser discípulo de Jesus se não for pela condução do Pai (cf. 6,44), o que nos faz perceber a unidade do Pai e do Filho, de forma que ao olhar para um veja-se também o outro (cf. Jo 14,9) e encontrando um, encontre também o outro (cf. Jo 14,7.10).

A palavra de Jesus em João 6 aparece como radical, dura (cf. Jo 6,60ss), ao ponto de provocar a renúncia do caminho por parte de discípulos mesmos, como temos referido. Isso mostra que quem não assume essa palavra de Jesus, muito menos assumiria sua vida, permanecendo com ele onde quer que ele estivesse (cf. Jo 12,16; 17,24). De certa forma, houve aí uma decisão coerente: o que não se pode assumir, não se deve arriscar. Mas é preciso lembrar que o chamado de Deus é capacitante. "Deus capacita os escolhidos, não escolhe os capacitados". É verdade que o seguimento de Jesus tem seus desafios, mas a fidelidade sempre prova que vale a pena, acima de tudo, tê-lo como escolha, também porque, a quem iremos se somente ele tem palavras de vida eterna? (cf. Jo 6, 68).

2.4. Jesus ensina no Templo (Jo 7)

Deparando-nos com Jo 7[57], ao fazermos nossa reflexão sobre a pessoa de Jesus como aquele que ensina no Templo, constatamos que o seu ensinamento perpassa ainda o

[54] Este julgamento referido aqui, traduzido como *condenação* em algumas traduções da bíblia, não indica uma atitude do querer de Deus, mas a conseqüência natural da recusa do homem, o que podemos ver em Jo 3,17.
[55] Cf. KEENER, C., *The Gospel of John* – A Commentary. Vol. I. EUA: Handrickson Publishers, 2005, p. 686.
[56] Cf. KONINGS, J., *op. cit.* p. 159.
[57] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit.,* II, p. 145; SCHNACKENBURG, R., p. 225; KONINGS, J., *op. cit.* p. 181; FLANAGAN, Neal M. *in* BERGANTE, D. – KARRIS, R. J., (org.), Comentário Bíblico, III, São Paulo, Loyola, 1999, p. 118-119.

capítulo 8[58]. A razão para estes dois capítulos serem lidos em unidade é a harmonia de tempo (festa das Tendas), de cenário (o Templo) e de ação (Jesus ensina)[59].

Imaginemos essa situação: Jesus tem incomodado a muitos com sua palavra e seu modo de agir, com seu modo de conviver com as pessoas e de freqüentar certos lugares (cf. Lc 15,1-2). Agora ainda mais quando "ousa" ensinar no Templo, lugar mais sagrado para os judeus (cf. 7,14. 28.37; 8,12.20)[60]. É aí, onde curou um enfermo (cf. 5,14), que chamará de "casa de meu Pai". É aí que o ensino de Jesus o levará ao confronto com o seu povo[61]. Isso, no entanto, não intimida a Jesus, por causa de sua convicção e fidelidade acerca de sua missão, mesmo que tantas vezes isso o leve a atitudes conflitantes. Tudo isso tem um sentido. É por causa daquele que o enviou (cf. Jo 7,16.18.28.29.33; 8,16.18.26.42).

O contexto da estadia de Jesus no Templo é o da festa das Tendas[62]. Como personagens, encontramos: os irmãos de Jesus, a multidão (cf Jo **7**,12.31.40.41.43,) algumas pessoas de Jerusalém (cf. Jo 7,25), as autoridades (cf. Jo 7,26), os fariseus e sacerdotes (cf. Jo **7**,32.45.47.48; 8,13), os guardas do Templo (cf. Jo 7,23.45) e, em geral, os judeus (cf. Jo. 7, 1.11.15.35; 8,22.48.52.57)[63]. Daí, vemos o poder da palavra de Jesus e a multiplicidade de opiniões a respeito dele. Jesus mantinha segurança e firmeza por causa do seu maior aliado, o Pai.

Jesus é mostrado por João como o verdadeiro Templo (cf. Jo 2,18-21), assim como aquele que contém um ensino que deve ocupar o mais profundo conteúdo do Templo. Vemos, por meio de toda essa realidade, a polêmica, não tanto de Jesus com os seus contemporâneos, mas da sua comunidade com os mestres judaicos do fim do século I. Jesus é a imagem de sua comunidade[64]. Na pessoa de Jesus, da forma como é referida nesta narrativa, João quer levar o leitor a entender a realidade vivida por sua comunidade. E na medida em que este se fizer fiel ao Mestre, sua missão também será marcada pelos traços assumidos por Jesus, da perseguição até a vitória sobre as situações desafiantes. Tudo isso deve ser considerado como natural na vida de quem se torna fiel ao caminho de seu Mestre, afinal é a verdade que está sendo ensinada e testemunhada. E como sabemos que a verdade incomoda!

---

[58] Sendo interrompido pela perícope da mulher adúltera (cf. Jo 8,1-11) que foi inserida tardiamente no evangelho aqui em questão, e por isso mesmo não pertencendo ao contexto próprio da perícope.
[59] Cf. LÉON-DUFOUR, X.,*op. cit.,* II, p. 146.
[60] Chamamos aqui de ousadia o fato de Jesus ensinar no Templo dos judeus, mas talvez não seja tanta para quem se disse o próprio e verdadeiro Templo em uma outra ocasião também de confronto com os judeus (cf. Jo 2,19,22)
[61] Ibid, p. 148.
[62] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit.,* II, p.148. Melhor seria dizer "cabanas", uma das principais festas do ciclo anual: Páscoa, Pentecostes; Tendas; Dia da Expiação.
[63] Ibid, p.149.
[64] Cf. KONINGS, J., *op. cit.* p. 174.

O conteúdo do capítulo 7 insistirá na interrogação fundamental: "Jesus é mesmo o Cristo?" [65] Ora, a narração nos mostra que o dizer e o fazer de Jesus revelam-no como enviado do alto. Não se apresenta como mais um rabino, que até ensinava com segurança. Jesus não só é seguro, mas tem autoridade sobre o que ensina, e mais, transmite a verdade como novidade em forma de anúncio.

Tanto as palavras de Jesus como suas obras têm um sentido específico de ser. Não se fazem por fazer; nem muito menos são manifestações espetaculares, como queriam seus irmãos (vv. 3-4). As obras de Jesus como sinais, dentro da linguagem joanina, ao mesmo tempo escondem e revelam algo mais profundo. Jesus não queria, por meio delas, buscar fama, mas manifestar o poder de Deus e provocar a conversão dos seus ouvintes e espectadores. A finalidade de suas obras não é levar à admiração, ainda que esta aconteça naturalmente, mas à fé de que ali está presente o poder de Deus. Ver por ver todos fazem; crer, no entanto, que é o essencial, é próprio de quem, mais do que um espetáculo, busca um verdadeiro compromisso.

O conhecimento de Jesus sempre escapa à compreensão de sua totalidade. Ainda que afirmassem saber de onde vinha[66] e, qual a sua procedência, as pessoas não tinham claro aonde ele queria chegar, e qual seria, realmente, a sua postura. Seu ensino no Templo é um grande marco de sua auto-revelação. Por isso, ainda que não se tornasse tão claro aos presentes naquela ocasião, apontava para matizes que indicavam aspectos centrais sobre a sua pessoa[67]. A sua pessoa tinha uma novidade a ser percebida, tinha verdade não contida no ensino de outros mestres. Jesus não podia entrar no número dos que se apresentavam como Messias sem sê-lo de fato. O que, todavia, provaria isso seria o reconhecimento de todos quanto o vissem ou ouvissem.

Na pregação de Jesus não havia um conjunto de conceitos estranhos ou realidades desconhecidas que deixavam o povo alheio ao que ouviam. O tema da Lei era bastante presente na palavra de Jesus, ela que expressa a palavra de Deus que suscita vida[68]. Escutando assim a Lei e praticando como se deve, estava sendo cumprida a vontade de Deus, como o

---

[65] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit.*, II, p. 157-158.
[66] Na tradição de fé de Israel acreditava-se que o Messias teria ficado escondido e desconhecido para depois aparecer em público. FABRIS, R., *op.cit.* p. 359; KONINGS, J., *op. cit.* 175; LÉON-DUFOUR, X., *op. cit,* II, p. 163.
[67] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op. cit.* p. 206.
[68] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op. cit.*, II, p. 161.

próprio Jesus o fez. Essa concepção de Lei proposta por Jesus não é desconhecida pelos judeus: podemos encontrar na revelação veterotestamentária este elo que une lei e vida[69].

Jesus falava abertamente no Templo (cf. Jo 7,26) e com uma autoridade admirável (cf. Jo 7,46). E ao mesmo tempo em que falava, confirmava sua palavra com sinais que são próprios de quem tem Deus consigo (cf. Jo 3,2). Sua palavra e sua vida são um dom inseparável (cf. Jo 6,51), de forma que, sendo um Mestre vindo do alto, continuamente expunha sua vida por causa de sua missão. A praticidade do seu ensino explicitava a intensidade do seu compromisso com o que ensinava. Sua morte, como expressão de entrega incondicional, foi o mais alto preço de sua palavra e ação. Para ele, essa entrega e abandono nas mãos de Deus eram a forma de viver a verdadeira opção de vida.

Porque eram imbuídos pela experiência da Escritura de procura/encontro com Deus[70], não deveria faltar muito para que os judeus percebessem em Jesus o verdadeiro enviado de Deus, o Messias que deveria vir. Porém, como a abertura do coração não dependia simplesmente de tradições recebidas - que mais pareciam fechar seus corações - muitos recusaram Jesus como essa boa nova (definitiva) de Deus. Por isso é que Jesus procura corações abertos à sua proposta, indo além do seu próprio povo (v. 36)[71].

O fato de Jesus estar ensinando no Templo mostra a maneira como ele toca o coração da experiência de Deus por parte de Israel, ainda que não tenha tocado o coração de cada um. No Templo, ecoou seu ensino; na vida dos seus, sua palavra não surtiu tanto efeito. A revelação gratuita de Deus chocou-se com a descrença dos que dela precisavam. Pensamos então que, se o Templo fosse para eles mais que um ensino da Tradição, uma contínua recepção da verdade criativa e dinâmica de Deus, o alcance do que Jesus pretendeu teria sido outro.

Quanto à situação contextual-histórica, a narração menciona por quatro vezes a situação da festa das Tendas (cf. Jo 7,2. 11.14.37). Como que numa ascendência narrativa, Jesus, no último dia da festa, toma uma postura diferente (v.37). Isso já marca a sua solene diferença diante dos demais mestres. Aqui, não mais sentado, põe-se de pé, numa atitude profética (v.28; cf. Pr 1,21). Seu posicionar-se "de pé" não acontece por acaso. É demonstração da autoridade naquilo que proclama. A partir daí, é aguçada cada vez mais a

[69] Ibid. 162.
[70] Há muitas menções da Escritura desta experiência de Deus (cf. Os 5,15; 10,12; Am 5,4; 1 Cr 22,19; 2 Cr 19,3; Esd 8,22; Is 55,6).
[71] Lc 2,32; 15,7; cf. Is 42,6.

reação dos presentes: fé ou não fé, adesão ou recusa. Mediante a decisão firme de Jesus, como profeta, faz-se necessário a mesma firmeza na resposta de quem o presencia ao ensinar.

Jesus, então, faz proclamação a respeito de uma água viva, o que vem a reforçar o sentido da festa naquela ocasião celebrada. É o grande dia da procissão da água e da luz, que parte do reservatório de Siloé, de cuja água o sumo sacerdote enchia uma taça de ouro para com ela aspergir os muros da cidade, o que vem a significar a abundância de Israel que se derrama por todas as nações[72]. Diante disso, Jesus se revelava como a fonte dessa água já prefigurada no Antigo Testamento:

> "Tirareis com alegria água das fontes da salvação. Naquele dia direis: celebrai o eterno, invocai o seu nome e nomeai suas obras entre os povos (...) Gritai de alegria, habitantes de Sião, porque o Santo de Israel é grande em vosso meio"[73].

Jesus é o Templo (2,21), é a água que jorra do Templo (v.38)[74]. A atitude profética de Jesus mostra de uma forma irrevogável que a salvação não se encerra nesta festa de Israel, mas em sua pessoa. Numa palavra, o caminho judaico de salvação está superado, somente em Cristo há salvação[75]. Jesus é, pois, a fonte pelo fato de fazer conhecida a verdade do Pai e sua comunhão com ele; inseparavelmente desde sempre e para sempre. E a verdade de Jesus como essa água viva oferecida ao coração do povo carrega todo o sentido já presente na Tradição de Israel [76].

Nesta ocasião solene da festa das tendas, conforme vimos, o que é revelado não é somente a identidade e origem de Jesus, mas o intento de eficácia e sua palavra e de sua missão, o que encontramos no Prólogo em forma de resumo: "Deu a todos aqueles que o escolheram o poder de se tornarem filhos de Deus" (cf. Jo 1,12)[77]. Isto ficará mais claro quando, no decorrer do Evangelho, João tratará da obra do Espírito Santo (Jo 14 – 16) que receberão e que os possibilitará dessa comunhão com Deus, a ponto de se chamarem filhos[78]. As palavras de Jesus são realmente provocantes. A multidão se dividia a respeito do que dizia sobre ele:

---

[72] Cf. MAGGIONI, B., *op. cit.* p. 360.
[73] Cf. Is 12,3-6; cf. Ez 47,1-12
[74] Ainda sobre esta temática da água viva ver ainda: Ex 47,12; Dt 8,15; Zc 14,11; Sl 78,15-16; 105, 40-41; Is 43,20; 40,3; 48,21.
[75] Cf. MAGGIONI, B., *op. cit.* p. 361. Vale aqui o esclarecimento de que não se deve entender o povo de Deus, o povo da primeira aliança, como que excluído da salvação, pois os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis (Rm 11,29). O que se quer explicitar aqui é a plenitude ou cumprimento da promessa de Deus em seu Filho.
[76] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op. cit.*, II, p. 72.
[77] Ibidem.
[78] Cf. Gl 4,4ss; Rm 8,1ss.

> Dentre as pessoas da multidão que tinham ouvido as suas palavras, alguns diziam: Verdadeiramente este é o Profeta! Outras diziam: Ele é o Cristo. Mas outras diziam: Poderia o Cristo vir da Galiléia? Não diz a Escritura que ele será *da estirpe de David* e que *ele virá de Belém,* a cidadezinha de onde David era originário? Deste modo, a multidão se dividiu a seu respeito (Jo 7,40-43).

A admiração provocada por Jesus vai além do que ele fala (*lalein*); dá-se também por causa do modo que realiza, age. Mais uma vez podemos diferenciá-lo dos mestres de Israel, que, atraindo ou chamando atenção com os seus discursos, não possuem a autoridade com que Jesus se expressa (cf. Mc 1,21-22). Autoridade que nunca poderá ser pensada como autoritária, que tendo força não se faz agressiva; é sempre proposta e nunca imposta.

Mesmo os guardas são tocados pela forma com que Jesus fala; ficam impressionados com o seu jeito de falar (vv. 45-46), o que chega a incomodar aos fariseus e sumos sacerdotes, que estão decididos a prender Jesus. É aí que vemos o poder do alcance da palavra de Jesus a pessoas que não dessem muito de sua atenção para ouvir[79] Jesus falar, mas que, no entanto, foram tocados por sua palavra: "Jamais homem algum falou como este homem!" (v. 46). É todo um cenário com presença e atitudes diversas, como a de Nicodemos, "o que outrora estivera com ele [Jesus]" (v.50). Ele intervém pela não condenação de Jesus, mostrando assim que sua experiência de conhecimento do Mestre deixou marcas. Seu testemunho foi certamente um questionamento para os demais colegas do Sinédrio.

Esse conhecimento referido por Nicodemos é bem mais do que um ouvir dizer (cf. Jo 1,14; 3,1-21; 4,42; 1 Jo 1,1-3; ver também Jó 42,5), consiste em apreender a revelação inerente aos atos de Jesus[80]. Em outras palavras, não ficou somente diante das obras de Jesus, mas as reconheceu como sinais de algo mais poderoso e profundo, que uma vez captado apontaria para um compromisso. Não estaria Nicodemos, por esta sua atitude frente ao Sinédrio, propondo também para eles uma experiência tal como foi a sua com o Mestre Jesus?

O fato de Jesus continuar ensinando no Templo (cf. Jo 8,12) mostra que os chefes nada decidiram concretamente, para aquele momento, a respeito da condenação de Jesus[81]. Em 7,53 encontramos a afirmação - que já não pertence a João - de que "Eles se retiraram cada um para a sua casa", concluindo assim a primeira parte do seu ensino no Templo, iniciado no capítulo 7. É uma atitude que, entre outras coisas, nos faz pensar que também eles, diante de

---

[79] *Akóuein:* verbo que pode designar simplesmente "audição", em João tem sempre o sentido de escuta espiritual conduzindo a uma acolhida na fé, assim muito próxima do crer. Cf. Jo 5,25a.28; 6,60a; 7,40; 9,27a; e nos sinóticos: Mt 13,23; 15,10; Mc 4,12; 7,14; Lc 8,10; ver ainda: At 28,26; Rm 15,21; Hb 4,2.
[80] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op. cit*., II, p. 177.
[81] Ibid, p. 178.

todo este acontecido, foram um tanto quanto balançados por este "vento que sopra onde quer". Talvez este silêncio de volta para casa espelhe uma consciência não admitida por causa de seu *statu quo.*

O que quer que tenha permanecido no coração destes homens presentes no Templo, nos leva a crer que todos ali foram tocados. Se houve compromisso ou não, a semente da palavra/ensino de Jesus foi lançada. Cada um a partir dali tinha algo novo a dizer sobre ele. Uma postura foi cobrada, senão tomada. Se de seguimento ou de recusa, isso agora dependeria de cada um. Se cada um voltou para "sua casa", a casa poderia ser a mesma, mas todos voltavam com uma experiência nova por conta do que presenciaram com aquele Mestre diferente. Jesus é que, diante da complexidade das atitudes por conta de sua pregação e testemunho, não perde sua firmeza – seu fundamento é o Pai – nem a perspectiva de alcance – a proposta é o para todos.

2.5. Jesus e o seu exemplo de Mestre (Jo 13,1-20)

Era de se esperar que cada mestre judaico, em sua condição como tal, para manter a perseverança de sua escola ou dos seus discípulos, considerando aqui o conteúdo fundamental: a Torah, a tradição dos pais etc., precisasse de uma dinâmica ou forma atrativa para a transmissão de tal conteúdo formativo. No fundo, algo que fizesse seus discípulos serem os seus e não de outros mestres.

Essa diferença na forma de ensinar e/ou de ser foi, indubitavelmente, percebido na pessoa de Jesus. Ele é o Mestre que tem autoridade. Já as multidões sem tanta proximidade dele, como foi o caso de seus seguidores diretos, os doze, percebiam e chegavam a admirar-se pela diferença de suas palavras e ações[82]. Todos ficavam impressionados ao escutá-lo, ao vê-lo. Algo de muito diferente e interessante havia na pessoa de Jesus, para causar tanta admiração. Se Jesus fosse como os rabis comuns, não teria causado tal reação por parte das pessoas. Eram perceptíveis nele palavras novas, originais, bem como uma postura incomum que o diferenciava de tantos outros mestres do seu tempo, de sua cultura, que não faziam mais que retomar o que outrora já havia sido dito (cf. Mt 5,1-48).

Falar da novidade do que Jesus ensinou, implica no conhecimento de sua pessoa. Já temos dito que não há diferença entre o seu agir e o seu falar. É o Mestre que testemunha o que diz e expressa em suas palavras o que é fundamental em sua vida: o cumprimento da

[82] Mt 5,28-29; 9,8; Mc 2,12; Lc 7,48; Jo 7,15.

vontade do Pai e sua união com ele, o que vem a ser explicitado no Reino por ele instaurado, este que, por sua vez, consistirá na totalidade das realidades espirituais e humanas introduzidas na ordem de Deus[83]. O conhecimento e participação, portanto, nesta nova ordem, dependerão da fidelidade de seu seguidor.

Aceitar a palavra de Jesus[84] é confirmar compromisso de vida com ele, tornando-se assim seu discípulo, manifestando a mais adequada resposta do homem à vinda do Reino manifesto em Jesus, ele que confirma o seu ensinamento com a força de seu exemplo[85]. Sua vida se mostra permeada de novidades, traduzidas com gestos e palavras, que brotam de sua fecunda relação de amor e fidelidade com o Pai, fonte e sentido de sua missão. O Reino vem a ser a concretização em forma de vida de todos quantos o aderem.

Todo aquele, então, que se dispusesse[86] para o seguimento de Jesus, teria que necessariamente pautar a sua vida pela vida de seu Mestre[87]. Começaria a partir daí uma verdadeira comunhão entre Mestre e discípulo, de forma que a opção, os sonhos, os riscos e desafios, bem como toda vitória e conquista de um seriam assumidas pelo outro. Tanto é comprometedora esta realidade que seus discípulos, a partir de então, fariam por ele sua opção ainda que os demais quisessem abandoná-lo (cf. Jo 6,66ss).

Delimitando um pouco mais a atitude de Jesus como um gesto concreto, o capítulo 13 de João é uma explicitação bastante esclarecedora a respeito. O lava-pés retoma a categoria dos sinais, ações simbólicas que visam a designação de Jesus em sua misteriosa identidade. Apresenta-se bem além de um aparente poder taumaturgo, constituindo assim uma

---

[83] Cf. PELLÁ, A. V., *Agora Chegou a Salvação*: proposta de Cristologia Soteriológica para a América Latina. Cascavel / PR: Coluna do Saber, p. 107

[84] Jesus não pregou a si mesmo, mas o Reino de Deus (cf. Mc 1,15; 10,15; Mt 4,23; 18,13; Lc 18, 17; Jo 3,3). A indicação da sua pregação está direcionada para um futuro que já é experimentado em forma de Reino, sempre em processo de transformação da realidade em que se vive (Mt 19,28; 11,5; 5,5; 6,14; Lc 20,36; 17,26-30; 11,5; 4,18; 13,27; 15,19; 6,21; Mc 2,19; 10,31; 12, 15). Cf., PELLÁ, *op.cit.,* idem. Também Theissen afirma que na pregação de Jesus o Reino de Deus aparece como poder ético, que modela o mundo e os seres humanos, envolvendo-os nesta modelação. Cf., THEISSEN, Gerd – MERZ, Annette., *O Jesus Histórico: u*m manual. São Paulo: Loyola, 2002, p. 374

[85] Cf. BARBAGLIO, G. *et al., Os Evangelhos.* São Paulo: Loyola, 1990, p. 55.

[86] A disposição para o seguimento de Jesus não quer dizer iniciativa por parte de quem a tem. O discipulado acontece como uma contínua decisão pessoal, mas em resposta da iniciativa de Deus que chama, escolhe (Mc 3,13; Jo 6, 44). Sem esta resposta ou disposição pessoal com tudo o que ela implica (cf. Mt 18,18-22; Lc 9,5), o seguimento não aconteceria. Seguir a Jesus é, portanto, uma questão de decisão de vida e maturidade de fé.

[87] Cf. THEISSEN, *op.cit.* 822. O autor aqui afirma que o *seguimento* evidencia-se como palavra-chave para se compreender corretamente a atividade de Jesus, aquilo que propriamente lhe interessou, como também o mistério especial de sua pessoa. Para ele, seguimento não é agir de acordo com normas e regras pré-estabelecidas, e sim, antes, a tentativa de assumir na realidade da própria vida a orientação e a figura básica de Jesus, fazer valer para si a exigência dele próprio. Neste sentido é que a palavra de Theissen reforça cada vez mais nossa idéia de que a práxis de Jesus, como um grande ensinamento concreto, ao mesmo tempo que o revela, possibilita aos seus discípulos conhecerem a própria missão a que estão sendo preparados.

etapa decisiva no processo de revelação que culmina na cruz[88]. Podemos encontrar aí que Jesus é realmente o Mestre constituído por Deus e que não sobressai simplesmente pela sabedoria intelectual[89], mas pela humildade de quem sabe e tem domínio sobre o que ensina. O que não esconde a determinação expressiva de que é sempre igual a todos.

O gesto de Jesus no lava-pés simboliza o que Jesus fará de si mesmo, ao mesmo tempo em que significa o que os discípulos devem viver dentro da comunidade[90]. Esta perícope está situada na segunda parte (13,1 – 20,31) do Evangelho de João: o Filho mostra o encerramento de sua missão, onde ainda encontramos um duplo sinal do retorno de Jesus ao Pai e do amor extremo de Jesus pelos seus[91]. Isto será para os seus discípulos uma expressão do que há de mais fundamental para o crescimento da comunidade: a comunhão com Deus e o amor fraterno. É nisto que encontramos a verdadeira identidade, para a comunidade joanina dos seguidores de Jesus.

Este exemplo de Jesus revela ainda que a sua "hora" não é demonstração espetacular, dentro da expectativa de muitos a respeito do Messias que esperavam, mas é testemunho do amor extremo[92]. Seria assim para revelar o sentido de sua vida e toda sua missão, que veio a ter o início, desenvolveu e culminou no amor, cuja origem é o Pai e cujo sentido e destino é a humanidade inteira.

Quanto à temática de Jo 13, é imprescindível que lembremos a temática do adeus de Jesus (13-17), porém a despedida aí não é o tema propriamente dito, mas o cenário e a atmosfera. O tema deve ser visto como a nossa existência e união de amor com ele, com o Pai e com os irmãos. O que certamente torna-se possível pela "memória" de Cristo, garantida pela ação do Espírito Paráclito que ele mesmo prometera[93].

Em se tratando de estrutura da narração do lava-pés, podemos encontrar aí uma tríplice divisão usada comumente pelos rabinos. Algo como que um procedimento

---

[88] BLANCHARD, Yves-Marie., *Dês signes pour croire?* Une lecture de l'évangile de Jean. Paris: Les Editions du Cerf, 1995, p. 115.

[89] Também a literatura sapiencial aponta para a verdadeira sabedoria como o que tem início no temor do Senhor e piedade perante Ele (cf. Sl 110,10; Sir 1,34).

[90] LÉON-DUFOUR, X., *op.cit.,* III, p. 13; ORSATTI, M. G., Il Vangelo "ad alta defizione" Milano: Ancora, 1999, p. 157-180; BLANCHARD, Ibid., p. 120.

[91] LÉON-DUFOUR, X., *op.cit.,* III, p. 17.

[92] MATEOS, J. – BARRETO, J. *op. cit.*, p. 559. A "hora" de Jesus vinha sendo preparada, passo a passo, na parte anterior do evangelho de João (cf. 2,4; 7,6.30; 8,20; 9,3-5; 12,23).

[93] Cf. KONINGS, J., *op. cit.* p. 252-254. Considerando o bloco de Jo 13,1- 17,26 podemos afirmar que aqui a tradição trinitária, ulteriormente, encontrou riquíssima inspiração. Estes capítulos constituem, certamente, uma descrição antecipada da existência cristã no mundo. Jesus explicita aqui com o seu exemplo o que deveria ser a comunidade dos seus seguidores; FABRIS, R., *op. cit.* p. 408. Tanto seu sentido dirige-se à comunidade cristã que estes discursos joaninos enquadram-se no parentesco com os discursos da literatura bíblico-judaica, podendo ser considerado como Testamento.

pedagógico, no qual há a realização de um gesto *misterioso,* que suscita uma pergunta, que por sua vez provoca um ensinamento. Eis a estrutura de ensinamento: vv. 4-6a: gesto misterioso ou desconcertante; v.6b: a pergunta dos discípulos; vv.12-15: o ensinamento[94]. O que para Pedro era um gesto de humilhação[95], para Jesus é um gesto de doação da própria vida[96]. Mas esta incompreensão seria esclarecida ao chegar a hora (cf. Jo 16,29). Também porque os discípulos só poderiam compreender as palavras de Jesus à luz do "enaltecimento" e do dom do Espírito (cf. Jo 2,22; 7,39; 12,32)[97].

Foi por causa de sua incompreensão que Pedro se negou a deixar que Jesus lhe lavasse os pés. Segue-se daí a afirmação de Jesus de que se não for aceito este seu gesto de amor, doação e serviço, Pedro não teria parte[98] com ele, pelo simples motivo de não se poder falar de comunhão com a vida do Filho sem uma real adesão à lógica do serviço radical[99]. Para Pedro e, certamente, para os demais discípulos, era difícil conceber o Messias agindo daquela forma; no entanto, os intentos de Deus não são os dos homens e os seus pensamentos e caminhos se distam do dos homens como o céu em relação à terra.[100] Aos poucos, seria preciso que os discípulos passassem para a lógica e critérios de Deus e não se perdessem em seus próprios.

Jesus esconde e, ao mesmo tempo, revela em seu gesto de lavar os pés dos discípulos uma interpretação cristológico-soteriológica com uma ação que simboliza a consolidação e eficácia de sua entrega em favor dos discípulos, não só de uma maneira sacramental, mas na força de um amor que eles experimentam no ser em seu máximo grau[101]. Deixar-se envolver pelo gesto de Jesus era de suma importância, porque isso não demonstraria uma adesão do gesto naquele momento somente como um ato isolado, mas uma lição aprendida a ser vivida continuamente na convivência fraterna. Tal como ensinara o Mestre, assim deveria viver a sua comunidade. Ao cobrar a atenção dos discípulos naquela ocasião, Jesus, na verdade, pretendia levá-los a verem a si próprios no futuro da comunidade

---

[94] Cf. MAGGIONI, B., *op. cit.* p. 412.
[95] Este gesto de Jesus manifesta o seu testemunho de amor, o que ultrapassa o gesto do lava-pés, incluindo todos os seus gestos e palavras. O amor é a chave de compreensão da exegese dos capítulos 13-19 de João, cf. FABRIS, R., *op. cit.* p. 413.
[96] Cf. KONINGS, J., *op. cit.* p. 258.
[97] Ibidem.
[98] Terminologia bíblica pra falar da herança, que é, no Antigo Testamento a terra prometida e, daí, a salvação – em termos joaninos, a vida eterna. Cf. KONINGS, J. p. 259; LÉON-DUFOUR, X., *op.cit*., III, p. 25. Sobre este tema podemos recorrer a algumas referências da Escritura: Dt 10,9; 14,27-29; 2 Sm 20,1; Is 57,6; Mt 24,51; Apc 20,6; 21,8; 22,19.
[99] Cf. KONINGS, J. *op. cit.* p. 259; LÉON-DUFOUR, X., *op.cit*., III, p. 26.
[100] Cf. Mt 16,23; Mc 9,33; Is 55,9.
[101] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op. cit.* p. 45.

que nascia. Tudo isso nos ensina que a promoção do outro sempre dependerá de uma experiência quenótica[102]. E se foi assim a vida de Jesus, que não seja diferente a prática de quem por ele optou.

Para Jesus, lavar os pés é sinônimo de amor (cf. Jo 13,14; 15,12). Fazer valer este gesto de Jesus na comunidade é o mesmo que imitar Deus que se esvazia por nós. É também praticar o mandamento que gera e alimenta a fraternidade. É, ainda, entender que o seguimento de Jesus acontece pelas trilhas do serviço e que na vida da Igreja a autoridade perde o seu sentido quando esta não for vivida na humildade, como ensinou Jesus. Ser cristão é identificar sua vida com a do Cristo que sendo Deus foi tão humano, e em sua diferença se fez tão igual. Sendo assim, nunca poderemos negar que a comunidade se cristifica quando somos capazes de lavar os pés uns dos outros.

Somente assistir ao gesto de Jesus no lava-pés, como um ato seu, seria muito cômodo. Participar dele, assumindo-o como próprio, eis o desafio necessário; é preciso comprometer-se. Além do mais, Jesus revela um Deus próximo, que participa de nossa vida, compromete-se conosco. Em Jesus, Deus, o Todo-Poderoso, o Deus terrível do Antigo Testamento sai das alturas e revela-se como o Pai que serve aos filhos, sem que faça acepção de pessoas. Por isso, também cai a nossa prepotência diante de quem achamos inferiores a nós, tanto no nível cultural, como no econômico, social e religioso. Se o cristianismo não consistir em explicitar na concretude da vida o que se aprende de mais fundamental e edificante de Jesus, o Mestre que ensina na prática, perderá sua razão de ser.

> (...) Pois é um exemplo que vos dei: o que eu fiz por vós, fazei-o vós também (Jo 13,15).

Podemos parafrasear esta palavra de Jesus, como se pudéssemos escutar dele: "Ao agir assim, capacito-vos a agir da mesma forma". O ensino/exemplo de Jesus é orientação necessária para os seus seguidores; é modelo viável para quem deseja segui-lo. Aprender dele é comprometer-se a ensinar aos outros. Entendemos com isso que a relação Mestre/discípulo agora passa para os discípulos entre si; de uma relação fundadora, na qual apenas ele detém a autoridade, para uma relação entre irmãos[103]. O chamado de Jesus é capacitante. Ele nunca proporia para os seus, o que fosse impossível de se praticar, o que não tira o aspecto desafiante da vivência do amor fraterno. Mas, se não fosse assim, sem a prática do amor que

---

[102] Cf. Fl 2,6-11; Is 53.
[103] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit.,* III, p. 28.

exige de nós maturidade humana, espiritual, não poderíamos chegar ao amor de Cristo, que foi até às últimas conseqüências, ou seja, não seria amor cristão.

2.6. O Mestre Glorificado (Jo 20, 1-18)

Como temos visto até agora, o sentido da vida de Jesus deve ser continuado pela comunidade cristã. Esta — que é formada pelos que foram atraídos por Deus para compor o discipulado cristão — deve ser para o mundo a continuação ou extensão do que foi o evento Cristo, a partir do desígnio de Deus em função da humanidade. Os discípulos, enquanto ouvintes e espectadores do Mestre devem, a partir da ressurreição, testemunhar aquilo que receberam para ser comunicado[104].

O relato da aparição do Ressuscitado vem a ser uma tentativa de resposta do que deve ter acontecido entre a morte de Jesus e o momento em que nasce a comunidade cristã pela fé pascal. O Ressuscitado aparece para mostrar para eles o que significa entrar na vida definitiva e orientá-los quanto ao envio à missão[105]. É o momento, portanto, dos discípulos captarem na totalidade estes últimos momentos da revelação do Ressuscitado, porque disso depende o impulso do início da missão evangelizadora.

O acontecimento da ressurreição como tal não é contado em nenhum texto do Novo Testamento; o seu testemunho sim[106]. A ressurreição escapa, por sua natureza, ao conhecimento humano. O que não tira do crente a possibilidade de chamá-lo de fato real[107]. Deve, contudo, ser considerada como algo que transborda a dimensão história. A realidade da ressurreição é fundamental para a fé cristã, sem a qual não teria sentido falar da fé, da Igreja e da evangelização[108]. Os relatos, presentes no Novo Testamento, querem exprimir o que a Igreja das origens compreende de sua própria realidade, a partir de então inseparável de Jesus que vive em Deus e para sempre presente entre os seus[109]. É importante, contudo, não querer entender nestes relatos uma lógica interna como na narração da Paixão, porém o significado dos seus efeitos neste mundo como acontecimento salvífico-redentor.

---

[104] Um interessante comentário sobre a experiência da ressurreição (Jo 20) é feito por Mauro ORSATTI, que em sua conclusão afirma que "... a maturidade humana e cristã é medida sob o grau de intensidade do mistério pascal vivido em sua integridade". Ver: ORSATTI, M., *op. cit.* p. 215-227. Para uma reflexão mais direcionada sobre a relação Ressurreição e Discipulado, ver: LORENZEN, T., *op. cit.* , p. 251-414.
[105] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit*, III, p. 139.
[106] Cf. Mt 28,16-20; Lc 24,33-49; Jo 20, 19-23; ver ainda Mc 16,7. 14-18
[107] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit*, III, p.140, nota 6.
[108] Cf. 1 Cor 15.
[109] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *op.cit*, III, p.140.

A causa de Jesus precisa ser continuada na missão dos discípulos. A certificação, por meio da expressão de fé dos discípulos é o que lhes possibilitará afirmar que seu Mestre e Senhor está vivo e que por isso a comunidade tem razão de ser. A presença do Senhor ressuscitado não consiste no prolongamento de sua vida terrena. Isso o deixaria novamente sujeito à morte. Sua presença é qualitativamente diferente e nova[110]. É uma presença expressivamente mais profunda, pela qual, agora mais que nunca, a eternidade rasga os limites temporais, expandindo-se por meio do Ressuscitado, fazendo-se presente no mundo por meio da Igreja, primeira a alcançar esta experiência de ressurreição.

Jesus, na condição de Mestre glorificado é mostrado pelo evangelista como quem tem, mesmo frente à morte, a autoridade. Basta lembrarmos de Lázaro (cf. Jo 11), que se levantou do túmulo - pela *exousia* de Jesus - [111], onde permaneceu amarrado pelas faixas mortuárias, das quais precisou ser desatado por outros, para poder caminhar (cf. Jo 11,44). Na situação de Jesus, o túmulo é encontrado aberto e a faixa já despojada. Transparece com isso que Jesus é que tem poder soberano sobre a morte, e que tem poder de retomar a vida. (Jo 17,18)[112].

O dito inicial da perícope "ao alvorecer", quando ainda estava no escuro, mostra que os personagens não estão em luz plena[113]. Mesmo assim, tudo se dirige para a comprovação da ressurreição do Senhor. João e Pedro chegam ao lugar, constatam que realmente o até então ali sepultado não mais se encontra lá. Lembremos que são duas testemunhas do fato, conforme prescreve a Lei[114]. O discípulo amado vê e crê, enquanto que por parte de Pedro só é narrado o fato de uma constatação; ao discípulo amado, a fé; a Pedro, a precedência[115]. Nasce a partir daí a fé na ressurreição, pela qual a fé da comunidade será nutrida. Até então os discípulos não tinham entendido o que dizia a Escritura sobre o fato de

---

[110] Cf. VAWTER, B., "Evangelio Según San Juan", in *Comentario Bíblico San Jerónimo*, tomo IV. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972 p. 521. São Jerônimo observa – comentando o v. 17- que há aí uma advertência sobre as antigas relações que não valem mais como critério de conhecimento. Ainda que Jesus seja o mesmo, crucificado e ressuscitado, agora já se revelava como o glorificado.

[111] Cf. ainda Jo 5,26-29. Por essa palavra de autoridade de Jesus, lembramos aqui da promessa de Deus de tirar o seu povo dos seus túmulos, garantindo-lhes vida nova (Ez 37, 12-14). Jesus aqui visibiliza o cumprimento desta profecia. Da mesma forma, podemos relacionar o cumprimento da profecia de Isaías (cf. Is 35,4-7) em Jesus, a partir da teologia de Marcos (cf. Mc 7, 31-35). O que nos é mostrado aqui em identificação acerca da ação de Deus e ação de Jesus, em Lucas (cf. Lc 5, 1.5) temos o episódio da pesca milagrosa, onde podemos identificar a palavra de Jesus à de Deus. Fica com isso claro que tudo o que Jesus venha a dizer e/ou fazer, tem como origem fontal a vontade de Deus, o que é insistido bastante pela teologia joanina: "Eu e o pai somos um!" (cf. Jo 5,18).

[112] Cf. KONINGS, J., *op. ci.t* p. 349; SCHNACKENBURG, R. *op. cit.* p. 385.

[113] Cf. KONINGS, J.,*op. cit.* p. 348. Situação parecida (noite) acontece com Nicodemos (cf. Jo 3,1-21), onde a presença de Jesus vem a significar a manifestação da luz.

[114] Cf. Nm 35,30; Dt 17,6; 19,15.

[115] KONINGS, J., *op. cit.* p. 349.

Jesus ressurgir dos mortos (cf. Jo 20,9). A experiência deu-lhes força e convicção progressivamente.

Por conta do aprisionamento em um "não saber"[116], que se manifestou pelo não entendimento das Escrituras[117], os discípulos estavam impedidos de mergulhar na profundidade do que significava a ressurreição do Senhor, sobretudo para eles enquanto comunidade cristã. A incompreensão dificultou o crer. No entanto, este relato não tem como sentido somente evidenciar a impotência do homem, nem somente descrever e verdadeira natureza da fé, mas manifestar o mistério da ressurreição como uma novidade surpreendente para os seus[118]. Ainda que as Escrituras predissessem sobre tal tema, a experiência na prática é sempre chocante.

A manifestação do Ressuscitado marca, ao mesmo tempo, uma continuidade, sendo ele o mesmo Crucificado (cf. Jo 20,27), idêntico a Jesus de Nazaré; e traz também uma descontinuidade ou diferença profunda[119]. A esfera agora é outra. Tanto é verdade que para um reconhecimento não mais bastaria um primeiro olhar; a atenção agora é mais exigente; a memória do seu convívio, a lembrança de suas palavras deverá agora fluir porque estão sendo cumpridas[120].

O Ressuscitado, ainda que em um primeiro momento irreconhecível, se dá a conhecer. Chama Maria pelo nome (v.16), a quem somente no anonimato se referia (Mulher! vv. 13.15). É o pastor que chama as ovelhas pelo nome, estas que conhecem a sua voz (Jo 10, 3.27). Ao ser chamada pelo nome, Maria também o reconhece e chama: "Rabuni!". O olhar e o chamado de Deus não só nos revela quem somos, mas abre os nossos olhos para o reconhecimento de sua revelação.

Esse encontro com o Ressuscitado, sendo de fundamental importância para a vida dos discípulos, não marca o fim de uma grande história. É aí que a missão conhece sua grande motivação. Podemos até falar aqui de um ponto alto da experiência dos discípulos, mas a comunidade recebe agora a missão de continuar o começado com o seu Mestre. O ressuscitado envia a sua comunidade (cf. Jo 20,21).

---

[116] FABRIS, R., *op. cit.* p. 481.
[117] Cf. COMENTÁRIO BÍBLICO "San Jerônimo", idem. VAWTER, Bruce. São Jerônimo afirma que este versículo, com valor de parêntese, recorda ao leitor cristão que, como ainda não havia vindo o Espírito Santo para iluminar a Igreja no que concerne aos divinos mistérios, não deve causar assombro a atitude dos discípulos que foram tão lentos para compreender o fato da ressurreição (cf. Jo 2,22; 14,26).
[118] Cf. MAGGIONI, B., ibid.
[119] Ibid., p. 483.
[120] Cf. Jo 20,9; Mc 8,31; Mt 16,21; Lc 9,22.

Jesus agora confia à sua Igreja o que ele iniciou. A Igreja, como a comunidade dos doze continuada, tendo claro a "hora" de Jesus, agora passa a viver a sua. Tendo aprendido do Mestre agora precisa ensinar. Os discípulos tornam-se mestres, sendo que sua fonte de sabedoria e contínuo aprendizado serão a própria vida e palavras do Mestre e Senhor, que estaria em meio aos seus por meio do seu Espírito a ser derramado. É o tempo da prática do que se ouviu, viu e aprendeu de Jesus. É indispensável que, de agora em diante, a Igreja viva o que recebeu como exemplo do seu divino fundador (cf. Jo 13,15).

2.7. Síntese

Ao falar de Jesus como o Mestre ensinante no Evangelho de João, referimo-nos às muitas ocasiões de convivência e contato que ele teve com tantas pessoas no decorrer de sua missão. Insistimos no aspecto fundamental de Jesus que ensina tanto na palavra como na ação. Seu dizer e seu agir sempre foram coerentes na prática. Fez o que disse e disse o que fez. Por isso é que teve aquele modo de viver, muito perseguido, mas muito confiante de que tudo concorria para a vontade do Pai.

Também ficou-nos claro que diante da palavra de Jesus uma postura deveria ser tomada[121]. Os que o receberam e compreenderam sua missão aderiram e com ele consolidaram compromisso sério de vida; para além do serviço chegaram à comunhão de existência. Ao passo que aquelas pessoas que não compreenderam sua proposta reagiram de muitas formas, desde a indiferença até a perseguição e, finalmente, a condenação. O que não podiam era ficar alheios ao que Jesus trazia como boa-nova da parte de Deus: ou o aceitava e o seguia, ou o recusava e perseguia.

Aos que se dispõem ao seguimento, Jesus investe e revela seu modo de vida, onde ele permanece. Estes, por sua vez, no decorrer do seguimento, vão desvelando cada vez mais o mistério da pessoa do Filho de Deus. *Indo* e *vendo* poderão ter claro que Mestre é aquele que fala e age diferente e tão coerentemente, e que vale a pena segui-lo. Uma novidade radical havia naquele homem; uma decisão também radical precisava ser tomada para segui-lo para que se equiparasse ao caminho em que se estava entrando ao seguir Jesus.

[121] Isso vale tanto para os que presenciaram o ministério de Jesus, como à futura cristologia a ser elaborada, que para ser fiel às suas origens precisaria sempre lançar suas questões sobre Jesus devendo encontrar as devidas respostas brotadas de sua vida: ações e palavras, que em uma coerência singular explicitaram uma fidelidade que englobava sua vida como um todo.

A atração do Pai era de fundamental importância para que os discípulos encontrassem onde deveriam realizar-se como pessoa, como discípulo. O motivo de sua busca não seria simplesmente uma vontade de seguir alguém, mas a graça do chamado de Deus que já se fazia presente em seu coração como a iniciativa que possibilitaria o seguimento acontecer.

Ser discípulo de Jesus é deixar-se conduzir pelo mesmo Espírito que o conduz. "O vento sopra onde quer", e por isso mesmo o estilo de vida dos discípulos agora dependia da condução de Deus, por meio de seu Espírito. Havia então uma mudança de esfera, da carne para o espírito. Toda uma história passada deveria ser deixada para trás, pois convinha que se fizesse nascer de novo ou do alto. Quem não se deixa levar pela ação do próprio Deus que chama continua preso aos próprios conceitos e senhor do próprio caminho. Com Jesus é diferente, é preciso a experiência de um novo nascimento, como o que indica que a opção por Jesus não é outra coisa senão a manifestação de uma nova existência em Deus.

Em Jesus, Deus tem como proposta levar o seu conhecimento e experiência a todas as pessoas que se deixarem tocar ou ensinar por ele. Antes se tinha a idéia de que somente o povo de Israel poderia ter o privilégio de relacionar-se com Deus, parecia até que tinham a posse de Deus, ao invés de considerarem a eleição no sentido funcional em relação aos outros povos. Mas Jesus tem uma proposta de universalização da vontade de Deus que não se prende a muros históricos, nem tampouco religiosos, onde muitas vezes se quer prender Deus. Todos serão ensinados por Deus, judeu ou não; o que Deus procura mesmo são corações abertos e dóceis à sua revelação, que por excelência acontece na pessoa de seu Filho.

A palavra de Deus, em Jesus, é sempre provocante e comprometedora. Não dá para ficar alheio a ela. Algo se precisa fazer. Todos, mesmo que alguém seja do grupo dos seus mais próximos, precisam confrontar-se com esta palavra. Esta palavra só é dura para quem não a reconhece como espírito e vida. Quem vai além da aparência, quem tem a coragem de mergulhar mais a fundo na vontade de Deus, este sim encontra para si um sentido nas palavras de Jesus. Enquanto se permanece nos próprios critérios de entendimento, não se pode fugir do não saber por que Deus sempre nos escapa. Porém, se passamos aos critérios de Deus, deixando-nos mover pela sua condução, o rumo torna-se diferente.

Não somente as palavras de Jesus são duras, mas seu exemplo prático é muito desconcertante. Como aceitar o Mestre e Senhor comportando-se como um escravo? Mais uma vez, vemos que a lógica de Deus é bem outra. O compromisso do discípulo aí está mais sério, o que significa que não somente basta aceitar o seu gesto como um exemplo digno de elogio, mas ver-se a si próprio naquela ação como quem se compromete com sua prática, ou

seja, é assim que se deve viver também na vida cotidiana da comunidade. Como o discípulo é chamado a ser como o seu mestre, a humildade deve ser carteira de identidade dos seguidores de Jesus. Olhar para Jesus, ver o seu exemplo e ouvir sua palavra como ensino é estar sendo a cada momento capacitado por Deus para assim também viver diante do mundo que precisa deste testemunho.

O compromisso do discípulo nunca é vivido sem a graça e auxílio necessários do próprio Deus. Sempre teremos sua presença ao nosso lado, na missão. Se ele nos chamou, nos dará condição para responder. Como ressuscitado, continua a revelar-se e a confirmar o chamado dos seus escolhidos. Sua presença em meio aos seus é a confirmação de que tudo o que ensinou, enquanto fisicamente presente, deve ser continuado por eles, sua comunidade missionária. Nada deveria atrapalhar seu serviço, nem o medo, nem a dúvida. Tudo o que aprenderam foi em função do ensino; tudo o que presenciaram de Jesus deveria ser testemunhado[122]. A maneira de o mundo conhecer e tornar-se também discípulo de Jesus agora passaria necessariamente pela comunidade dos seus continuadores, que de tal modo foram formados a ponto de não mais se entenderem a si próprios senão a partir do seguimento.

[122] Aqui referimos ao que afirma Theissen: Ainda que muita coisa tenha sido relativizada na vida e doutrina de Jesus, há a consciência de um ponto de vista que escapa a todo relativismo: a ética de Jesus era considerada universal e atemporalmente válida. Cf. THEISSEN, *op. cit.* p. 376

3. JESUS MESTRE E A PRÁTICA ECLESIAL HOJE

Tendo analisado algumas perícopes de Quarto Evangelho, com a finalidade de perceber a figura do Mestre Jesus face à experiência dos seus discípulos, agora iremos considerar a missão da Igreja, enquanto esta é, para o mundo, um sacramento em Cristo, um sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano (cf. *LG* 1). É a partir da experiência do Mestre Jesus como tal e dos discípulos que o seguem que também a Igreja é chamada a ser mestra sem que perca a vivência necessária do discipulado em toda a sua história.

Se o ensino e proposta de Jesus agora passam pela missão da Igreja, não se pode entender a eclesiologia sem sua estreita ligação com a cristologia. O que a Igreja passou a ser em sua formação pós-pascal até os nossos dias não pode ser compreendido sem que seja alimentada pelas suas raízes cristãs primitivas, a saber, a experiência originária dos primeiros discípulos em torno do Mestre.

O que se pretende, nesta parte de nossa reflexão, é perceber, na Igreja, a missão de Jesus continuada no magistério eclesial, o que supõe uma condição de discípula sempre evidente, como foi a obediência de Cristo face à vontade do Pai, a fim de que se reconheça a fonte do aprendizado, na qual vive e ensina, bem como os critérios com os quais exerce seu magistério. Fonte e critérios que estão presentes na vida de Jesus.

Para se fazer o elo de ligação entre a presença significativa de Jesus na perspectiva joanina, cujas ações são verdadeiros ensinamentos, e a missão da Igreja é importante a observação feita por Comblin. Para este, no Quarto Evangelho não há distinção entre a descrição da Igreja e a dos discípulos. A cristologia contém tudo; vendo quem é Jesus, vemos também o que é a Igreja[1].

[1] Cf. COMBLIN, J., *O Enviado do Pai.* Petrópolis: Vozes, 1974, p. 13.

A prática eclesial deve compreender-se de tal forma unida ao Mestre que a envia, que venha a testemunhar a autocompreensão do próprio Jesus como enviado do Pai. Ele nada fazia ou dizia sem que estivesse em plena conformidade com Aquele que o enviou[2]. Neste sentido, a prática da Igreja deve comprometer-se completamente com a prática de Jesus. Assim como Jesus foi a manifestação perfeita do Pai, manifeste a Igreja esta mesma fidelidade no que diz respeito ao que Jesus ensinou.

A experiência vivida por Jesus, no contexto joanino, mostra que nem sempre houve concordância entre ele e os de sua cultura judaica, o que transparece nas várias vezes em que Jesus discute com seus adversários[3]. Esta discussão é justificada, quando olhamos para o ambiente do tempo de João, no qual havia clara oposição entre Igreja e Sinagoga. Nessa realidade conflitiva, o evangelista quer fazer entender que a comunidade nascente é de Deus quando adere a Jesus[4]. O que é para a Igreja o fio condutor de sua missão denominada de cristã. Ora, em todas as realidades que perpassa a Igreja, para manter a sua identidade cristã, precisa, assim como no primeiro século, com reais influências contextuais no seu pensamento religioso[5], manter firme o que lhe é próprio.

É indispensável percebermos a continuidade entre a vida de Jesus, tal como nos é testemunhada no Quarto Evangelho, e a vida da Igreja. Uma missão continua na outra. A estrutura que encontramos neste evangelho é constituída pelo simbolismo que une o destino de Jesus com o destino da Igreja no mundo[6]. É como dizer que o que Jesus passou em sua vida terrena, incluindo aqui as perseguições por causa de sua missão, não escapa como possibilidade ao horizonte missionário da Igreja. Tudo o que aconteceu na vida de Jesus inicia, anuncia e é o símbolo do destino da Igreja no mundo. Mas, uma vez definida esta ação simbólica, foi fácil fazer a inversão do simbolismo. De um lado, a Igreja descobre na vida terrestre de Jesus o esboço de sua vocação e destino. De outro lado, só podemos compreender melhor tudo o que aconteceu na vida de Jesus à luz do que é destinado à Igreja perseguida no fim do primeiro século. João apresenta uma visão de Jesus percebida à luz da história ulterior[7].

---

[2] Cf. Jo 5,19. 30; 7,16-18; 8,28.42; 12,49; 14, 10.
[3] Cf. Jo 2, 13-21; 5,15-16; 6,41ss; 7,1ss; 8,1ss. 12ss; 9,14ss; 10,22ss.
[4] Cf. LÉON-DUFOUR, X., II, *op. cit,* p. 199.
[5] Cf. SCHNACKENBURG, R., *op.cit.,* p. 58-73; VANCELLS, *op. cit.,* p. 173-176
[6] Cf. COMBLIN, J., *Evangelizar.* Petrópolis: Vozes, 1980, p. 74.
[7] Ibidem.

A história da caminhada da Igreja é sempre desafiante, assim como o foi a vida de Jesus. Exemplo disso é quando Jesus enfrenta a oposição dos judeus. João percebe nos judeus a oposição do mundo inteiro manifestada entre os seus contemporâneos. A partir daí, João faz uma releitura da vida de Jesus à luz do conflito entre a Igreja e o mundo[8].

O contexto cultural da comunidade joanina apresentava seus desafios próprios. No entanto, a realidade cultural nova não deveria ser desprezível por ser diferente. Isso porque as culturas, mesmo que muitas vezes possam apresentar alguns obstáculos, podem fornecer ajuda e colocar os seus instrumentos a serviço da evangelização[9]. A comunidade cristã, porém, não se prende a toda realidade nova que encontra. Ao mesmo tempo em que se situa para evangelizar, precisa romper os limites de qualquer situação para estar sempre desbravando novos contextos.

Tomando então a práxis de Jesus como ensinamento em perspectiva universalista e a Igreja como "Corpo de Cristo"[10], a comunidade eclesial poderá ser considerada continuadora da expansão do ensino de Jesus pelo mundo[11]. A Igreja, em sua natureza instituída sobre o fundamento dos apóstolos e tendo a missão de continuar o que eles começaram, vive como uma presença fundamental de evangelização no transcorrer da história.

> A Igreja sabe que não possui a verdade do seu Deus, sabe que é como que possuída, e, no maravilhamento do louvor, no esforço da reflexão, no anúncio responsável da Palavra, sabe que deve deixar-se possuir sempre mais por seu Esposo para tender continuamente para a plenitude da verdade divina, até que se cumpra nela as palavras de Deus (cf. *DV* 8)[12].

Embora não esgotando em si o Reino de Deus[13], a Igreja recebe a missão de anunciá-lo a todas as gentes, constituindo ela mesma o seu germe e início (cf. *LG* 5), para ele

---

[8] Ibidem. Sobre o termo *mundo* presente em Jo, o dualismo discípulo/mundo mesmo que possa significar correspondência ao dualismo luz/trevas, na primeira parte do evangelho, como afirma Léon-Dufour (cf. *Leitura do evangelho segundo João,* III, *op.cit.,* p. 209), é indispensável a consideração da perspectiva de *universalidade* que também pode indicar-nos (cf. KONINGS, *Evangelho segundo João, op.cit.,* p. *392)*. Falaremos do mundo como lugar de cuidado ao tratar da *dimensão ecológica*, mais adiante neste mesmo capítulo.

[9] Id., *O Enviado.,* p. 20.

[10] Cf. 1 Cor 12,12ss; Ef 5,21-32.

[11] Cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15-20; Lc 24,46ss; Jo 20,21ss. Há uma particularidade em Lucas. Como nas demais narrações evangélicas, ele não narra propriamente um envio, ainda que subtenda-se que também lá os discípulos sejam enviados, quando trata da necessidade do cumprimento da Escritura. Para ele a missão pós-pascal é narrada na segunda parte de sua única obra, a saber, o livro dos Atos dos Apóstolos.

[12] Cf. FORTE, B., *A Igreja Ícone da Trindade.* Breve eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 66.

[13] Cf. LIBÂNIO, J.B., *Concílio Vaticano II:* Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005, p. 120-123.

encaminhando-se e antecipando, mesmo que parcialmente, a realidade salvífica[14]. A Igreja, portanto, deve caminhar no percurso histórico como uma comunidade aberta[15] ao mundo em sua proposta de salvação, realizando assim o que recebeu da comunidade apostólica em torno do Mestre, que a enviou a todos os povos, a fim de que os fizesse discípulos seus.

Ainda que cada batizado ou cristão tenha sua importância no corpo da Igreja, no ato do reconhecimento de que se é enviado, não mais se parte para a missão como pessoa isolada, mas como Igreja. Seu batismo e, portanto, a pertença à comunidade dos seguidores de Jesus lhes garante uma identidade comunitária. O indivíduo como tal, em sua singularidade, agora deve expressar em si, pelo testemunho cristão, a Igreja que o envia. É na qualidade de Igreja que todos e cada um dos batizados aprendem de Jesus, em sua comunidade, e partem para a missão de dar a conhecer sua mensagem e pessoa por meio do diálogo, numa grande demonstração de respeito.

> O Verbo pode dar-nos a conhecer o Pai porque tudo aprendeu dele e consentiu em aprender tudo do homem. Assim deve ocorrer na Igreja para aqueles que querem encontrar seus irmãos e irmãs de outras religiões e dialogar com eles. Não são os cristãos os que são enviados, senão a Igreja; não são as suas idéias que apresentam, senão a Cristo; não será sua retórica a que tocará os corações, senão o Espírito Paráclito. Para ser fiel ao "sentido da Igreja", o diálogo inter-religioso pede a humildade de Cristo e a transparência do Espírito Santo. A pedagogia divina do diálogo não consiste só em palavras, senão também em fatos; as palavras manifestam a "novidade cristã", a do amor do Pai, de que os fatos dão testemunho. Agindo assim, a Igreja se mostra como sacramento do ministério da salvação. O testemunho cristão, aqui, não é todavia o anúncio do evangelho, mas é já uma parte integrante da missão da Igreja, como irradiação do amor derramado nela pelo Espírito Santo[16].

---

[14] Cf. BARBAGLIO, G., *et al. Os Evangelhos.* São Paulo: Paulinas, 1990, p. 60.

[15] *Comunidade* e *abertura* são duas palavras que dão extrema importância à identidade da Igreja. É, de suma importância que se enfatize a dimensão comunitária da fé cristã, imprescindível para que seja denominada como tal, caso contrário ficará profundamente descaracterizada. O "eu creio" jamais poderá ser entendido separado ou independente dos "nós cremos". "Não cremos sozinhos, na solidão triste do nosso individualismo, mas sim em comunidade. Cremos em Igreja". Sobre este tema da eclesialidade ou dimensão comunitária da fé, ver. LIBÂNIO, J. B. *Eu creio – Nós cremos.* Tratado de fé. São Paulo: Loyola, 2000; WIEDENHOFER, S., "Eclesiologia", *in* SCHNEIDER, T. (org.) *et al. Manual de dogmática,* II. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 54-56; BARREIRO, A. *Igreja: Povo santo e pecador.* São Paulo: Loyola, 2001, p. 66-67; KLOPPENBURG, B., *A eclesiologia do Vaticano II.* Petrópolis: Vozes, 1971. A *abertura*, sem que se precise comentar muito, é dado fundamental para se pensar no diálogo inter-religioso. Como por exemplo, o que nos leva a entender que de nada adiantaria uma comunidade tão bem estruturada e formada sem um horizonte de testemunho, onde se encontram expressões religiosas que, ao mesmo tempo, precisem da novidade cristã, bem como tenham algo que lhes possa ser útil na sua vida de fé. A comunhão que faz a comunidade supõe também a valorização de elemento ou fatores para além dos próprios muros que podem ajudar na autocompreensão, afinal é diante do diferente que muitas vezes nos entendemos. A respeito da relação entre o cristianismo e as outras religiões e a importância que esta questão cada dia adquire, ver: COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL – DOCUMENTOS (1969-1996) *Veinticinco anos de servicio a la teologia de la Iglesia.* POZO, C. (org.) Madrid: BAC, 1998, p. 557-603.

[16] Cf. COMISIÓN TEOLÓGICA, ibid., p. 603.

A finalidade da Igreja será medida de acordo com sua unidade e/ou fidelidade à "comunidade dos doze" ou dos "com Jesus", como queiramos denominar. Sua razão de ser consiste em continuar o que Jesus iniciara em sua missão, e que fora transmitido pelos apóstolos. Para tanto, é importante que para sua autocompreensão teológica se levem em consideração aspectos como a *autenticidade:* proximidade do conteúdo ao evento central da fé; a *normatividade:* obrigatoriedade para a fé da Igreja; e a *universalidade:* perspectiva verdadeiramente "católica", abarcando tempo e espaço[17]. Por este motivo, ainda que em tempos novos e diferentes, o essencial não deve ser perdido de vista. Faz-se necessário estar sempre e continuamente recorrendo ao evento Cristo com tudo o que ele propôs e significou para a humanidade. Sua identidade (da Igreja) será explicitada tanto mais ela percorra este caminho.

3.1. A Igreja como escola de discipulado: Mater et Magistra

Deixando por enquanto João e voltando nosso olhar para o sermão da montanha de Mateus[18], que tem como finalidade oferecer um ensinamento para a Igreja dos anos 80 d. C.[19], notamos que também para os nossos dias a Igreja precisa, à luz do ensinamento de Jesus, levar "sua" mensagem - o que lhe foi confiado pelo Senhor - segundo os tempos e as gerações, numa forma que seja adequada ao que o homem e mulher contemporâneos necessitem[20]. Não diferente foi a experiência da comunidade joanina que teve essa experiência de levar o conhecimento do ressuscitado para a sua realidade em que nascia e para a qual foi enviada.

Jesus, pessoa e mensagem, é vida (cf. Jo 14,6; 6,68). E é nesta certeza que a Igreja recebeu como missão dele mesmo gerar filhos e os educar e dirigir, orientando com solicitude materna, a vida dos indivíduos e povos de quem desveladamente sempre defendeu e respeitou a humanidade (cf. *MM* 1*)*. É neste sentido que a Igreja deve viver como mãe e mestra. Suas palavras, atitudes, nas diversas formas que se possam expressar, não devem senão refletir

[17] Cf. KEHL, M., *A Igreja.* Uma eclesiologia católica. São Paulo: Loyola, 1997, p. 42-43.
[18] Cf. Mt 5-7.
[19] Cf. BARBAGLIO, *op.cit.,* p. 104.
[20] Assim como foi significante o *CV II* para o nosso tempo. Sobre isso ver: VELASCO, R. *A Igreja de Jesus:* processo histórico da consciência eclesial. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 227-443; LIBÂNIO, *Concílio Vaticano II, op.cit.*; LOPES GONÇALVES, P. S – BOMBONATO, V. I. (org.). *Concílio Vaticano II.* Análises e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 95-115; SESBOUÉ, B (dir.). *Os Sinais da Salvação (séc. XII – XX)* São Paulo: Loyola, 2005 [História dos Dogmas, 3], p. 431-442; RUIZ DE GOPEGUI, J. A., O Concílio Vaticano II: quarenta anos depois. PT 37 (2005)11-30.

aquilo que ela mesma recebeu do testemunho do Senhor, tendo sempre algo a dizer para cada tempo.

Conforme referimos, a comunidade joanina teve seus desafios próprios em relação ao seu contexto histórico, onde precisou evangelizar. Tinha diante de si tendências e realidades culturais e religiosas que certamente bateriam de frente com a proposta cristã. No entanto, para que a boa-nova do Ressuscitado chegasse a todas as realidades, estas precisariam ser consideradas com tudo o que lhes compunha.

Ora, diante do erro da época moderna em considerar a exigência religiosa do espírito humano como expressão do sentimento ou da fantasia (cf. *MM* 211), a Igreja deve manter a sua postura de quem tem algo novo e eficaz para as pessoas. Levando-as a conscientizarem-se de que, separado de Deus, o homem torna-se desumano consigo mesmo e com os seus semelhantes, pois, para boas relações ordenadas entre os homens, são pressupostas relações bem ordenadas com Deus, que é fonte da verdade, da justiça e do amor (cf. *MM* 212)[21]. O mestre Jesus joanino ensina em toda a sua missão que essa relação com Deus é possível e até mesmo necessária quando ele mesmo vem a ser para todos a revelação acessível de Deus (cf. Jo 14,7.9-10).

Toda essa missão da Igreja não deixa de ser um grande desafio. É um pouco do que dizíamos ao comentar o ensino de Jesus no Templo (cf. Jo 7), quando, em nome do seu compromisso, sua morte foi a expressão mais radical do preço de suas palavras e ações vividas de forma coerente. Ora, se a Igreja é mãe e mestra, não diferente em relação às pessoas de cada época, devemos considerá-las como filhos e discípulos seus. Sua mensagem deve tocar no coração e realidade de cada pessoa, precisando sempre ter em vista a atenção aos sinais dos tempos[22]. Do contrário, perder-se-á em meio a tantas propostas e ideologias que poderão apresentar-se como algo "mais interessante".

Os frutos de sua mensagem só aparecerão se, além de ser lançada a semente, houver a permanência na obediência e escuta do Mestre que continua a instruir sua comunidade (cf. 20,17. 24ss; 21,1ss) que em seu nome foi enviada a produzir frutos que permaneçam (cf. Jo 15, 4.16). É importante, no entanto, e indispensável que sua mensagem seja conhecida, assimilada e aplicada à realidade particular nas formas que as diversas situações permitem ou reclamam (cf. *MM,* 218).

---

[21] Cf. também BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Deus Caritas est.* Aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2006.
[22] Cf. VELASCO, *op. cit.* p. 234-237.

Não se pode pensar em uma Igreja indiferente à realidade na qual está inserida. Sua presença deve ser indicação da novidade própria do evangelho que ela testemunha. É porque está no mundo - ainda que não pertença a este (cf. Jo 17,14) - que a Igreja deve, frente a todas as condições de vida, mostrar que nesta realidade histórica ela deve construir o Reino de Deus, que transcende a própria história[23].

O conteúdo do ensino propriamente dito da Igreja está na vida de Jesus. Em direção constante às suas palavras e gestos, ela estará recebendo o que sempre deverá transmitir. É o mesmo que dizer que a Igreja, ao mesmo tempo em que evangeliza, é constantemente evangelizada, uma vez que é inseparável de Cristo (cf. *EN* 13-16). Os frutos que esta é chamada a produzir dependem intimamente de sua ligação com o seu Mestre e Senhor (cf. Jo 13,13), sem o qual nada pode fazer (cf. Jo 15,5). Além do mais, deve ainda, como aquela que assume a instrução dos seus seguidores, ensinar os caminhos do Reino que se manifesta claramente aos homens nas palavras, nas obras e na presença de Cristo (*LG* 5), que é, ao mesmo tempo, Mestre e companheiro no caminho dos seus[24].

Quando falamos desta dimensão da Igreja de orientar aos seus membros os caminhos de Deus e favorecer a experiência de fé aos mesmos, como o fez Jesus em toda sua vida, é natural que logo pensemos em uma atitude de dentro para fora, como um cuidado que se tenha de tomar em relação a todos os que ainda não fazem parte desta comunhão – o Jesus joanino também viu que muitos ainda não faziam parte do seu redil (cf. Jo 10,16). No entanto, é indispensável percebermos já esse cuidado da própria Igreja consigo mesma, ou com os seus membros que na vivência da comunhão "em igreja" sejam capacitados para a missão. O gesto do lava-pés de Jesus (cf. Jo 13, 1-20) é um ensino prático para a vida da Igreja em si. O que já é vivido pela Igreja a exemplo do Mestre é que deve ser testemunhado. O amor fraterno, a comunhão recíproca, bases indispensáveis para a experiência de Deus, uma vez aprendidas e vividas no interior da própria comunidade, estarão prontas a serem praticadas como explicitação do verdadeiro testemunho cristão. É sempre a partir de uma boa relação Mestre/discípulo que se obterá aptidão para começar a missão específica frente ao mundo. Com outras palavras, a *LG* afirma que

> Assim, todos os discípulos de Cristo, perseverando juntos na oração e no louvor de Deus (cf. At 2,42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstia viva, santa e agradável de Deus (cf. Rm 12,1); dêem testemunho de Cristo em toda parte;

[23] Cf. FORTE, B., *ibid*., p. 41.
[24] Cf. Lc 24, 13-35.

> e, aqueles que por isso se interessarem, falem da esperança, que está neles, de vida eterna (*LG* 10).

Da vida de Jesus poderíamos colher muitos aspectos (solidariedade, justiça, respeito etc.) para assim realçar a coerência entre o seu falar e agir, entre o seu ensino e a sua prática, podendo também aplicar ao dever de testemunho da Igreja. À maneira do Senhor, a Igreja deve trilhar os seus caminhos, isso para que o mundo sempre reconheça entre ambos mais que uma estreita relação, porém uma identidade entre um e outro[25]. É por meio da comunidade eclesial que a dinâmica e eficácia da proposta de Jesus deve ser espalhada de geração em geração.

Um desses aspectos, conforme dizíamos, como prioridade da missão de Cristo que desemboca na missão da Igreja, é o valor da pessoa como tal, a promoção humana[26]. O que nos faz lembrar, entre tantos outros exemplos, o gesto de Jesus como bom samaritano[27]. Diante de alguém que é desprezado por todos quantos por ele passavam, presta auxílio pelo simples e nobre fato de estar diante de alguém, de um ser humano como qualquer outro, com necessidades urgentes, vale lembrar. Tal atitude mostra que evangelizar é, sobretudo, saber aproximar-se, ser presença significativa e, então, propor a mensagem, se é que a própria presença acolhedora já não seja uma verdadeira evangelização, uma vez que esta tem laços profundos com a promoção humana (cf. *SD* 157-227; ainda *AG* 8; *GS* 12-22.40; *PB* 470-506)[28]. A consideração da pessoa como tal, quem quer que seja, na ação evangelizadora é, indubitavelmente, o reflexo da ação de Jesus que fez de sua vida um verdadeiro resgate de tantas vidas cujo sentido se havia perdido, encontrando-se em um verdadeiro descaminho de seu real valor e dignidade. Para ele, o ser pessoa era a principal característica de cada um com quem tinha contato. A condição social, cultural, econômica e mesmo religiosa não deveriam ser empecilho para uma aproximação solidária[29].

> A Igreja, ao proclamar o evangelho, raiz profunda dos direitos humanos, não se arroga de uma tarefa alheia à sua missão, mas ao contrário, obedece ao mandamento de Jesus Cristo ao fazer da ajuda ao necessitado uma exigência essencial de sua missão evangelizadora. Os Estados não concedem estes direitos, a eles compete protegê-los e desenvolvê-los, pois pertencem, por sua natureza, aos homens (*SD* 165).

---

[25] Cf. Mt 10,24-25. 40-42; Jo 13,16; At 9,4-5; Jo 15,1-ss.
[26] Cf. Jo 4,1ss; 8,1-11- ainda que saibamos que este texto falte em muitos manuscritos antigos, mas citamos como exemplo no corpo do quarto evangelho.; ver também Mc 6,34-44; At 10,48; Mt 25.
[27] Cf. Lc 10,29-37.
[28] Cf. Também vai tratar deste tema GONÇALVES – BOMBONATO, *op.cit.* 195-200.
[29] Cf. Mt 15,21-28; Lc 7,36-50; 15,1-2; Mc 5,21-43; Jo 3,1ss.

Neste sentido, vai o que ainda podemos dizer sobre a doutrina social da Igreja, que consiste no ensinamento do Magistério em matéria social, contendo assim princípios, critérios e orientações para a atuação do crente na vida do mundo, conforme o projeto de Deus (cf. *SD* 158). A realidade histórico-social é este amplo campo de atuação missionária da Igreja, onde concretamente acontece a evangelização. E que procura e deve atingir desde as mais simples às mais complexas situações humanas. Todas as realidades são, portanto, destinatárias do ensino do Senhor, e onde houver uma só pessoa ou situação histórica que reclame a orientação de Jesus por meio de sua Igreja, até lá esta precisa ir; os confins da terra precisam ser alcançados pela boa-nova do Reino.

3.2. A prática eclesial como extensão do ensinamento de Jesus

A presença da Igreja no mundo pretende ser uma confirmação da ação do Senhor ressuscitado (cf. Jo 20,21)[30], com tudo o que propusera de novo para a história da humanidade. Por este motivo, não se resume a mais uma instituição. Já foi inclusive visto na teologia mateana, por exemplo, a apresentação da Igreja como o verdadeiro povo de Deus, a comunidade messiânica dos últimos tempos, sinal visível da salvação para todos os homens[31]. Falar, pois, da comunidade messiânica é referir-se à vivência em torno do Messias, ele que pela palavra e ação sempre orientou os seus a comunicarem a vontade de Deus para cada tempo.

É própria da missão da Igreja a inserção nas realidades temporais; todo batizado deve assumir como específico seu esta dimensão, mesmo que haja uma variedade de formas na expressão deste traço. O carisma pessoal pode ser variado, mas o seu testemunho deve obedecer ao caráter da inserção, que é comum a todos[32]. Jesus disse que enquanto está no mundo é a luz do mundo (cf. Jo 9,5), e se o cristão foi enviado como e por ele (cf. Jo 20,21) também deve ser luz onde quer que esteja. Desta forma, a vida cristã indo ao mundo e testemunhando o que lhe é próprio, convidará a todos à fé com o propósito de que não permaneçam nas trevas do desconhecimento de Deus (cf. Os 4,6; Ml 2,8).

---

[30] Cf. ainda Mc 16,20; Mt 28,20; Lc 24,48.
[31] Cf. BARBAGLIO, *op.cit.* p. 60.
[32] Cf. FORTE, B., *A Igreja Ícone da Trindade.* Breve eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 41.

Porém, como face à própria pregação de Jesus, nem todos manifestaram adesão à sua proposta de Reino. O que não vem a ser diferente na vida e missão da Igreja, pois o próprio Senhor já advertia não ser o servo maior que o senhor, nem o enviado maior que aquele que o enviou (cf. Jo 13,16). Ainda que isso já tenha acontecido (cf. At 2,40-41), a pregação da Igreja nem sempre atraiu multidões, ainda que os Atos dos Apóstolos tenham descrito isto como uma experiência vivenciada na Igreja primitiva (cf. At 2, 40-41). Talvez o fato de não atrair multidões se explique pela realidade de só permanecer no seguimento quem realmente está disposto ao compromisso que, mais que uma teoria, supõe a renúncia da própria vida (cf. Mc 8,34-37; Jo 21,18-19). Já houve muita resistência e dificuldade no decorrer da missão da Igreja[33]. Porém, a convicção de que foi o próprio Senhor que a enviou a evangelizar a todos os povos[34] foi o que manteve firme, perseverante e em busca de uma fidelidade sempre maior. E assim crescia sempre mais o seu ardor e força dinâmica com que foi enviada (cf. At 2,1ss), perseverando a todo custo, não obstante o alcance na missão (cf. Fl 3,16).

A missão do próprio Jesus acontecia na proposta que fazia a todos quantos o ouvissem acerca da salvação (cf. Jo 3,16), reconciliação e comunhão com Deus; comunhão esta que apontava para o reconhecimento de Deus por meio dele [Jesus] como nosso Pai[35]. Visto que assim viveu o Senhor, convinha que por este mesmo itinerário o fizesse a Igreja.

> (...) Ela [a Igreja] chama para a comunhão de Deus, ela é congregação e veiculação. Neste sentido, a Igreja tem determinada tarefa e por isso também determinada estrutura, forma e organização. De um modo geral, ambos os aspectos hoje são interligados na concepção de Igreja como sinal e instrumento (sacramento) do amor de Deus[36].

Para que a boa-nova do seu Reino chegasse ao alcance de toda realidade histórica, onde se realiza sua razão de ser, Deus, em seu filho, se fez histórico, tornando-se um como nós, assumindo nossa condição (cf. Jo 1,1ss; Fl 2,6-7). Com a ascensão de Jesus[37], a Igreja

---

[33] Cf. MATOS, H. C., *Introdução à História da Igreja*, I. Belo Horizonte: Lutador, 1997, p. 23-46.
[34] Cf. CECHINATO, Luiz., *Os vinte séculos da caminhada da Igreja.* Principais acontecimentos da cristandade desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 26-27.
[35] Cf. Jo 1,14.18; 2,16; 3,35; 4,21.23; 5,17.18.19.20.21.22.23.26.36.37.43.45; 6,27.32.37.40.44.45.57.65; 8,13.19.27.28.38.49.54; 10,15.17.18.25.29.30.32.36.37.38; 11,41; 12,26.27.28.49.50; 13,1.3; 14,2.6.7.8.9.10.11.12.13.16.20.21.23.24.26.28.31; 15,1.8.9.10.15.16.23.24.26; 16,3.10.15.17.23.25.26.27.28.32; 17,1.5.11.21.24.25; 18,11; 20,17,21. Cf. ainda Gl 4,6-7; 2 Cor 1,2; Rm 8,15-17.
[36] Cf. SCHNEIDER, *op.cit.* p. 55.
[37] Cf. Mc 16,19; Lc 24,51; At 1,9-11.

passa a ser sua mediação histórica e continuadora de sua missão, é sacramento de Cristo, ou seja, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano (cf. *LG* 1). Queremos dizer, com isso, que sua via de comunhão com o Senhor tende a ser, por meio de seus membros, uma convocação contínua a muitos membros que ainda não se reconhecem parte desse corpo.

Um pouco mais sobre esta temática da Igreja como corpo é-nos apresentada de forma complementar e sintética por Schneider:

> (...) A Igreja é o corpo unificado de muitos crentes, em Cristo, cujos membros estão aí uns para os outros e uns para com os outros, no Espírito uno (Rm 12,5; 1 Cor 12,12s.27). Nas cartas deuteropaulinas, isto então quer dizer que a Igreja é a forma de apresentação histórica e a forma terrena de comunicação de Cristo, por meio da qual o cabeça, Cristo, atua e está presente na história (Ef 1,22ss; 4,7-16; 5,21-33; Cl 1,18; 2,19). A Igreja é, portanto, o corpo terreno de Cristo exaltado[38].

Tal é esta comunhão entre Cristo e a Igreja[39], conforme temos insistido, que seguramente podemos, à luz do *CV II*, afirmar que, do mesmo modo que Jesus Cristo consumou a sua obra de redenção na pobreza e na perseguição, assim também, a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho para poder comunicar aos homens os frutos da salvação (cf. *LG* 8). Não se esqueça, porém, que isso implica explicitar na própria Igreja traços que são fundamentais da pessoa de Jesus, enquanto missionário do Pai, sendo assim ela mesma missionária de Cristo. Ele que, deixando a condição divina, se fez servo (cf. Fl 2,6-7) e, por nossa causa, sendo rico se fez pobre (cf. 2 Cor 8,9). É assim que a Igreja, ainda que necessite de recursos humanos para cumprir sua missão, não deve empenhar-se em buscar glórias terrenas, mas em dar a conhecer, também com seu exemplo, a humildade e a abnegação[40]. Tal como foi a missão de Cristo, assim deve ser a da Igreja.

A manifestação de Jesus aos seus discípulos, já na realidade pós-pascal, vem a significar para nós, que ao proclamar o Reino de Deus, Jesus não lançou sua mensagem, por assim dizer, no vazio: também chamou discípulos e determinou as formas como deveriam comprometer-se a segui-lo (cf. Jo 13,14-15; 20,21-23)[41]. Seguimento este profundamente caracterizado pela missão profética e diaconal, afirmando assim a benevolência de Deus para com todos os homens, orientando sua ação, criticando seus descaminhos e trazendo-lhes

---

[38] Cf. SCHNEIDER, *op.cit.* p. 66.
[39] Cf. LÉON-DUFOUR, X., *Os Evangelhos e a história de Jesus.* São Paulo: Loyola, 1972, p. 329.
[40] Ibidem.
[41] Cf. KUHN, U., "Igreja", *in* LACOSTE, Jean-Yves. DCT. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2004, p. 853; BARREIRO, *op. cit.* p. 31-36.

socorro na caridade. A isso ela jamais poderia renunciar, ainda que a sociedade vigente quisesse contestá-lo como, por exemplo, sucede nas sociedades modernas[42]. É inserida na realidade histórico-contextual que a Igreja tem a sua razão de ser, o que não implica em que se deixe sujeitar a critérios próprios da realidade em que vive, a menos que não contradiga o evangelho, princípio de sua mensagem, e venha a favorecer sua missão. Entra aqui a realidade da inculturação que tem a sua importância, desde que não rompa o fio condutor da evangelização enquanto acontece como algo humanizante para cada cultura aonde chega.

3.2.1. Necessidade da Inculturação

Em se tratando deste tema da inculturação, podemos dizer que este vem a ser uma importante implicação do mestre Jesus joanino. O relato da samaritana é um exemplo com o qual constatamos esta dimensão do diálogo entre culturas. Na pessoa de Jesus e da Samaritana, Judéia e Samaria se reaproximam para o necessário diálogo. Jesus, subindo pelo vale do Jordão talvez nem precisasse passar pela Samaria. No entanto, João pretende situar aqui um momento muito importante na vida de Jesus, talvez porque a comunidade tivesse contatos estreitos com os samaritanos ou mesmo porque, o que é mais provável, este encontro com a samaritana prefigurasse a missão da Igreja junto aos não judeus (cf. 4, 27-38; 12,20-24). Contudo, é importante lembrar que historicamente a passagem de Jesus de Nazaré pela Samaria constitui uma dificuldade: é somente depois da ressurreição que os discípulos ousarão evangelizar os samaritanos (cf. At 8,1-25). Daí, pode-se ver neste episódio joanino uma antecipação fictícia da missão da Igreja depois da páscoa[43].

"É preciso" que Jesus passe pela Samaria (cf. Jo 4,4). A respeito deste termo, Léon-Dufour lembra que se supõe aqui um motivo de ordem teológica, como em outros trechos do Quarto Evangelho[44]. Ora, se Jesus atravessa a região da Samaria é porque sua missão o exige segundo o desígnio de Deus[45].

---

[42] Cf. KUHN, *op.cit.* p. 864.
[43] Cf. LÉON-DUFOUR,X., *leitura do evangelho segundo João,* I, p. 261.
[44] Cf. 3,14.30; 9,4; 10,16; 12,34; 20,9.
[45] Cf. LÉON-DUFOUR, ibid.

A distância entre judeus e samaritanos, questão histórica antiga[46], por causa da mistura dos povos e presença de numerosos pagãos devido às invasões assírias e caldéias, agora estava sendo diminuída por meio de Jesus e da mulher samaritana. Jesus, representando os judeus (cf. Jo 4,9) e a samaritana, que por sua vez, era uma presença representativa do povo samaritano, reaproximaram dois povos e duas culturas por meio desse diálogo. Refletia-se, naquela mulher, a mentalidade religiosa[47] samaritana. E com o diálogo, aos poucos, essa mentalidade foi sendo esclarecida pelo contato com a pessoa de Jesus.

Por meio desta perícope, vemos a aproximação entre judeus e samaritanos. Ainda que com muitas diferenças culturais e religiosas, ambos possuem a mesma necessidade: a sede. Ainda que em dimensões diferentes. É necessário o encontro para o diálogo, e deste encontro frutificar com a proximidade e o acordo, não obstante a diferença de concepções, ainda que seja de muito tempo de vivência. Assim foi com Jesus, deve assim também ser com a Igreja. Tendo algo fundamental para oferecer para as diversas culturas, precisa ir ao encontro delas. O mundo tem sede da água do Mestre Jesus por meio da fonte da Igreja.

Este exemplo da samaritana, presente no evangelho de João, aponta-nos a importância da inculturação no processo da evangelização. À luz da atitude de Jesus, a Igreja precisa parar à beira dos diversos poços existentes no mundo que se encontram sedentos desta água que o Mestre, por meio da Igreja, continua a oferecer.

A cultura é algo próprio e necessário da pessoa humana para desenvolver os bens e valores da natureza a fim de chegar a uma plena e autêntica realização. Esta, por sua vez, dentre os possíveis conceitos, pode ser considerada como o meio histórico determinado, no qual se integra o homem de qualquer raça ou época, e do qual tira os bens necessários para a promoção da civilização (cf. *GS* 53). Aonde chega a missão da Igreja, necessariamente, é de se esperar que a realidade local se lhe apresente novidades, o que vem a ser, por um lado, possibilidade de crescimento por causa do novo encontrado, bem como desafio pelo fato do desconhecido.

A inculturação como forma de adaptação da comunidade cristã no seu espaço missionário é um dos aspectos indispensáveis para a evangelização, uma vez que a complexidade e a pluralidade são características possíveis e muito presentes diante de si no que diz respeito ao seu horizonte.

---

[46] Ibidem.
[47] Ibid., 267.

Para falar da situação da cultura no mundo atual, tratando com isso novos possíveis estilos de vida, a constituição conciliar *Gaudium et Spes* retrata com as seguintes palavras:

> (...) O aumento de intercâmbio entre os vários povos e grupos sociais revela mais amplamente a todos e a cada um os tesouros das várias formas de cultura, preparando-se deste modo, progressivamente, um tipo mais universal da cultura humana, a qual tanto mais favorecerá e expressará a unidade do gênero humano, quanto melhor souber respeitar as peculiaridades das diversas culturas (*GS* 54).

Nesta realidade cultural em que vive a comunidade dos seguidores de Jesus é que deve ser explicitado o testemunho da fé cristã, como aquela que pode e deve ter inter-relação com a cultura. Ainda que vivam em busca da cidade celestial (cf. Cl 3,1-2), é dever dos cristãos colaborar com todos os outros homens na edificação de um mundo mais humano (cf. *GS* 57), sem que haja nenhuma tendência à alienação quanto à realidade em que se vive. Neste sentido é que o seguidor de Jesus, coerente ao que aprende de seu Mestre, não pode omitir uma práxis condizente ao que realça e valoriza a dignidade humana.

Para então delimitarmos esta temática da inculturação, a realidade latino-americana é para nós um grande exemplo. De uma forma bem particular, pode-se dizer que a fidelidade aos ensinamentos do Senhor (cf. Jo 15, 14), em forma de discipulado ou seguimento, apresenta-se como a medida da vida cristã[48]. Para uma melhor contextualização[49], mencionamos aqui, entre muitos outros possíveis, alguns pontos descritivos deste seguimento:[50]

- O seguimento e a cristologia têm como ponto de partida o Jesus histórico: sua pessoa, doutrina e atitudes. Segui-lo é comprometer-se em sua prática e prosseguir sua causa;

---

[48] Cf. GALLEGO, A.,"El seguimiento de Jesús en Medellín, Puebla y Santo Domingo". PÁGINAS – Centro de Estudos y publicaciones, 198 (2006) 15.

[49] Esta contextualização exemplifica, em linhas gerais, a realidade latino-americana. Ainda que não tenhamos como objeto de nossa pesquisa delimitar a realidade eclesial o quanto mais possível até chegar na realidade da Igreja do Brasil, indicamos aqui como um vasto e profundo estudo desta realidade, no que diz respeito ao Planejamento Pastoral na Igreja do Brasil o livro de Maria Carmelita de Freitas: *Uma opção renovadora.* A Igreja no Brasil e o Planejamento Pastoral. Estudo Genético-Interpretativo. São Paulo: Loyola, 1997.

[50] Cf. GALLEGO, *op.cit* 16-17.

- O seguidor deve sê-lo discernindo os sinais dos tempos, pois é na história que o Senhor se revela, manifestando sua vontade, impelindo assim o discípulo à missão;
- A necessidade da leitura do evangelho de Jesus que nos convoca a fazer nova a história, o que aponta mais para um seguimento dinâmico/criativo que para uma imitação estática;
- Como gratuidade, o seguimento é celebrado pelo discípulo na comunidade dos seguidores, a Igreja, o que mostra que tal prática, para além de um comportamento ético, que não o esgota, supõe vivência comunitária e celebração da fé.

3.2.2. Conferências do Episcopado Latino-Americano

Considerando de uma forma geral o grande significado do *CV II* para toda a Igreja como tal, não é intenção desta pesquisa deter-se na análise do seu evento propriamente dito, do qual poderíamos alimentar bastante nossa reflexão. Ainda assim, não deixa de ser aconselhável a quem deseja aprofundar o tema[51]. Interessa-nos, contudo, mencionar aqui um pouco da realidade pós-conciliar, realçando três grandes enfoques que de fato marcaram este tempo e têm sido sólidas orientações para a prática eclesial latino-americana, como altitude de concretizar os ensinamentos de Jesus. Falamos dos três documentos produzidos pelas conferências realizadas pelo Episcopado Latino-americano (CELAM), a saber, Medellín (1968); Puebla (1978) e Santo Domingo (1992)[52]. Seguimos, então, com uma breve caracterização de cada conferência, a fim de que situemo-nos em cada uma de suas respectivas importâncias para o nosso contexto.

Em Medellín, houve uma tentativa de adaptação do *CV II* na realidade latino-americana. Assim como pretendeu o mesmo concílio com o diálogo com o mundo moderno,

---

[51] Entre outras obras de importância para compreensão do Concílio, insistimos nas que já mencionamos no correr desta pesquisa: LIBÂNIO, *op.cit.;* VELASCO, *op.cit.;* SCHNEIDER, *op.cit.;* GONÇALVES – BOMBONATO, *op.cit.;* KEHL, M., *A Igreja.* Uma eclesiologia católica. São Paulo: Loyola, 1997, p. 45-49; DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001.

[52] Cf. GALLEGO, *op.cit.* p. 15-25*;* Para uma reflexão mais aprofundada sobre esta temática, ver: II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. *Conclusões de Medellín*, São Paulo: Paulinas, 1979.; III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Puebla: Conclusões. São Paulo: Loyola, 1980; IV CONFERÊNIA DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. *Santo Domingo*: Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã. Petrópolis: Vozes, 2003.

Medellín o fez com o contexto da América Latina, profundamente marcado pela pobreza. E ainda que sejam poucas as menções encontradas no Quarto Evangelho a respeito dos pobres[53], a vida de Jesus nos impulsiona ao cuidado com estes. Primeiro, por uma dedicação sincera com estes e jamais usá-los em função de ideologia próprias (cf. Jo 12,5-6); segundo, porque ser cristão significa se fazer igual a todos por amor, igualdade esta que nos impulsiona ao serviço mais humilde aos mais humildes (cf. Jo 13,13-15).

Na condição de mestre, Jesus serviu. Ser cristão na prática é ser capaz se fazer servo de todos. Viver este exemplo de Jesus no contexto latino-americano, para com os pobres especialmente, é atualizar o gesto de esvaziamento do Mestre que se faz servo, e testemunhar a conduta de um fiel discípulo seu.

De uma forma bastante consciente, Puebla quis situar-se na mesma linha de Medellín, conforme o afirma o próprio documento:

> Voltamos a retomar com renovada esperança a força vivificante do Espírito a posição da II Conferência Geral, que fez uma clara opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e, inclusive, a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no sentido de sua libertação integral (*PB* 1134).

Já em Santo Domingo, podemos apontar como duas idéias fundamentais da conferência, a "Nova Evangelização" e a "Inculturação[54]. A primeira apresenta-se como necessária para responder a problemas presentes no Continente, onde é perceptível o divórcio entre fé e vida, o que vem a produzir uma gritante situação de injustiça, desigualdade social e violência (cf. *SD* 24)[55]. Ora, o texto joanino cobra-nos a atenção ao fundamental aspecto da vida de Jesus, que nos testifica a inseparabilidade de sua palavra e vida (cf. Jo 6,51); o que ele crê e vive, fala e pratica, explicita sempre mais a coerência de sua missão. Daí porque os cristãos devem manter assim sua conduta e, conseqüentemente, contribuir para eliminar toda e qualquer conseqüência negativa como efeito da separação entre fé e vida, conforme nos adverte *SD*.

---

[53] Cf. Jo 12,5.6.8.
[54] Tendo já enfatizado anteriormente o tema da *Promoção Humana*, como idéia-chave de SD, indicamos estas duas outras como pistas de compreensão desta mesma conferência.
[55] Encontramos no corpo do documento várias menções desta realidade de separação entre fé e vida. Cf. N°s 44; 48; 96; 160; 161; 263.

A segunda idéia [inculturação], vem a ser um meio pelo qual a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas, introduzindo assim os povos com suas culturas em sua própria comunidade. A fé, ao encarnar-se nessas culturas, deve corrigir seus erros e evitar sincretismos (cf. *SD* 230).

Com esta explanação, podemos pensar a Igreja estendendo os ensinamentos de Jesus a situações mais particulares. O que não nos compete, em detalhes, nesta presente pesquisa. Percebemos, porém, um pouco por onde passa a missão da Igreja. Onde quer que venha acontecer, ela leva consigo essa responsabilidade frente aos continentes ou às pequenas comunidades de ser uma expressividade do que o Senhor Jesus quis e continua querendo fazer dela, para cada tempo e lugar, conforme o sopro dinâmico de seu Espírito, que nos é prometido pelo Mestre Jesus no Quarto Evangelho [56].

Vemos assim a Igreja assumindo como sua a proposta de Jesus que, sendo proclamada nos dias de hoje, procurando acompanhar a velocidade com que anda a história, mostra a todos que aí há um sentido para a realização humana. Cada gesto evangelizador da Igreja pretende ser aos seus destinatários um eco da proposta de Jesus aos seus primeiros discípulos: "Vinde e vereis!" (cf. Jo 1,39).

Nesta perspectiva, a Igreja reconhece como seu valor e conteúdo fundamental o que tem recebido do seu Mestre [pela Escritura e Tradição], ele que sempre ensinou com a própria vida. Por isso mesmo, ela, na condição de discípula, ainda que distante dele cronologicamente, vê-se na constante necessidade de deixar-se formar e conduzir pela certeza de sua presença ressuscitada que rompe os limites e condicionamentos da história e continua a ecoar: *Não vos deixarei órfãos, eu virei a vós* (Jo 14,18).

3.3. A prática de Jesus como ensinamento: interpretação para o cristão de hoje

Todo o conjunto da vida de Jesus significa para todos os cristãos a fonte da qual brotam a inspiração e a motivação para a vivência eclesial de cada época. A prática de Jesus vivida como ensinamento foi, é, e sempre será para a Igreja como uma fonte inesgotável da qual, a partir de uma interpretação, a vida cristã se renova e se adapta a qualquer contexto.

---

[56] Cf. Jo 3,8. 14,15.26; 16,13.15; 20,22.

3.3.1. A memória de Jesus

Quanto mais intensa e exigente for a missão da Igreja, mais necessário e profundo deve ser o seu retorno à sua fonte, isto é, à vida de Jesus. Para ter o que oferecer aos outros é necessário esta atitude que também podemos chamar de *memória.* O fruto do alcance da missão sempre estará implicado na escuta ou experiência primeira com o Senhor que a enviou. Sem esta busca de Jesus (cf. Jo 1, 35-39; 3,1ss; 6,44), não se pode alcançar a ninguém; se por ele não somos constantemente alcançados (cf. Jo 20,15), em vão tentaremos alcançar quem quer que seja. É o mesmo que dizermos que para se chegar até os confins da terra, como pretendemos com nossa missão cristã, é necessário estar em contínuo exercício de discipulado. O que nos é possível quando vivemos em cada tempo o que aprendemos da vida de Jesus. Com as mesmas palavras de João Batista Libânio, diríamos que "Jesus ensina-nos elementos fundamentais para o seguimento em outro contexto. O "antes" do seguimento de Jesus são os valores do reino que ele mesmo viveu: solidariedade, justiça, verdade, ética, opção pelos pobres etc. O concreto é-nos oferecido no momento histórico em que vivemos. Nasce aí o seguimento de Jesus"[57].

Independente do tempo ou lugar onde haja a expressão da vida cristã, sua fidelidade exigirá sempre que não se perca de vista o fio condutor. Este tem sua origem na comunidade primeira, apostólica, a saber, a experiência genuína da presença do Mestre que lhe deu origem, Jesus de Nazaré, o qual foi considerado como um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo[58]. Na vida da Igreja, esta atitude de voltar continuamente à vida de Jesus é imprescindível. É de suma importância que a rica Tradição da Igreja, no que é considerada fonte cristã, tenha sempre o seu espaço na consciência teórica e prática dos cristãos de hoje e de sempre, e seja como aquele sábio a tirar do seu tesouro coisas novas e velhas[59]. As fontes escriturísticas, especialmente os evangelhos, são a nascente do cristianismo com perspectiva universal em se tratando de sua missão.

Este horizonte de universalidade mostrado a nós pelos textos sagrados faz-nos perceber que Jesus, humano como todos nós, viveu em um contexto próprio, nascido de uma mulher, sujeito a uma Lei[60]. Ainda que tenha marcado um tempo da história, mais

---

[57] Cf. LIBÂNIO, J. B., *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem Ediciones, 2001, p. 112.
[58] Cf. Lc 24,19; Jo 7,15-18.
[59] Cf. Mt 12,35.
[60] Cf. Gl 4,4.

especialmente da história de Israel, seu povo, propôs um estilo de reino que seria uma proposta para o além-muros da tradição israelita, superando assim tudo o que a tradição cultural/religiosa até então propunha, ainda que se considere ali o seu valor próprio[61].

Jesus é situado numa tradição rabínica, não sendo, porém, mais um rabi entre os demais[62]. Ele não é mais um a falar da Torah. Bem mais que isso, deu-lhe pleno sentido[63]. É diferente quando comparado com Moisés que subiu sozinho[64] ao monte para ouvir as palavras de Deus a fim de, posteriormente, comunicá-las ao restante do povo, que permaneceria ao pé do monte[65]. Jesus é, ao contrário, reconhecido pela comunidade cristã como a própria Palavra de Deus encarnada[66]. Na condição de mestre, é diferenciado dos demais pela autoridade que tem; seu ensino, sua postura é diferente da dos escribas e fariseus[67]. Além do mais, não sobe ao monte sozinho, mas chama para perto de si quem ele quer[68]. Na tradição mateana, por exemplo, Jesus é considerado como plenificador da Torah[69], mostrado como o novo Moisés, que promulga a nova Torah – também no monte! – para o novo povo de Deus[70]. Tudo isso nos mostra como Jesus, ainda que situado no contexto cultural/religioso rabínico, sobressai pela sua forma singular de ser mestre. Ele é realmente um Mestre que vem da parte de Deus (cf. Jo 3,2).

> Os mestres excelem pela sabedoria acumulada e transmitida. O valor vem-lhes da excepcional riqueza de experiências adquiridas na vida e dignas de serem comunicadas. Somam-se, em muitos casos, qualidades excepcionais pedagógicas e o fascínio da pessoa. Jesus insere-se, sem duvida, nesta tradição. Mas há algo nele absolutamente original. (...) Os discípulos buscam o Mestre. Jesus faz o inverso[71].

---

[61] Cf. Mt 5,17-20.
[62] Cf. LÉON-DUFOUR, *Os Evangelhos.* p. 219-321.
[63] Cf. Jo 1,17; 6,31. 9,28. Podemos ver em Jesus o cumprimento das promessas do Antigo Testamento. Em relação a Moisés (Jo 1,17; 6,31-32; 9,28; 5,45-46; 7,19.24); Jacó (Jo 4,4-15); Abraão (Jo 8,31-59).
[64] Cf. Ex 19,3.
[65] Cf. Ex 19,17.
[66] Cf. Jo 1,1-18.
[67] Cf. Mt 7,28-29; Mc 1,22; 9,8. Reflexão bem desenvolvida a respeito do mestre Jesus como autoridade *escritural e carismática* encontra-se em VERMÈS, G. *A religião de Jesus, o Judeu.* Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 48-74.
[68] Cf. Mc 3,13. Se para o israelita ver Deus significa morrer (cf. Ex 33,20), o olhar para Jesus – "quem me ver, vê o Pai" (cf. Jo 14,9), já se faz sinal da verdadeira vida.
[69] Cf. LÁPIDE, P. O. *O Sermão da Montanha.* Utopia ou programa?. Petrópolis: Vozes, 1972, p.12.
[70] Cf. MINNETTE de TILLESSE, G., "Teologia do Novo Testamento". 1-4 (1996) 644.
[71] Cf. LIBÂNIO, *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. op. cit., p.110.

Jesus também é original. É um mestre cujo ensino não é restrito ao grupo dos seus seguidores mais próximos[72], nem somente às pessoas provindas de Israel, senão também para as multidões[73], que por vezes o procuravam para encontrá-lo e escutá-lo. Vemos assim que a sua proposta é destinada a quem demonstrar docilidade e compreensão de sentido, independente da situação sócio/cultural a que pertença.

É importante para nós manter sempre esta percepção da coerência de Jesus em seu falar e agir, o que nos faz vê-lo como o Mestre diferente, que tem autoridade, cuja vida apresenta-se como uma mensagem prática. Seus discursos são inseparáveis de suas atitudes, em significado, para toda a humanidade. E é dentro desta compreensão que todos quantos se denominam seguidores seus devem manter seu testemunho. Os gestos de Jesus, por mais simples que sejam, têm sempre algo que inspiram as atitudes da Igreja.

A atenção, portanto, à sua vida no cotidiano do seu ministério público é verdadeira fonte de ensino teórico e prático para todos os cristãos. Os quais precisam, no seu cotidiano, e em suas tarefas, também ensinar pelo testemunho. Mostrando-se ao mundo como pessoas cuja opção é feita com inteira liberdade humana no intuito de se conformarem com o plano de Deus, vivendo assim em função do próximo, o que era inegavelmente visto na opção do próprio Jesus.

A identidade de Jesus está explícita em sua prática. Basta ver, por exemplo, o episódio no qual João Batista procura saber de sua identidade messiânica[74], e tem como resposta não um conhecimento teórico, senão a práxis libertadora de suas palavras[75] e obras[76]. O compromisso com Jesus, então, implica sua mesma práxis na vida e caminhada de quem o segue: de todos os cristãos, portanto.

---

[72] Contudo, é importante notarmos que em algumas ocasiões Jesus dirigia algumas explicações somente ao grupo dos doze (cf. Mc 4,34).
[73] Cf. Mc 2,4.13; 3,7.8.9.20; 4,36; 5,21.24; 6,34; Mt 5,1; 7,28; 8,1; 9,36; 12,23; Lc 1,10; 3,10; 5,1.3; 12,54; Jo 6,2.5.24; 7,12.31; 11,42; 12,9.12.17.18.29.34.
[74] Cf. Mt 11,2-6; Lc 7,18-23.
[75] Cf. Lc 4,18-19; 6, 20-23. Em Mateus, temos como exemplo o Sermão da Montanha (cf. 5-7), com atenção especial às bem-aventuranças (cf. 5,1-12).
[76] Para narrar os milagres, Mateus apresenta os cap. 8-9. Lucas já apresenta os milagres como sinais da presença do Reino de Deus.

3.3.2. O cristão como expressão da ação salvífica de Deus no mundo

O cristão, por meio da comunidade, pretende ser uma expressão da ação salvífica de Deus no mundo[77]. Cada cristão, na condição de seguidor de Jesus, deve se sentir enviado por ele (cf. Jo 13,20; 20,21), assim como ele o foi pelo Pai[78]. É dessa postura transformadora, que o mundo precisa[79]. São muitas as situações, pessoas, realidades que gritam e reclamam, ainda que em silêncio, por este testemunho cristão. É preciso fazer-se os braços de Deus e acolher a quem é desprezado; fazer-se a voz de Jesus a nortear os desnorteados. É por meio de atitudes concretas que a vida e testemunho cristãos mostrarão sua diferença e sentido. Quanto mais os cristãos buscarem identificar sua mística à de Cristo, o seu seguimento será iluminado e fiel[80] .

Essa dinâmica da ação cristã em nossos dias faz-se importante, a partir da retomada interpretativa da vida do próprio Jesus, a fim de que as suas ações e as palavras não fiquem no esquecimento de uma comunidade que não faça memória. Isto porque há um perigoso risco ou tendência de se petrificar a revelação de Deus em forma de "doutrina", ou até mesmo a fixá-la no passado, desvalorizando o fato de que o conteúdo da fé não busca, antes de tudo, o entendimento, somente, mas a transformação da realidade. Para nós, fica claro que o entendimento tem grande importância: sem ele qualquer prática seria cega. Mas o que queremos afirmar é que, se o caminho passa por aí, a ação cristã, sendo uma conseqüência necessária, não expressará sua eficácia. Por isso é que, junto ao conhecimento, precisa-se da obediência, do compromisso e da atividade correspondentes no mundo[81]. São os diferentes passos no mesmo caminho. Do contrário, corremos o risco de ser mais uma figueira estéril, que não dando frutos não produzirá como deve.

A realidade, como dissemos, clama pela práxis cristã. A vida de Jesus foi um claro testemunho de objetividade e concretude de suas convicções. Sua missão estava lá, exposta aos olhos de todos. Neste ponto insiste Lorenzen:

> O fundamento e conteúdo da fé, Jesus Cristo, não morreu por fracassar-se em um debate intelectual sobre a forma mais apropriada de compreender a realidade, senão porque lutou por uma compreensão correta da realidade, movendo esta para a

[77] Cf. LORENZEN, T., *op. cit.* p. 296.
[78] Cf. Jo 3,17; 4,34; 5,23.24.30.36.37; 6,29.38.39.44.57; 7,16.18.28.29.33; 8,16.18.26.29.42; 9,4; 10,36; 11,42; 12,44.45.49; 13,20; 14,24; 15,21; 16,5; 17,3.8.18.21.23.25; 20,21.
[79] Ibid., p. 297.
[80] Cf. LIBÂNIO, *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação,* op. cit., p. 112.
[81] Ibid., p. 297-298.

> justiça. Seus pontos de referência principais não eram as especulações teológicas dos rabinos e saduceus, senão a situação vital concreta dos enfermos e dos pobres, cuja necessidade era experimentar esperança, cura e salvação[82].

É bem verdade que uma opção assim custou muito caro, a própria vida. Mas sobre esta seriedade seus seguidores sempre foram esclarecidos, a fim de não estarem optando por facilidades ou conveniências, ou ainda por sujeição a qualquer situação em busca de mera conformidade[83]. Sua práxis, na realidade, tinha como intenção transformar o mundo com o conhecimento e a antecipação do Reino de Deus[84]. Ainda que isso gerasse confronto com estruturas organizadas no seu tempo, como os grupos religiosos, o que vinha a acontecer mesmo em nome de Deus. A vida de cada cristão, como discípulo, à luz da vida de Jesus, faz sua a opção que foi dele mesmo, é a forma que se deve tomar para assim encarnar a sua fé na realidade onde se vive.

Contudo, deve-se ter o cuidado de nunca resumir a práxis da fé a um ativismo, pois em relação ao que dizíamos a respeito do entendimento sem praticidade de transformação como sendo cego, aqui a atividade sem uma experiência profunda de comunhão com Deus se tornaria uma expressão vazia. Na sua vida cotidiana, por exemplo, Jesus, ainda que por muitas vezes estivesse cercado por multidões, nada procurava fazer fora da ocasião. Ele nunca procurou fazer espetáculo, mas agir e falar sempre em busca de edificação para os seus ouvintes presentes às suas ações, mesmo que por vezes provocasse neles muita admiração. Nunca se apressou em fazer além do que necessário, o que não o desviava das situações mais urgentes (cf. Jo 8,3-11). Por isso, era prioridade em sua vida a escuta de Deus (cf. Jo 15,15), isso era para Jesus como o fundamento para sua práxis.

É sempre de uma experiência profunda de Deus que se deve partir para qualquer missão, de onde, inclusive, virão os frutos[85]. A missão que não considerar como base esta escuta e encontro com Deus será vazia e não terá como fruto, senão o cansaço e a perda de tempo. Deus, ensina-nos a vida de Jesus, é a fonte inspiradora do agir cristão. A práxis da fé se reconhece e vizibiliza no amor[86], que é para nós questão fundamental (cf. *DCE,* 2), em suas duas dimensões fundamentais: a Deus que impulsiona e ao próximo a quem nos dirigimos por ela[87].

---

[82] Ibidem.
[83] Cf. Mt 5,11; 8,18-22; Mc 8,34-35; Jo 6,60; Lc 9,57-62.
[84] Cf. LORENZEN, *op.cit.* p. 298.
[85] Cf. Mt 14,23; 26,36; Lc 21,37; 22,39; Mc 14,32; Jo 8,1-2.
[86] Cf. Gl 5,6; Tg 2,14-16; Mt 5,13-16; 1 Cor 13,13.
[87] Cf. Mc 12,28-34; Mt 22,34-40; 1 Jo 4,20.

O destinatário de nossa práxis cristã é o mundo, que ao invés de ser negado, deve ser afirmado como criação de Deus, pela manifestação de seus filhos. O seguidor de Jesus permanece no mundo, implicado com a missão que lhe cabe (cf. Jo 17,11; 8,23); não deve ser tirado de lá (cf. Jo 17,15) sem que assuma o envio do próprio Jesus para sua transformação (cf. Jo 17,18. 21). É onde o aspecto práxico de Jesus leva-nos a lançar o olhar para a salvação no sentido criacional ou cosmológico. Vejamos como exemplo a responsabilidade relacional do agir cristão. Algumas dimensões[88] podem nos fazer entender a que horizontes devemos espalhar o compromisso cristão na realidade histórica:

- Existencial com Deus (conversão, adoração, oração);
- Compromisso com o próximo (missão, evangelização, justiça, libertação);
- Inquietude pela natureza (estilo de vida ecológico, ética do cuidado);
- Responsabilidade relacionada ao futuro (política, sociedade, justiça econômica etc.).

Dentre muitos aspectos que poderiam ser abordados aqui, delimitamos alguns que nos apontam para uma realidade ampla onde devemos ser uma presença cristã ativa. A saber: a realidade sócio-política, ecológica e cultural. Considerando esta última já mencionada quando abordarmos o tema da inculturação.

3.3.3. Dimensão sócio-política

Reconhecemos que Deus não criou os homens para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade, bem como santificá-los e salvá-los, não individualmente e com exclusão de qualquer ligação mútua, mas que viva como um povo que o reconhece em verdade e o serve em santidade (cf. *GS* 32). A realidade sócio-política como o meio de vivência da comunidade dos seguidores de Jesus, ao mesmo tempo, que se apresenta como lugar de realização da mesma, clama continuamente pelo seu sentido de mudança e transformação conforme o projeto de Deus. É aí que a Igreja como comunidade se entende a si própria e aponta sentido à realidade contextual por meio do seu testemunho (cf. *GS* 40).

A presença da Igreja na sociedade pretende ser uma manifestação do Reino de Deus que tem algo a oferecer a todos os indivíduos. A Igreja sabe muito bem que só Deus, a quem serve, pode responder às aspirações mais profundas do coração humano, que nunca

[88] Cf. LORENZEN, *op.cit.* p. 299-300.

plenamente se satisfaz com os bens terrestres (cf. *GS* 41). Neste sentido é que a pregação e testemunho da Igreja têm como destinatários a todos os indivíduos de cada época, pois nenhuma lei humana pode salvaguardar a dignidade e liberdade pessoal do homem, como o evangelho de Cristo confiado à Igreja (cf. *GS* 41).

Há ainda por parte da Igreja o reconhecimento do que há de bom no dinamismo social nos seus dias, principalmente no que diz respeito ao movimento para a unidade, o processo de sã socialização, associação civil e econômica (cf. *GS* 42). Em se tratando desses aspectos tão importantes para uma sociedade justa e fraterna, será sempre necessário o apoio da Igreja.

> Ela nada deseja mais ardentemente do que, servindo o bem de todos, poder desenvolver-se livremente sob qualquer regime que reconheça os direitos fundamentais da pessoa e da família e os imperativos do bem comum (*GS* 42).

Sem que perca sua novidade cristã, a Igreja é chamada a estar presente nas realidades mais gritantes da sociedade. O cotidiano é o seu lugar de testemunho. Não pode haver divórcio entre a fé professada e o cotidiano em que se vive, já que tal atitude, como já mencionamos anteriormente, é apontada entre os mais graves erros do nosso tempo. O descuido com o compromisso cristão referente ao contexto sócio-político implica na falta aos deveres para com o próximo, para com o próprio Deus e, além disso, põe risco à sua salvação eterna (cf. *GS* 43). Faz-se assim necessário um contínuo enraizamento da presença cristã na sociedade, a fim de que a proposta de Reino anunciado por Jesus, por meio da Igreja, nunca deixe de produzir seus frutos.

A vida pública de Jesus, na qual podemos encontrar resposta para a pergunta dos primeiros discípulos (cf. Jo 1,35ss), conforme lemos no Quarto Evangelho, mostra que sua participação nos diversos setores da sociedade do seu tempo foi uma presença questionadora de tudo quanto existia como desigualdade, exclusão, desconsideração da dignidade das pessoas. E ainda que não tomasse partido nenhum, dos segmentos do sistema vigente (cf. Jo 18,36), certamente foi um verdadeiro incômodo para todos, mesmo que sua intensão tenha sido de corrigir o que por ali encontrava-se fora do lugar. Basta perceber um pouco das palavras de Jesus aos judeus que tinham acreditado nele (cf. Jo 8,31ss).

A *Gaudium et Spes* descreve em poucas palavras o contexto sócio-político em que a Igreja vive. É um meio de constantes e profundas mudanças. Por este mesmo motivo, não

pode ficar alheia a estas situações. É neste meio que o caminho da Igreja vai também se fazendo.

> Profundas transformações se verificam nos nossos dias também nas estruturas e instituições dos povos, em conseqüência da sua evolução cultural, econômica e social; pois todas estas transformações têm grande influência na vida da comunidade política, especialmente no que se refere aos direitos e deveres de cada um no exercício da liberdade cívica, na promoção do bem comum e na estruturação das relações dos cidadãos entre si e com o poder público (*GS* 73).

Quando a sociedade, como uma comunidade política, busca o bem comum das pessoas, a valorização de sua dignidade e de seus direitos, age como quem pode dar as mãos à Igreja, que tem como missão levar a toda e qualquer pessoa a reconhecer-se em seu devido valor frente à sociedade, onde vive, e frente a Deus, de quem recebeu a vida. Este bem comum para o qual existe a comunidade política compreende o conjunto das condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançarem mais plena e facilmente a própria perfeição (cf. *GS* 74).

A fé cristã não poderia pretender sua expressão de forma descontextualizada, e nem deveria. O lugar contextual onde se vive, com suas circunstâncias próprias, é que motiva a Igreja a viver sua missão, sendo aí também uma condição de possibilidade de auto-avaliação como aquela que continua o projeto de transformação iniciado por Jesus. A atividade da Igreja sempre encontrará espaço para sua ação missionária em qualquer contexto sócio-político, haja vista que é aí, no chão da história, onde o evangelho deve ser eficaz.

3.3.4. Dimensão ecológica

O Verbo de Deus tomou forma no *mundo* (cf. Jo 1,10). Portanto, ainda que na teologia joanina este tema possa também significar uma organização que rejeite a Deus e sua revelação (cf. Jo 12,31; 1 Jo 2,16), Jesus foi enviado pelo Pai para salvá-lo (cf. Jo 3,16) e ora pelos seus discípulos que aí estão (cf. Jo 17,1ss). Pois é no mundo onde os frutos devem ser produzidos (cf. Jo 15,16). Como obra criada por Deus e lugar de formação e desenvolvimento da comunidade cristã, a missão eclesial com a mensagem trazida por Cristo em nada deve ser indiferente no que diz respeito ao que seja próprio do ser humano. A ecologia entra nesta dimensão.

A comunidade cristã deve estar sempre solidária com todo o gênero humano e sua respectiva história. Ainda que não seja do mundo, está nele e não pode jamais omitir suas ações de transformação conforme a vontade daquele que a enviou (Jo 17,18). Dentro deste

âmbito entra a ecologia como interesse próprio da história humana. A este respeito são bastante esclarecedoras as palavras da *Gaudium et Spes*:

> As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos seres humanos de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada de verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, sua comunidade se constitui de seres humanos que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, em sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história (*GS* 1).

Um breve estudo, realizado por José Roque Junges[89], ajuda-nos a compreender esta realidade da ecologia, desde uma situação de crise que nos é evidente diante dos olhos, bem como a ampla forma que esta mesma afeta, sobretudo entre os seres humanos e, finalmente, até a ação cristã (eclesial) que venha a significar um empenho responsável frente a tal contexto.

Quem não ouve falar de temas como buracos na camada de ozônio, mutações climáticas provocadas pelo efeito estufa, desaparecimento de florestas devido ao desmatamento, rios poluídos etc.? Não dá para fugirmos desta realidade de crise. Não é algo que somente assistimos, mas que traz consigo a marca da grande [ir]responsabilidade do ser humano. A realidade ecológica atual grita por um novo paradigma de relação com a natureza entre os seres humanos[90].

Enquanto alimentamos a mentalidade de que a natureza deve ser concebida unicamente como recurso explorável, ao lado do ser humano que procura se impor como senhor absoluto de todos os outros seres vivos, a crise ecológica só tenderá a crescer, ameaçando inclusive – e principalmente – o próprio ser humano, grande responsável para que haja uma reversão neste quadro.

O que fica claro é que nossa "casa comum", devido à maneira em que nela habitamos, está em ruínas. Diante deste fato, por ser comum a todos, esta casa ecológica, deve

---

[89] Cf. JUNGES, J.R., *Ecologia e Criação:* Resposta cristã à crise ambiental. São Paulo: Loyola, 2001.

[90] Idem., p. 7. O autor defenderá a afirmação, que é indubitavelmente evidente, de que a crise ecológica se traduz também em uma crise social. Dirá que "não existe apenas uma poluição da natureza, mas também uma poluição social, que se evidencia nas chagas da pobreza e da injustiça: a dissonâncias do ser humano com a natureza são o reverso da medalha das dissonâncias do convívio dos seres humanos entre si".

também ser a nossa responsabilidade para a possível e urgente reversão. O ser humano precisa despertar para sua verdadeira "localização" no sistema cosmológico. De senhor, deve reconhecer-se membro, colocando assim todas as suas capacidades em função do todo, que é o seu próprio *hábitat*. É muito perigoso que o ser humano posicione-se autonomamente em relação à natureza, a ponto de não mais se sentir parte dela. A maturidade não implica necessariamente independência, sobretudo quando pensamos a relação com o que nos ajuda em nossa autocompreensão como pessoas.

> Os problemas ecológicos questionam os próprios fundamentos da civilização moderna: individualismo, autonomia, ciência, técnica, industrialização, urbanização, consumismo e conforto. A compreensão do ser humano como referência e medida de todas as coisas está sendo criticada, porque criou um distanciamento e até uma oposição entre o humano e o natural[91].

Duas encíclicas de João Paulo II expressam esta preocupação da Igreja pelo fator ecológico, a saber, *Centesimus annus* e *Evangelium vitae.* A primeira lançará uma critica à atitude do homem que pensa poder dispor de forma arbitrária da terra, explorando-a de forma independente. Parecendo até mesmo substituir o próprio Deus. Desta forma, vem, ao contrário de cuidar responsavelmente, tiranizar o que é propriedade sagrada[92].

> ***(...) Enquanto justamente nos preocupamos, apesar de bem menos do que o necessário, em preservar o "hábitat" natural das diversas espécies animais ameaçadas em extinção, porque nos damos conta de particular contribuição que cada uma delas dá ao equilíbrio geral da terra, empenhamo-nos demasiado pouco em* salvaguardar as condições morais de uma autêntica "ecologia humana". *Não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção originária do bem, segundo o qual lhe foi entregue; mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar a estrutura natural e moral, de que foi dotado (*CE *38).***

A *Evangelium vitae* recordará que o homem recebeu de Deus a responsabilidade de cuidado, proteção e cultivo de toda sua obra criada, participando, desta forma, do domínio que é próprio de Deus, sobre o mundo. O ser humano é chamado a cultivar e guardar o jardim do mundo, tomando então como sua a tarefa responsável sobre a criação de Deus. Mas lembre-se que este poder dado a ele por Deus nunca deve ser confundido como possibilidade

[91] Ibid., p. 9.
[92] Ibid., p. 82.

de uso abusivo, nem de governo destruidor[93]. Há, pois, que observar que a atitude do ser humano em relação à natureza não se submete apenas a leis biológicas, é muito mais que isto. A referida encíclica clareia nossa compreensão a respeito do que deve e do que não deve o ser humano relacionado à criação quando diz:

> Defender e promover, venerar e amar a vida é tarefa que Deus confia a cada homem, ao chamá-lo enquanto sua imagem viva a participar do domínio que ele tem sobre o mundo (cf. Gn 1,28). (...) Na realidade, o domínio conferido ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de liberdade de usar e abusar, ou de dispor das coisas como melhor agrade. A limitação imposta pelo Criador, desde o princípio, e expressa simbolicamente pela proibição de "comer do fruto da árvore" (cf. Gn 2,16-17), mostra com suficiente clareza que, nas relações com a natureza visível, estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem ser impunemente transgredidas (*EV* 42).

É, pois, neste contexto ecológico que a missão da Igreja se faz exigente. Não pode se omitir. Como dito antes, o que tem a ver com o ser humano, tem a ver com a mensagem salvífica de Cristo, que é no que consiste a pregação da Igreja.

Chegando então a esse ponto de nossa reflexão, pensamos no que mais poderia ser dito a respeito de tudo isso: práxis, compromisso, seguimento, testemunho etc. É toda uma realidade sugestiva e inquietante. Mas, resta-nos aprofundar sempre mais na própria vida esta responsabilidade de constantemente fazer acontecer os efeitos e significado da práxis de Jesus para a vida cristã atual. Para isso, carregamos conosco, o que é próprio de nossa vocação batismal, o nome de cristãos com tudo o que ele significa. É preciso que sejamos verdadeiros discípulos em nossos dias; que nossa prática seja a prática de Jesus continuada, nossa vida testemunhe a sua e deixemos sempre e a cada dia ecoar em nosso coração sua palavra que nos diz: "(...) *Um exemplo vos dei: o que eu fiz por vós, fazei-o vós também!"* (Jo 13,15).

[93] Ibid., p. 83.

3.4. Síntese

Ao reconhecer-se "Corpo de Cristo", a Igreja tem como sentido de seu ser, de sua prática, a continuação e expansão do ensino de Jesus pelo mundo inteiro. Sendo ela herdeira do ensino dos apóstolos, formados em torno do Mestre, vive para evangelizar à luz dos ensinamentos de Jesus, encontrados em suas palavras e suas ações.

Sabemos que a Igreja não esgota o Reino de Deus. Porém, tem a missão de anunciá-lo a todas as gentes, constituindo assim o seu germe e início. Perpassa pela contingência histórica como a comunidade dos discípulos de Jesus, de forma aberta ao mundo, procurando manter fidelidade à ordem do Senhor: "Fazei de todas as nações discípulos meus!". Sua finalidade ou razão de ser será medida pela contínua "volta" às suas raízes fontais, a saber, a comunidade primeira, o que acontece por meio da ação de fazer memória. É necessário, portanto, um contínuo recurso às primeiras experiências de discipulado em torno do Mestre.

Neste sentido, a Igreja vai levando à frente a sua responsabilidade missionária de, à luz do ensinamento de Jesus, anunciar a boa-nova do Reino a todas as realidades e situações, conforme os tempos e gerações de uma forma adequada ao que o homem e a mulher contemporâneos necessitem. Uma vez formada, instruída, orientada, agora ela é chamada a ser mestra, a ensinar em nome do seu Senhor. Suas atitudes, ensinamentos, ou quaisquer meios de expressão devem refletir, nada mais que o que recebeu e aprendeu das palavras e atos de Jesus, fonte do seu ensino. Passa a ser agora a testemunha fiel da novidade de Jesus, procurando ter algo sempre novo a dizer para cada tempo em que evangeliza.

Ora, ainda que os tempos apareçam como descrentes[94] sem dar espaço para o testemunho do evangelho, a Igreja deve estar refletindo no seu testemunho a conscientização de que, sem Deus, o homem torna-se desumano consigo mesmo e com seus semelhantes e que para a ordem de suas relações, o ser humano precisa de Deus, fonte de toda verdade, justiça e amor. O ser humano precisa saber que, mesmo que sua existência aconteça nessa história, neste chão – valiosos, porém efêmeros – há algo mais, para além de tudo isso, que cabe a ele conhecer e desvendar.

---

[94] Ainda que percebamos no cotidiano muitas "manifestações de fé", onde uma considerável quantidade de pessoas "inventa" seu jeito de crer como proposta de soluções provisórias - como se a religião fosse fruto de iniciativas proselitistas – é ainda muito perceptível a carência do conhecimento e experiência da fé que tem suas raízes na Escritura Sagrada. Esta sim gera uma verdadeira libertação na vida do crente. Sobre este tema ver: LIBÂNIO, *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação, op. cit.*

É claro que nem sempre é fácil assumir a missão que a Igreja tem. Mas se fossem as dificuldades que orientassem o olhar para frente, talvez o próprio Jesus teria agido diferente. Mas como "o servo não é maior que o senhor", resta à Igreja a convicção e a perseverança. Os desafios sempre aparecerão. No entanto, a Igreja sabe que já nos seus inícios também houve dificuldade, perseguições ou qualquer outra forma que viesse a ameaçar a pregação do evangelho. No entanto, a convicção de que foi chamada, instruída e enviada pelo próprio Jesus, é que a faz seguir sem desanimar na missão. Há então o reconhecimento de que ainda que os tempos sejam desafiantes, a perseverança na missão deve continuar, pois são estas realidades que mais reclamam e precisam do conteúdo de sua pregação, que está na própria vida de Jesus. Pregação esta que, considerando Jesus e seu significado para a humanidade, tem uma perspectiva universal. A Igreja é, pois, inseparável de Cristo, e quando recorre a ele é para evangelizar, ao mesmo tempo em que é evangelizada.

À maneira do Senhor, a Igreja deve trilhar os seus caminhos, assumindo sua postura, suas opções, suas iniciativas. Não é de uma forma distante que ela segue o seu Senhor, pois o Mestre ressuscitado é presença constante em meio aos seus. No entanto, procura ter com ele uma identidade e comunhão concretas para que, no decorrer de sua presença no mundo, ela não seja vista como uma instituição qualquer mas com qualidade, a comunidade enviada pelo próprio Senhor.

Ora, falar dessa representatividade da Igreja em relação a Jesus é o mesmo que perceber nela os traços mais fundamentais que marcaram sua vida, na qual podemos ver, com maior ênfase, a valorização da pessoa como tal, a condição humana.

A Igreja se reconhece como a mediação e continuação histórica da missão de Cristo; é o seu sacramento, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da humanidade e da unidade de todo gênero humano. Porém, em meio a transitoriedade da história, sendo aí o seu campo de missão, não se deixa levar pelas glórias terrenas, mas, como foi a vida de Jesus, deve caminhar na humildade e renúncia do que não lhe for útil ou significativo.

O serviço deve caracterizar a vida da Igreja. Por meio da diaconia e profetismo, ao mesmo tempo, deve afirmar a benevolência de Deus para com todas as pessoas. Sua inserção na realidade por onde passa demonstra que todos são destinatários da mensagem que traz consigo e que ali há um lugar para todos quantos quiserem um compromisso maior com a causa de Jesus, em favor de um mundo mais solidário e humano. A Igreja, assim como fez Jesus, evangeliza orientando a todos nos caminhos de Deus, e convocando à adesão desse

projeto de um reino novo, que tem a ver com todas as pessoas, independente da situação em que vivem. Todos são chamados.

Na América Latina há uma expressão muito própria desta dimensão do seguimento de Jesus. Aí o seguimento pode ser caracterizado pelo compromisso e prosseguimento de sua causa, considerando os marginalizados, desfavorecidos; pela percepção dos sinais dos tempos, percebendo na própria história a necessidade da missão; um seguimento dinâmico/criativo a partir da leitura do evangelho; e gratuidade, vivência comunitária e celebração da fé.

Neste mesmo contexto, encontramos como que toda uma orientação prática por meio do que significou o *CV II*, que ali chegou através das conferências gerais do episcopado latino-americano: Medellín, Puebla e Santo Domingo, cada uma com sua particularidade e importância para o momento em que ocorreu, influenciando também outras épocas da Igreja.

A missão da Igreja vai acontecendo face às exigências de cada momento histórico. Ela, como mestra, agora enviada a ensinar o que aprendeu, é convocada a estar em contínuo exercício de discipulado. Se as necessidades históricas são contínuas e gritantes, também permanente deve ser sua escuta, atenção e fidelidade àquele que a chamou como discípula e a enviou como mestra em seu nome. A memória da vida de Jesus será sempre necessária; Jesus estará sempre a ensinar, a orientar, a enviar.

Quanto à abrangência da missão da Igreja não se destina a alguns, mas a todos quantos quiserem escutar e seguir. Foi assim com Jesus. Não só ensinava aos doze, mas às multidões, indistintamente. Este, entre outros gestos de Jesus, fala muito forte e inspira a ação da própria Igreja hoje. Isso identifica a própria Igreja.

Jesus sempre mostrou sua identidade na sua prática. Também assim deve ser a Igreja: no que pratica deve explicitar aquilo que ela é, pela vivência da pregação, do amor, do acolhimento, do diálogo, enfim. Tal como foi clara a prática de Jesus, mostrando aí quem ele era e o que pretendia, seja também assim a práxis dos seguidores. A prática, a mística, a opção de cada cristão devem ser as mesmas de Cristo.

A comunidade cristã, portanto, deve, sobretudo, optar pela vida e sua defesa. Sendo fermento em todos os setores da realidade em que vive, por meio de uma contínua fidelidade ao Mestre, tenha sempre algo a dizer ao seu contexto, desde o sócio-político até o ecológico com todos os cuidados que venham a implicar. O que se aprende no seio da comunidade deve-se testemunhar às mais longínquas expressões de sua necessidade.

A consciência de cada cristão de sua dimensão comunitária leva-o a ser, pelo seu batismo, não uma presença isolada no mundo, mas uma presença da Igreja de que faz parte.

Os cristãos não são enviados isoladamente, mas como Igreja, como comunidade. É a Igreja que os envia. Portanto, o seguimento de Jesus na vida da Igreja não se faz por iniciativa particular de cada um – ainda que o compromisso pessoal seja de fundamental importância – mas em comunhão com o que ensina a comunidade como um todo, como um corpo constituído pelo próprio Cristo.

CONCLUSÃO

Depois de muitos séculos de cristianismo, a vida de Jesus continua sendo uma fonte de descobertas para os seus seguidores. Dela podemos tirar orientações para a vida cotidiana de qualquer época. Logo, nunca se poderá esgotar a novidade que a vida daquele Mestre tem a oferecer. Ainda que sempre acessível pela nossa experiência de fé, também sempre nos escapará naquilo que podemos dizer de sua totalidade. Sua condição humano-divina revela-nos que de fato é semelhante a nós, é Deus conosco, ao mesmo tempo que impele-nos a ver, para além deste *mundo* - necessário para nossa historicidade -, nossa verdadeira *permanência.* A vida concreta do Mestre Jesus convida-nos a *ir* e *ver* o "mais" que somente o verdadeiro compromisso com a sua pessoa/mensagem pode nos favorecer.

Seria muita pretensão de desejar conclusões exaustivas ao final desta pesquisa. Mesmo tendo delimitado as perícopes a serem analisadas, muito mais se poderia concluir das mesmas. O que daí tiramos como fruto da pesquisa é limitado pela ótica de quem a faz, no entanto abre para uma nova ótica, uma nova percepção e descoberta. Como Palavra de Deus, o Evangelho de João - mais especificamente nestas seis perícopes - será para cada leitor uma fonte inesgotável.

O conteúdo do ensinamento de Jesus está no cotidiano de sua vida. Sua fonte de aprendizado é sua comunhão e unidade com o Pai e seu espaço favorável para o ensino são os diversos lugares e ocasiões em que fala e vive a vontade de Deus; onde encontra corações abertos e desejosos de aprender o que qualquer escola rabínica até então não ensinara. É um Mestre que se mostra novo, teórica e praticamente, revelando assim uma profunda coerência nestas duas dimensões. Mostrava assim uma autoridade admirável, cuja expressão sobressaía ao que os mestres contemporâneos seus consideravam como tal.

A conduta de Jesus significou para os seus discípulos um ensino prático. Em suas ações concretas explicitava-se aquilo que era próprio do seu projeto missionário. Mais do que informações teóricas ou legais havia ali uma grande implicação ética como proposta para os seus ouvintes que aderindo a ele tornavam-se seguidores e, finalmente, comunidade. Diante

do forte apelo perceptível na vida de Jesus, as pessoas deixam de ser mais um na multidão e transformam a escuta em compromisso e até mesmo em configuração com o Mestre. Procuram fazer sua a missão daquele que pelo poder do exemplo os atrai para o seu caminho.

Além do mais, a perspectiva do ensino de Jesus era universal. O que vinha a importar para ele não era tanto a procedência no sentido de uma tradição acabada e, muito menos, fechada a possíveis moções que o Espírito poderia apontar. Contaria, no entanto, com a ousadia de abrir novos caminhos, onde todos deixar-se-iam conduzir pela vontade de Deus mediante as necessidades dos tempos em que vivessem. Sendo, pois, esta a realidade da vida de Jesus, não poderia ser diferente a dos seus seguidores.

Evidentemente, não podemos imaginar Jesus fora de seu tempo e de sua cultura e religião. Ele de fato assumiu a historicidade humana, contextualizando-se historicamente como qualquer outra pessoa. Por isso, mesmo na sua condição de mestre, ele enquadra-se numa "continuidade", uma vez que para a fé cristã Jesus vem cumprir as Escrituras. Jesus não veio abolir a Lei, mas plenificá-la (cf. Jo 10,35). Ele é, para os cristãos, o ápice da profecia judaica. Nele a Escritura toma o seu sentido pleno. Ele é o novo Templo (cf. Jo 2,13ss). *Se a Lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo* (Jo 1,17).

Porém, a marca da descontinuidade, e com isso a originalidade de Jesus, é também evidente em seu contexto. Para o Quarto Evangelho é tão chocante essa ruptura que por três vezes chega a mencioná-la (cf. Jo 9,22.35; 12,42; 16,2). O evangelista chega a apresentar os próprios judeus como adversários de Jesus (cf. 8,17; 10,34; 15,25; 6,58). Isso reflete a situação da própria comunidade, isto é, viver concretamente o destino e a opção vivenciados pelo Mestre. A fé em Jesus é o que agora distingue os "judeus" dos judeus-cristãos. Tudo a partir disso são conseqüências. O fato da exclusão da Sinagoga marcou a descontinuidade das tradições judaicas.

À pergunta dos discípulos "onde moras?" – que deixa transparecer seu desejo de saber qual o estilo de vida de Jesus, seu itinerário, seus sonhos –, ao mesmo tempo que ele lhes responde, lança um convite: "Vinde e vede!", explicitando aí que a descoberta de sua vida, do seu projeto, ou onde ele *permanece*, vai sendo descoberto no ato do seguimento. Somente àqueles que são próximos e fiéis seguidores é dada a possibilidade de conhecê-lo e desvendar o mistério de sua pessoa.

Como então a vida de Jesus foi caracterizada pela radicalidade do que se assumia como missão, sua mensagem, que traduzia sua postura, levava os que o ouviam a tomarem uma postura também radical. O discipulado de Jesus supõe a condução do mesmo Espírito

que o conduz, porque "sopra onde quer". Muda-se agora a esfera vital do chamado; é realmente um novo nascimento pela ação do Espírito, onde se caminha a partir da vontade de Deus e em direção a ela. Manifesta-se aí uma nova existência em Deus pela experiência tida com a pessoa/mensagem de Jesus.

Ainda que o judaísmo, com toda sua tradição histórico-religiosa, se entenda como o povo escolhido por Deus, mesmo que em uma dimensão funcional, em Jesus todos teriam acesso ao plano de Deus, pois por meio desse Mestre todos agora seriam ensinados por Deus; bastava a docilidade à revelação do Filho, que vem a ser a palavra mais clara, audível e "visível", no que diz respeito à revelação de Deus.

As palavras de Jesus são desconcertantes quando não entendidas como espírito e vida. Quem não as entende é até capaz de abandoná-lo, ao contrário dos que nelas mergulham e que percebem aí o sentido da própria vida. Estes não mais se entendem a si próprios senão a partir do seguimento ao seu Mestre. O testemunho de Jesus na prática também mostra que os critérios do Mestre e Senhor, tal como é revelado aos seus, passa necessariamente pela dimensão da diaconia, quando lava os pés dos discípulos, chamando-os de amigos e sendo capaz de dar a vida por eles. Longe de ser um simples exemplo isolado, apresenta-se como modelo a ser praticado no seio de sua comunidade. A humildade e o serviço devem caracterizar aqueles que por ele optam. Se Jesus ensinou pela palavra e pela ação, o discípulo deve aprender na escuta e praticidade. Tal como foi Jesus enviado pelo Pai, assim também os envia a ser continuadores do seu testemunho em qualquer realidade que clame pela práxis cristã.

A fidelidade de Jesus está para além da sua morte. Como ressuscitado se mantém o mesmo Mestre fiel a ensinar a sua comunidade que nunca deixará de ter necessidade de escutá-lo. Na força do seu Espírito - presença do Jesus ausente - não deixará os seus viverem como órfãos. A partir de então, sua comunidade levará a responsabilidade confiada pelo Mestre em sua missão. A certeza da *permanência* de Jesus em seu meio levará a comunidade cristã a ser fiel ao Mestre, assim como ele o foi ao Pai. Desta forma, o significado da vida de Jesus será o conteúdo da pregação evangélica pela voz da Igreja que pela força do seu exemplo missionário, estará em cada tempo propondo ao mundo o convite de Jesus para que *venham* e *vejam*.

A prática pastoral da Igreja no mundo vem, pois, continuar o que Jesus começou, e ser sua a adesão continuada. A Igreja, por sua vez, para manter-se fiel à sua missão, precisa manter viva suas raízes no que diz respeito à experiência da comunidade primeira, a saber, a

vivência dos discípulos em torno do Mestre. Diante do mundo, ela agora é mestra, e como tal sua condição de discípula deve ser intensificada a cada dia. Presente no mundo, ensina; diante de Jesus, aprende e está em constante formação. A vida de Jesus e tudo o que veio a significar faz-se assim a fonte inesgotável da Igreja naquilo que deve aprender e retomar para o seu ensino, conforme as necessidades e sinais dos tempos.

É necessário que a Igreja procure caminhar com o passar da história. No entanto, aquilo que lhe é próprio em identificação com Jesus, o seu Mestre, nunca perderá sua atualidade. Por isso, é preciso deixar claro que, no processo da evangelização, com o passar do tempo, o que pode ser denominado de "antigo" - mas não caduco - nunca perderá sua autoridade. Passa-se o tempo cronológico, mas o sentido cristológico-salvífico da Igreja não pode perder sua força.

A eficácia do ensinamento de Jesus continua a acontecer na comunidade cristã em nossos dias. Cada batizado, na condição de discípulo de Jesus, ao aumentar a sua consciência da missão que recebeu como tal, deverá procurar crescer na experiência pessoal de seguimento do Mestre. Todavia, uma dimensão aí não pode ser esquecida: a comunitária. Se esta vier a faltar, a prática de sua fé cristã deverá ser questionada. Está na raiz do seguimento de Jesus a dimensão comunitária da fé. Não se pode prescindir deste eixo. Não se pensa na fé cristã vivida isoladamente, como quem não tem compromisso com a comunidade da qual recebeu a fé e que por isso mesmo precede a fé pessoal. Cada cristão deve sentir-se um verdadeiro missionário na realidade em que vive, mas não pode esquecer que carrega em si a representatividade da Igreja que o envia.

Jesus e sua proposta de vida serão sempre a principal escola para a missão da Igreja. Por meio da diaconia e do profetismo, que devem andar juntos, deve afirmar a benevolência de Deus para com todas as pessoas. Sua inserção na realidade por onde passa demonstra que todos são destinatários da mensagem que traz consigo e que ali há um lugar para todos quantos quiserem um compromisso maior com a causa de Jesus, em favor de um mundo mais solidário e humano. A Igreja evangeliza, como o fez Jesus, orientando a todos nos caminhos de Deus e convocando à adesão ao projeto de um reino novo, que tem a ver com todas as pessoas, não obstante a situação em que vivem. Todos são chamados! Ainda que a determinação da resposta aconteça mediante a forma com que cada um recebeu a revelação de Deus em Jesus, e assim possa optar livremente.

A amplitude do alcance da missão de Jesus deve agora caracterizar também a da Igreja. Onde quer que haja alguém precisando dos ensinamentos de Jesus por meio de sua

Igreja, esta deve se sentir enviada. Como a prática de Jesus o identificou, também a prática da Igreja deve identificá-la. Tal como foi a prática, a mística e a opção de Jesus, assim devem ser as de cada cristão, membro da Igreja.

O seguimento de Jesus deve assim ser a mais fiel característica da Igreja em cada época. O hoje missionário da Igreja depende fundamentalmente do ontem em que ela começou a ser ao aprender do Mestre. Para ter o que falar ao mundo sedento de novidade, nada mais fiel e coerente que estar sempre voltando à vida, à prática, à mensagem do Mestre, que, ao entender-se e revelar-se como o enviado do Pai, decide precisar de colaboradores no decorrer da história para enviá-los ao mundo, dando continuidade à sua missão.

O que se aprende do testemunho de Jesus como Mestre divino deve ser perceptível na vida da Igreja; é ela que, no exercício de sua missão, mostrará a todos quantos puderem escutar, que a práxis de Jesus, num primeiro momento, é ensino direto para a sua comunidade. No entanto, tem a ver com qualquer realidade humana onde Jesus, por meio da Igreja, quer chegar com a boa-nova do Reino de Deus.

Por fim, ao final desta pesquisa, voltada para a dimensão práxica da vida de Jesus na condição de Mestre, no Quarto Evangelho, entre outras coisas, constatamos que o caminho continua. O seguimento dá-nos acesso a ele, mas não o esgota porque sua construção e descoberta contínuas acontecem na firmeza de cada passo e convicção da resposta. Fica então o convite ao leitor para *ir* e *ver* a novidade desta vida, a profundidade de suas palavras e o que é próprio do Mestre Jesus e, finalmente, *permanecer* no caminho descobrindo pelo próprio seguimento o que é específico de cada experiência.

BIBLIOGRAFIA

Instrumentos de Trabalho:

BAUER, Johannes B., *Dicionário de Teologia Bíblica,* São Paulo: Edições Loyola, 1988.

EICHER, P., *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1999.

LACOSTE, Jean-Yves (Coord.), *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

NESTLE, E. - ALAND, K. (ed), *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 1993, 27ª ed.

Obras Gerais:

BARBAGLIO, G. *et al., Os Evangelhos.* São Paulo: Loyola, 1990.

BARREIRO, A., *Igreja: Povo santo e pecador.* São Paulo: Loyola, 2001.

BENTO XVI, Papa, Carta Encíclica *Deus Caritas est.* Aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2006.

BLANCHARD, Yves-Marie, *Dês signes pour croire?* Une lecture de l'évangile de Jean. Paris: Les Editions du Cerf, 1995.

BLANK, Josef, "Seguimento" *in* DCFT. São Paulo: Paulus, 1993, pp. 819-822.

BRITO, Jacil Rodrigues de, "A relação mestre-discípulo nas tradições judaica e cristã", RIBLA 40 (2002) 147-160.

BROWN, R. E., *El Evangelio según Juan.* Madrid: Cristandade, 1979.

CECHINATO, Luiz, *Os vinte séculos da caminhada da Igreja.* Principais acontecimentos da cristandade desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Petrópolis: Vozes, 2001.

COMBLIN, J., *O Enviado do Pai.* Petrópolis: Vozes, 1974.

COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL – DOCUMENTOS (1969-1996), *Veinticinco anos de servicio a la teologia de la Iglesia.* POZO, Cândido (org.), Madrid: BAC, 1998, pp. 557-603.

CONCÍLIO VATICANO II*, Constituição Dogmática "Lumen Gentium",* in DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II, São Paulo: Paulus, 2001.

DODD, Charles H., *A interpretação do Quarto Evangelho.* São Paulo: Editora Teológica – Paulus, 2003.

FABRIS, R. – MAGGIONI, B., *Os Evangelhos,* II. Tradição e Comentários. [Col. Bíblica Loyola 2] São Paulo: Loyola, 1992.

FLANAGAN, Neal M., *in* BERGANTE, D. – KARRIS, R. J. (org.), Comentário Bíblico, III, São Paulo, Loyola, 1999, p. 109-141.

FORTE, B., *A Igreja Ícone da Trindade.* Breve Eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1987.

FREITAS, Maria Carmelita de, *Uma opção renovadora.* A Igreja no Brasil e o Planejamento Pastoral. Estudo Genético-Interpretativo. São Paulo: Loyola, 1997.

GALLEGO, A., "El seguimiento de Jesús en Medellín, Puebla y Santo Domingo". PÁGINAS – Centro de Estudios y publicaciones, 198 (2006) 15-25.

GIBLET, Jean, "Développement de la théologie Johannique". *in* JONGE, M. de (ed). *L'Evangile de Jean.* Sources, rédaction, théologie. Leuven: Presses Universitaires de Louvain, 1987, pp. 45-72.

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, *Conclusões de Medellín*, São Paulo: Paulinas, 1979.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Puebla: Conclusões. São Paulo: Loyola, 1980.

IV CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, *Santo Domingo*: Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã. Petrópolis: Vozes, 2003.

JOÃO PAULO II, Papa, Carta Encíclica *Evangelium vitae:* sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Loyola,, 1995.

JOÃO PAULO II, Papa, Carta Encíclica *Centesimus Annus:* no centenário da Rerum Novarum. São Paulo: Paulinas, 1991.

JOÃO XXIII, Papa, Carta Encíclica *Mater et Magistra*. Sobre a evolução da questão social. Petrópolis: Vozes, 1961.

JUNGES, J.R., *Ecologia e Criação:* Resposta cristã à crise ambiental. São Paulo: Loyola, 2001.

KEENER, C., *The Gospel of John* – A Commentary. Vol. I. EUA: Handrickson Publishers, 2005.

KEHL, M., *A Igreja.* Uma eclesiologia católica. São Paulo: Loyola, 1997.

KLOPPENBURG, B., *A Eclesiologia do Vaticano II.* Petrópolis: Vozes, 1971.

KONINGS, J., *Evangelho segundo João.* Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

_____., *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q".* São Paulo: Loyola, 2005.

KREDEL, E. M., "Seguimento", *in* BAUER, J.B (org.) DTB, I, São Paulo: Loyola, 1973.

KUHN, U., "Igreja", *in* LACOSTE, Jean-Yves. DCT. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2004.

LÁPIDE, P., O. *O Sermão da Montanha.* Utopia ou programa?. Petrópolis: Vozes, 1972.

LÉON – DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João I-IV.* São Paulo: Loyola, 1995-1998 [Col. Bíblica Loyola 13-16].

_____, *Vocabulário de Teologia Bíblica.* Petrópolis: Vozes, 1972.

_____, *Os Evangelhos e a história de Jesus.*São Paulo: Loyola, 1972.

LIBÂNIO, J. B., *Eu creio – Nós cremos.* Tratado de fé. São Paulo: Loyola, 2000.

_____, *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem Ediciones, 2001.

_____, *Concílio Vaticano II:* Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES GONÇALVES, P. S – BOMBONATO, V. I (org.), *Concílio Vaticano II.* Análises e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2004.

LORENZEN, T., *Resurrección y discipulado – Modelos interpretativos, reflexiones bíblicas y consecuencias teológicas.* Santander: Sal Terrae, 1999 [Col. Presencia Teológica].

MANNS, F., *L'Evangile de Jean à la lumière du Judaisme.* [Analecta 33]. Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1991.

MATEOS, J. – BARRETO, J., *O Evangelho de São João* – análise lingüística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989.

MATOS, Henrique Cristiano José de, *Introdução à História da Igreja*, I. Belo Horizonte: Lutador, 1997.

MINETTE de TILLESSE, G., "Jeremias", *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 19, n. 1-2, p. 110-129, 2002.

_____, "A Teologia do Novo Testamento", *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 13, n. 1-4, p. 734-770, 1996.

_____, "O Problema Sinótico", *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 5, n.1, p. 3-22, 1988.

_____, "Nova Jerusalém – Eclesiologia", *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 2, n.3, p. 273-276, 2003.

ORSATTI, M., *Giovanni.* Il Vangelo 'ad alta defizione' Milano: Ancora, 1999.

OVERMANN, J. A., *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo.* O mundo social da comunidade de Mateus. São Paulo: Loyola, 1997[Col. Bíblica Loyola, 20].

PAULO VI, Papa, Exortação apostólica. *Evangelii Nuntiandi.* Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 2005 [18º Ed.]

PELLÁ, A V., *Agora Chegou a Salvação*: proposta de Cristologia Soteriológica para a América Latina. Cascavel / PR: Coluna do Saber, 2004.

RUIZ DE GOPEGUI, J. A., "O Concílio Vaticano II: quarenta anos depois", *Perspectiva Teológica,* Belo Horizonte, v. 37, n. 101, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según Juan.* Exégesis y excursus complementarios, *t.* III: Barcelona: Ed. Herder, 1980 a 1987.

SEGALLA. G., *San Giovanni,* Fossano: Esperienze, 1972.

SESBOUÉ, B (dir.), *Os Sinais da Salvação (séc. XII – XX)* São Paulo: Loyola, 2005 [História dos Dogmas, 3].

THEISSEN, G. – MERZ, A., *O Jesus Histórico: u*m manual. São Paulo: Loyola, 2002.

VANCELLS, T. J., *O testemunho do Quarto Evangelho.* Introdução ao estudo do quarto Evangelho. Petrópolis: Vozes, 1989.

VAWTER, B., "Evangelio Segun San Juan", in *Comentario Bíblico San Jerónimo*, tomo IV. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972.

VELASCO, R., *A Igreja de Jesus:* processo histórico da consciência eclesial. Petrópolis: Vozes, 1996.

VERMÈS, G., *A religião de Jesus, o Judeu.* Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____, *Jesus, o judeu*: uma leitura dos evangelhos feita por um historiador. São Paulo: Loyola, 1990.

WIEDENHOFER, S. "Eclesiologia", *in* SCHNEIDER, Theodor (org.) *et al, Manual de dogmática,* II. Petrópolis: Vozes, 2000, 50-142.